

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

YAN PATRICK BRANDEMBURG SIQUEIRA

**EU NÃO QUERIA PRECISAR LUTAR:
A ESCRITA DE UM ROMANCE**

VITÓRIA
2021

YAN PATRICK BRANDEMBURG SIQUEIRA

**EU NÃO QUERIA PRECISAR LUTAR:
A ESCRITA DE UM ROMANCE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para aprovação no Doutorado em Letras, na área de concentração em Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Wilberth Salgueiro

VITÓRIA

2021

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

Se Siqueira, Yan Patrick Brandenburg, 1990-
Eu não queria precisar lutar : A escrita de um romance / Yan
Patrick Brandenburg Siqueira. - 2021.
206 f.

Orientador: Wilberth Claython Ferreira Salgueiro.
Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Escrita Criativa. 2. Romance. 3. Distopia. 4. Utopia. I.
Salgueiro, Wilberth Claython Ferreira. II. Universidade Federal
do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III.
Título.

CDU: 82

YAN PATRICK BRANDEMBURG SIQUEIRA

**EU NÃO QUERIA PRECISAR LUTAR:
A ESCRITA DE UM ROMANCE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em Letras.

Aprovada em 26 de outubro de 2021.

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Wilberth Claython Ferreira Salgueiro (UFES)

Orientador e Presidente da Comissão

Prof. Dr. Nelson Martinelli Filho (UFES)

Examinador Interno

Prof. Dr. Paulo Roberto Sodré (DLL/UFES)

Examinador Externo

Prof. Dr. Julio César Bentivoglio (PPGHIS/UFES)

Examinador Externo

Prof. Dr. Luiz Antônio de Assis Brasil e Silva (PUC/RS)

Examinador Externo



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por WILBERTH CLAYTHON FERREIRA SALGUEIRO - SIAPE 1172737 Departamento de Linguas e Letras - DLL/CCHN Em 26/10/2021 às 19:20

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/296590?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por PAULO ROBERTO SODRE - SIAPE 297804 Departamento de Linguas e Letras - DLL/CCHN Em 27/10/2021 às 19:38

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/297425?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
JULIO CESAR BENTIVOGLIO - SIAPE 1374550
Departamento de História - DH/CCHN
Em 29/10/2021 às 16:04

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/298575?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por VIVIANA MONICA VERMES - SIAPE 1312946 Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGLe/CCHN Em 02/11/2021 às 13:45

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/299210?tipoArquivo=O>

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Wilberth Salgueiro, o querido Bith, por seu olhar de poeta em meu texto e companhia nos percalços acadêmicos em tempos de pandemia.

À Aline Prúcoli de Souza, Julio Cesar Bentivoglio, Luiz Antonio de Assis Brasil, Maria Amélia Dalvi Salgueiro, Nelson Martinelli Filho e Paulo Roberto Sodré por terem aceitado compor a banca examinadora deste trabalho.

À camarada Mariana Marise Fernandes Leite, pela revisão atenta e minuciosa do texto.

À Fapes, pela concessão da Bolsa.

Ao Ifes, por ter me concedido o afastamento integral do serviço na reta final da pesquisa.

Aos meus pais, Iraci e Washington, pelos afagos em palavras de coragem. E aos irmãos, Rayanne, Yago e Amanda, pelos dias de descanso repletos de risos e aconchegos.

A gente escreve, em realidade, para a pessoa com cuja sorte ou má sorte nós nos sentimos identificados, os maldormidos, os rebeldes e os humilhados desta terra, e a maioria deles não sabe ler.

Eduardo Galeano

RESUMO

A área de estudo denominada de Escrita Criativa compreende a produção de obras literárias como objeto de investigação. Inserindo-se nessa área, este trabalho divide-se em duas partes. A primeira delas é uma narrativa ficcional intitulada *Eu não queria precisar lutar*, um romance distópico centrado na trajetória de uma família pataxó frente aos desafios da ditadura chamada de Nova Democracy. A segunda parte se trata de um ensaio sobre o processo criativo ficcional. Nessa seção, não só as pesquisas realizadas sobre distopias, utopias e acerca do povo pataxó são discutidas, mas também as escolhas das técnicas literárias na composição da narrativa são ponderadas.

Palavras-chave: Escrita Criativa. Romance. Distopia. Utopia.

ABSTRACT

The area of study called Creative Writing comprises the production of literary works as an object of investigation. Within this area, this work is divided into two parts. The first part is a fictional narrative entitled *Eu não queria precisar lutar*, a dystopian novel centered on the trajectory of a Pataxó family facing the challenges of the dictatorship called Nova Democracy. The second part is an essay about the fictional creative process. In this section, not only the research done on dystopias, utopias and about the Pataxo people are discussed, but also the choices of literary techniques in the composition of the narrative are pondered.

Keywords: Creative Writing. Novel. Dystopia. Utopia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. O ROMANCE	19
NOVA DEMOCRACY	21
Freedom	23
Equality	43
Property	54
Family	65
ACOTIRENES	77
O verdadeiro nome	79
Julgamento	83
Cárcere	88
Consciência	92
Reversão	98
Vila soterrada	100
Escola	103
Assembleia Popular Suprema	110
Utopia	113
Sussavoar	121
Guerrilha	122
Recusa	127
Revolução	134
Caça	145
2. ENSAIO SOBRE A CRIAÇÃO	146
2.2. Conteúdo material: “Escreva sobre o que você conhece”	148
2.2.1. Distopias	150

2.2.2. Utopias	159
2.2.3. Pataxós	165
2.3. A escrita como um gesto inacabado	167
2.4. Conteúdo literário: questões de Escrita Criativa	168
2.4.1. O método Assis Brasil	168
2.4.1.1. A sinopse	170
2.4.1.2. Lista de personagens	171
2.4.1.3. Glossário de termos Acotirenes	172
2.4.1.4. Nova Democracy e Acotirenes	173
2.4.1.5. O resumo	180
2.4.1.6. O resumo escalonado	184
2.4.2. Pós-escrito a Eu não queria precisar lutar	187
2.4.2.1. O foco narrativo e o ponto de vista	187
2.4.2.2. A criação de personagens centrais	188
2.4.2.3. O conflito.....	192
2.4.2.4. Linguagem, técnica e o diabo dos detalhes	195
CONSIDERAÇÕES FINAIS	199
REFERÊNCIAS	201

INTRODUÇÃO

A expressão Escrita Criativa (EC), no campo acadêmico, designa a área de estudos responsável por investigar a gênese dos textos literários, bem como a produção de novas obras em formato de teses e dissertações. Nessa segunda hipótese, os trabalhos costumam apresentar uma obra literária acompanhada de um ensaio acerca dos bastidores de sua criação (SIQUEIRA, 2016, p. 16). Desse modo se estruturam os estudos *Amor à guilhotina e como tudo começou* (2011), de Juliana Teixeira Grünhäuser, e *A morte veio visitar meu avô e esqueceu quem ela era* (2013), de Moema Vilela Pereira. Ambos estudos contam com textos ficcionais acompanhados de uma reflexão do autor sobre o próprio fazer literário. Esses dois trabalhos acadêmicos são vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), universidade que se mostra pioneira nos estudos em EC no Brasil.

Importa esclarecer também que foi em 1985 que foi instituída a Oficina de Criação Literária da PUC-RS, o que incentivou trabalhos acadêmicos e explica o pioneirismo da universidade na criação dessa área de estudos que funciona ao lado da Linguística e da Teoria da Literatura. A linha de pesquisa “Leitura, Criação e Sistema Literário”, originada desse processo, é responsável por investigar a gênese de textos literários e não literários, a sua relação com outras linguagens e, apoiada em teorias críticas da literatura e em documentos de escritores sobre o processo de criação, a inclusão do escritor no sistema literário.

Luiz Antonio de Assis Brasil é quem coordena o curso de Oficina Literária nessa universidade; e seu livro *Cães de Província* (1986) é um dos primeiros romances escritos como tese de doutorado em uma universidade brasileira. O precursor desse formato seria Esdras do Nascimento que com *Variante Gotemburgo* (1978), pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), desenvolve o primeiro romance-tese brasileiro. Outros trabalhos, como o livro *Rakushisha* (2001), de Adriana Lisboa, apresentado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e *A chave da casa* (2007), de Tatiana Salem Levy, defendido na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), são exemplos de obras ficcionais escritas em programas de pós-

graduação e que ganharam notoriedade no cenário literário brasileiro e até mesmo no internacional. *Rakushisha* (2001) foi finalista do prêmio Jabuti e do Prêmio Literário Casino da Póvoa, de Portugal, na categoria melhor livro do ano; já *A chave da casa* (2007) ganhou o Prêmio São Paulo de Literatura na categoria autor estreante e ficou como um dos finalistas do prêmio Jabuti de 2008, um dos mais reconhecidos concursos literários brasileiros.

Recentemente, outras instituições inauguraram áreas preocupadas em estudar o processo criativo ficcional, como o Instituto Superior de Educação Vera Cruz, localizado em São Paulo, onde, desde 2011, é oferecido o Curso de Pós-Graduação de “Formação de escritores”. Esses novos formatos de trabalhos e de linhas de pesquisa podem causar estranheza devido a sua versatilidade, entretanto, demonstram a disposição das universidades à experimentação em gerar trabalhos com mais diferentes manifestações da linguagem. Em tal contexto insere-se este projeto como trabalho de romance-tese pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). É importante citar, para fins de registro, outro trabalho semelhante já apresentado ao programa: a dissertação-romance de Eduardo Costa Madeira, defendida em 2019, anuncia a possibilidade de outros trabalhos da área.

O romance *Eu não queria precisar lutar* projeta um futuro no qual o Brasil é dominado pela intervenção dos Estados Unidos da América. Chips implantados no cérebro substituem os celulares e redes sociais são acessadas por meio da realidade aumentada. Propagandas surgem a qualquer momento perante os olhos – mas, se você pagar por uma conta premium, pode livrar-se delas. Por meio de ordens verbais, um superior pode solicitar um relatório imediato, projetado também com realidade aumentada, sobre suas horas trabalhadas e até sobre suas condições mentais e sua falta de vitaminas no sangue. Com isso, e em diálogo com tantos outros romances distópicos, alerta-se sobre o perigo do desenvolvimento de mecanismos de controle por um pequeno segmento da sociedade que objetiva o poder sobre os demais e, em particular neste romance, o lucro em detrimento da qualidade de vida das pessoas.

Este trabalho se concentra em dois capítulos: no primeiro, há o romance na íntegra e, no segundo, há um ensaio sobre a criação em que abordo os projetos e ideias abandonadas, comento acerca das pesquisas realizadas, além de expor as justificativas das escolhas da técnica literária, como o foco narrativo. A primeira pessoa é inevitável na escrita desse

ensaio, como o leitor poderá verificar. Por fim, a organização dos capítulos – primeiro o romance, depois o ensaio – objetivou *sugerir* que a leitura da narrativa não fosse influenciada pela visão de seu autor; dessa maneira, o leitor conhece os bastidores da criação tendo antes realizado suas próprias elucubrações, sem a minha interferência.

1. O ROMANCE

EU NÃO QUERIA PRECISAR LUTAR

NOVA DEMOCRACY

Os Estados Unidos parecem destinados pela Providência a encher de miséria a América em nome da liberdade.

Simón Bolívar

Eu não queria precisar lutar. Fica! Grita Josefá puxando Tohõ pela bermuda. Vocês fiquem aqui e se escondam. Enquanto abafa a boca dos dois filhos com as mãos, Josefá espia pela fresta da janela do Kijeme: Tohõ contorna a aldeia pelas matas. São cinco homens. Três deles estão armados e caminham juntos em direção à casa de artesanato; será que Tukumã está em casa? Os outros dois vigiam ali parados no centro da aldeia. A pele morena avermelhada de Tohõ responde aos raios de sol, mas seus passos de leão a proteger os filhos não levantam poeira; é mais fácil acertar um desses dois primeiro, depois, posso roubar-lhe a arma. Passando por trás da rede do pajé, cujo peito agoniza pelos buracos de tiro, esfaqueia um dos homens na jugular: o sangue derrama pela areia do solo enquanto Tohõ pega a arma do miliciano. Contudo, ao tentar equilibrar-se, e antes que pudesse se virar, o segundo invasor reage: o tiro de sua pistola acerta a coxa esquerda daquele índio desgraçado; agora tu morre, filha da puta. Não olhem, crianças, não olhem! Josefá insiste ao mesmo tempo que o corpo de seu companheiro desaba no solo e, logo em seguida, é mutilado pelos tiros genocidas das pistolas. Não sobrou ninguém? Por quê? Por que fizeram isso?... Quando retira seus tentáculos do rosto dos filhos, torce para que não tenham assistido à morte do pai: a visão apertada pelos dedos da mãe faz o menino coçar os próprios olhos até que pudesse voltar a enxergar, já a menina é outra – a pupila dilatada apodera-se da brancura dos olhos enquanto a boca, a boca não diz nada, mas tenta. Neste momento, queria ser como uma mãe polvo e espirrar um jato de tinta, ou até mesmo conseguir arrancar um de seus braços e jogá-los longe para despistar aqueles psicopatas. Sem tempo, o assassino do pai de seus filhos entra no kijeme apontando a pistola para sua cabeça. Não se mexe, vagabunda, ou eu mato vocês tudo. Ele se aproxima ainda mais. A parideira de órfãos toca sua testa, ainda está quente. Não, esses daí a gente não mata, diz outro homem do lado de fora; traz o que sobrou. Não, porra, sou eu quem manda nessa merda. Mandei trazer. Ninguém mais morre. São as ordens. Vamos, senhora, mulheres e crianças primeiro. Não se preocupe. Vocês ficarão bem. Qual é mesmo o seu nome? Fora do kijeme, descobre-se que o ataque era coordenado por mais do que apenas cinco homens; Josefá, meu nome é

Josefá, lamenta a indígena enquanto assiste a fumaça do corpo queimado de Katumbaiá enlaçar o que restou da aldeia¹.

Dentro da carroceria do caminhão, enquanto feridas de pés desterrados denunciam a longa caminhada até aqui, o raspar ainda quente das cabeças confessa a violência das facas e facões. Mãos retêm perto do peito o que restou de suas camisas. Calças encharcadas misturam barro e sangue. O choro dos filhos interrompe o silêncio funério: somos o que restou, Josefá conclui. Do lado de fora, uma voz masculina: sobraram esses aí mesmo, podem ir; e que Deus salve a Nova Democracy! Escuta-se o barulho do motor e o caminhão começa a andar. Sabe para onde estão nos levando? Pergunta uma voz jovem. Josefá acena com a cabeça negativamente enquanto encara o sangue ancorado nos lábios opacos de um rosto sem cabelo. São seus filhos? Bonito eles, o menino tem seus olhos, mas essa sobrancelha grossa é de família? E eu sequer sei se os filhos meus tão vivos; eu não estava com eles: tinha celebração no terreiro, aproximando-se devagar, continua a jovem: daí chegaram esses homens, tudo com arma, já chegaram atirando, eu corri e me escondi; quase me mataram também, mas aquele outro, o mais velho, esse mesmo, o loirinho com bigode, foi ele quem mandou os outro parar, mandou eles parar em nome de Deus ao mesmo tempo que quebrava nossas panelas de barro com oferendas, que Deus é esse? Não sei, Josefá responde, sinto muito pelos seus filhos... Que Ogum os proteja! Protesta a jovem em meio à tosse, precisamos nos unir, olhe em volta, não há outras mulheres – Josefá observa os rostos em volta mais uma vez, e pergunta: mas o que podemos fazer? A gente espera, uma hora teremos a oportunidade, eles não esperam que a gente reaja; a gente tem que pegar as armas, ou fazer algum refém, o que conseguir primeiro. Certo, e qual o seu nome? Lilia, Lilia Bernardo, e o seu?

– E meus filhos?

– Serão escolarizados².

- Eles já sabem ler e escrever. Tem escola de onde eu vim. Não somos...
- Faz parte do processo.
- Que processo?
- Você é uma Cidadã de Prévia Cidadania e, caso respeite as nossas leis, pode tornar-se uma Cidadã de Plena Cidadania. Por aqui, chamamos apenas de CP1 e CP2, respectivamente. É bom a senhora se acostumar. Todos os refugiados....
- Por que me chama de refugiada?
- Todos os imigrantes que fogem de outro país são assim considerados. É a norma.
- Sou pataxó; somos brasileiros também.
- Primeiro, imigrante. Depois, refugiada.
- Mas.
- Senhora, isso não tem a menor importância. Nós a receberemos. A você e sua família. Tem marido?
- Assassinado...
- Viúva. Mais uma. Continuando, vocês passarão esta noite aqui. Amanhã vocês recebem sua nova documentação do Ministério da Imigração. Logo cedo, um ônibus vem buscá-los.
- E vamos pra onde?
- Vejamos, o homem mexe em alguns papéis em sua mesa e continua: precisamos de gente trabalhando nas lavouras de soja. Vocês devem ir pra lá. Anime-se. É um bom trabalho na fazenda Forscher.
- E onde fica?
- Fica perto.
- E meus filhos, como? Com quem eles ficarão?
- É um bom emprego.

- E meus filhos?
- Senhora, preste atenção. E não me interrompa. Você é uma refugiada. Nós a receberemos. Nós daremos moradia, segurança, alimento, educação... Só peço que respeite as normas e a cultura de nosso país. Se assim o fizerem, ganharão a CP2 e terão acesso ao de melhor que o Estado oferece.
- Como o quê?
- Saúde. Medicamentos. Acesso às universidades... podem, inclusive, votar.
- E por que não posso ter isso agora?
- Porque não é uma cidadã plena, senhora.
- Mas por quê?
- Chega, senhora. Tome. Leia esse panfleto¹ e, se tiver dúvidas, elas podem ser sanadas amanhã. Tenente, por favor, acompanhe a senhora e seus filhos ao dormitório. E dobre a vigilância.
- Eu ainda estou no Brasil?
- Bem-vinda à Nova Democracy, senhora.

¹ WELCOME À NOVA DEMOCRACY

Eu, Lázaro Moro, agradeço por escolher nosso país como destino. Como presidente, estimo que sua estadia seja agradável e encontre aqui um refúgio nesta terra arrasada que se tornou a América Latina.

Nos últimos anos, fomos contrários à ideia daqueles que desejaram construir muros – acreditamos na importância dos vínculos erguidos com nossa força e amor à pátria. A Cidadania Provisória (CP1) e a Cidadania Plena (CP2) são os resultados desse interesse em construir pontes e demolir barreiras.

Você, imigrante ou refugiado, receberá a CP1 e o direito a um trabalho digno, além de moradia e alimentação. Uma nova identidade também é oferecida. O processo para a CP2 é simples: para os trabalhos realizados em nosso país, você receberá um número pré-determinado de CivitasCoins. Basta juntar a quantidade necessária dessa criptomoeda e você terá o direito de receber a CP2 e usufruir de todos os direitos de um brasileiro comum. Desse jeito, temos um acordo: em troca de seu trabalho, dignamente remunerado, você recebe uma nova vida cercada de oportunidades de crescimento pessoal e profissional. Espero que as aproveite.

Freedom. Equality. Property. And family.
Esses são os nossos valores. E também serão os seus.
Lázaro Moro

Sentem aqui, ordena o homem de jaleco branco enquanto aponta para uma das poltronas da parte dianteira do ônibus. O olhar de Josefá se projeta até o final do veículo: todos os lugares estão ocupados. Há umas trinta pessoas além de mim, será que Lilia é uma delas? Depois que se senta, coloca a filha em seu colo; em seguida, Galdino aconchega-se ao lado da mãe e logo começa a cochilar. A noite foi breve. Os colchões, além de corroídos, eram desconfortáveis para quem se acostumou tanto a dormir em rede; um verdadeiro luxo, disse o filho. O ônibus começa a andar. A distância para a poltrona de trás era grande demais para tentar qualquer conversa. As janelas escurecidas impossibilitam olhar lá fora; aqui dentro, parece que é noite. A menina dorme no colo da mãe. O barulho do ar-condicionado ocupa o silêncio. O homem de jaleco branco desfila no corredor do ônibus; por vezes, sua mão esquerda acaricia uma pistola enterrada na parte de frente da calça jeans. Senhor, senhor, aqui atrás! Alguém chama, posso ir ao banheiro? Segura a vontade que logo chegamos, o homem responde. Josefá torce seu pescoço levemente para trás: é a Lilia.

O ônibus para. Certo, fiquem em fila e me sigam, vai na frente você aí, diz o homem de jaleco branco, ou quer que eu mesmo acorde as suas crias? Josefá enxuga a saliva da boca da menina em seu colo e acorda Galdino; vamos, meu filho. Ao descer do ônibus, um pequeno prédio de dois andares projeta uma sombra em sua direção. Dois carros estacionam atrás do ônibus e deles saem mais alguns homens de jalecos brancos. Sigam em direção ao prédio, vão, em fila, andem! O chão de terra é cheio de pedrinhas que machucam a sola do pé ao andar. O vento traz poeira nos olhos e faz, na boca, um deserto. Na entrada do primeiro andar, uma placa branca anuncia: *Musk Institute for Evolutionary Transhumanism*³. Debaxo dessas letras azuis, uma porta de vidro se abre sozinha.

E se eu correr? Será que nos matam? Se eu correr e toda a fila se espalhar depois de mim? Antes de tomar qualquer ação, conclui: e vou fugir para onde? Só há areia em nosso redor. Qualquer carro, ou até mesmo o ônibus, iria nos alcançar antes que pedíssemos ajuda; meus braços são caules que seguram firmes os frutos, que não caiam longe de minha sombra, e entramos juntos. Uma mulher de terninho azul nos aguarda atrás de um balcão: finalmente, algumas crianças! Venham, me sigam. Caminhamos por um corredor de paredes azuladas da metade para baixo, as lâmpadas amarelas do teto descansam os olhos abatidos pelo sol, não há janelas e o frio do ar condicionado entra como um soco nos pulmões cheios de terra. A mulher continua a falar, mas é um som

sem vibração, um sopro abacinado que sai de sua boca, há um espaço de quatro passos entre nós, um intervalo de marcha que se mantém entre nossos dois nadas enquanto passamos por tantos corredores iguais: é impossível decorar o caminho de volta – a mulher lança um sorriso impotente, apesar de sem vergonha, como se lesse nossos pensamentos e de repente interrompe nossa marcha para abrir uma porta: sigam por aqui, os médicos esperam vocês lá embaixo.

Entramos em um corredor pouco iluminado, descemos algumas escadas, um cheiro de cloro arde o nariz e o frio, aqui embaixo, já não incomoda tanto – ou já nos acostumamos? Mais alguns passos, saímos em um pequeno salão oval, dois homens de jalecos azuis nos dividem em duas filas. Eu e meus filhos ficamos na da direita. Pode vir o primeiro, diz um outro homem sentado atrás de uma mesa: me aproximo e encaro seu bigode molhado de café. Assine aqui, ele diz. Entre os quatro primeiros parágrafos do texto, noto as palavras *operação* e *procedimento*; mas não consigo ler em qual frase se encaixam. Assine logo isso, os bigodes insistem. Logo que assino, sou empurrada: que está acontecendo? Ele não me responde, as crianças são tiradas de mim, me pedem calma, que logo eles estariam de volta, que a operação não é demorada, retenho o choro, mas vejo o embeber dos olhos deles; me solto, dou-lhes um último abraço e sinto todo o peso da família pataxó correr de minhas mãos para aqueles pequenos ombros, mamãe já vem, eu digo. Sou um caule sem frutos cuja sombra se estende para além de meus braços – a silhueta de minhas mãos desliza por debaixo desta porta trancada e carrega meus olhos para onde meus filhos estão e os coloco novamente embaixo de minha proteção enquanto a treva de meus dedos asfixia até o último sopro daquele bigode molhado de café: você tem filhos? Me fale sobre eles, conte do que eles gostam de comer, qual é a sobremesa favorita, narre com detalhes da primeira vez que os levou a ver o mar para que eu possa contemplar seus corpos na areia da praia, a soberba das ondas festejar no enfermiço dos pulmões de saibro, e você chorará sob a meia-luz de meus olhos e o som da minha saliva será como a risada aguda de uma hiena que nunca mais te deixará dormir.

Deitam-me em uma maca: tenho as mãos e os pés amarrados, uma faixa imobiliza minha cabeça e fixa meu olhar apenas no branco do teto, começo a chorar. Então, você é dessas, diz um homem que não vejo. Sinto que a voz vem de meu lado esquerdo, mas não consigo virar a cabeça: não se preocupe, a dor é passageira. Antes que eu pudesse questioná-lo, uma longa agulha erguida por uma espécie de braço mecânico me encara.

O frescor indiferente de uma superfície metálica cobre meu rosto enquanto estende as pálpebras do meu olho esquerdo para fora, em seguida, visualizo a agulha entrar – sinto uma picada de mosquito atrás de minha orelha enquanto uma aranha tece suas teias ao redor da retina de meus olhos e uma tela de filtro azulado se interpõe: um placar amarelo indica a quantidade zero de CivitasCoins no canto direito e no canto oposto, na parte superior, uma pequena aba de internet pode ser acessada. Pronto, pode soltá-la, ordena a voz masculina. Uma irritante sensação parecida com um enorme cisco no olho me incomoda. Não há sangramento, diz o homem do meu lado esquerdo. Ótimo, o outro responde, ensine para esta senhora os cuidados que deve tomar para os próximos dias caso não queira ficar cega. Eles conversam como se eu não estivesse ali. Antes que deixe a sala, tento olhar para o homem que me entrega alguns medicamentos. Não consigo decifrar o seu rosto: tudo ainda é turvo e a febre de minha testa é como uma folha de planta enrugada.

– Você recebeu o God Hand. Agora, seu nome é Hadassa. Seu código de CP1 está instalado em seu GH e lhe dá direito a um trabalho remunerado. Daqui a, no máximo, uns cinco anos, você e seus filhos recebem o CP2. Então, o chip é atualizado. Comporte-se. Tudo pode melhorar.

– Mas.

– Limite é freedom. Agora, saia daqui.

Na fazenda Forscher, somos recebidos pela cabeça achatada de um homem cujo umbigo escapa pela camisa abotoada. A barriga rechonchuda de gorila é ofuscada pelas verrugas do pedregulho perdido em seu rosto, vítima da erosão das decepções que caem da cachoeira da terceira idade? Ele nos manda fazer um círculo e começa a explicar nossa primeira tarefa: tão vendo essas terras todas? Pois bem, vocês vão pegando esses baldes aqui de calcário e vão jogando nelas; mas, prestem atenção, tem que ser jogar bem igual pra todo o lado, viu? Olha cá, deixar o calcário bem espalhado, enche a mão no balde e espalha direito, desse jeitinho aqui, tá okay? Pago vinte e cinco centavos de CivitasCoin por metro quadrado. As terras esperam vocês. Vão indo em linha pra ninguém fazer errado e um vigia o outro, tá certo? Tão entendendo? É muita terra? E daí? Os Forscher

devem passar essa semana, e aí a gente se reúne pra eles vê as caras de vocês. Ah, me chamem de Gil; ou Seu Gil, que é como o povo daqui me chama. E mais uma coisa: sempre tenho olhos em vocês, sempre! Diz rindo entre uma cuspidada e uma fungada de nariz. Ele retira os óculos escuros do rosto e revela: um de seus olhos é completamente azul e parece não ter retina. Além das câmeras instaladas, que acesso remotamente quando eu quiser, esses são meus homens, são vinte olhos pra vigiar vocês tudo, o tempo todo, tão entendido? Se eu souber que algum de vocês tão denegrindo meu nome, todos vocês pagam.

Cada um de nós recebe um galão vazio de gasolina, a água vem de uma represa próxima; de lá, enchemos os galões e os trazemos pra cá, só Cibele que não tem força ainda para carregar o peso do galão cheio d'água e sobra para o irmão mais velho fazer o trabalho. A água é cinza, a nossa água pra beber, tomar banho, lavar nossas roupas, só temos duas peças para vestir e todo dia temos que lavar uma delas. Cibele e Conrado também lavam as deles. A gente toma banho direto ali na represa mesmo. Não importa quanta água a gente bebe, a sede enraizou-se na nossa língua, não importa o banho, porque a coceira da pele não vai embora – tenho tanto medo que não consigo enxergar por onde caminhar na terra de meus pensamentos. Txôpay, que devo fazer? Se as águas fossem como aquelas de quando se banhava sozinha na cachoeira extasiada pela lua: fechando bem os olhos no mergulho, ainda que um pouco de água entrasse pela boca, desligava as preocupações. A calma da água tornava fácil submergir o corpo e sentir a correnteza regar a alma, purificando-a das energias negativas – escorrendo para longe os aborrecimentos e dissabores do dia. Uma vez, notou que Tohõ a espiava, e o rapaz saiu correndo desesperado quando fora notado. Apenas uma semana depois disso, teve coragem de aparecer para pedir desculpas. Eles continuaram trocando olhares, mas a timidez dele era demais para tentar qualquer coisa na frente dos amigos. Teve que esperar ela estar quase sozinha, apenas com a companhia das crianças da aldeia, para jogar uma pedrinha: fez questão de sondá-lo com um olhar de julgamento como uma mãe para um filho desobediente. Quando se virou em sinal de desistência, anunciando o fracasso e o arrependimento pela tentativa, devolvi a pedrinha em seu ombro e compensei com um sorriso. No começo do namoro, logo aprendi que a timidez de Tohõ era superada pela sua vontade de lutar: comentava sobre as notícias que vinham do congresso e, pouco tempo depois, começou a organizar grupos de jovens para alguma manifestação – o ato contra o projeto de lei nº490/2007 foi um dos maiores e o rosto

dele até virou capa de jornal. Hoje, enquanto enchemos os nossos galões, percebo que as cores dos olhos que Cibele herdou do pai sequer são refletidas nessas águas de gosto ladeirento. Se estivesse aqui, como começaria a lutar? O que você faria em meu lugar, Tohõ?

Após se banharem na água da represa perto do barraco, a família se deita abraçada sobre os colchonetes encardidos. Os minutos se arrastam. O cansaço é maior do que o frio. O jantar foi uma sopa produzida com uma pequena doação dos legumes comprados aos poucos pelos dez trabalhadores da barraca compartilhada. Alguns com mais fome doaram todo o trabalho do dia para esta refeição – e pediram uma porção maior. A fome, esquentada em um fogão a lenha improvisado, persiste no vazio de sua insônia e é melhor tentar dormir enquanto ainda aquece o estômago. A lua parece mais longe do que de costume, há menos estrelas no preto do céu. É possível sentir a respiração cansada de Galdino. Comece você, filho, bem baixinho, pra não acordar ninguém, diz Hadassa. – *Ãhõ trakejá...* – Ao ser chamado pelo seu verdadeiro nome, o menino começa a cochichar – *Ãhõ muhũ txihi pataxó kamyurá...* – A voz baixinha dele é acompanhada pela da irmã: *Patxutxá takap akuã, Patxotó mikay ãdxihí mukueme.* Hadassa eleva um pouco o tom: *Txuhap muká penaô, henuhé ãhõ hõ... Heruê eiê eiê heruê eiê eiê heruê.* O canto dos três ganham força e, ainda que preocupados em serem descobertos, sussurram uma última vez:

*Ãhõ trakejá
Ãhõ muhũ txihi pataxó kamyurá
Patxutxá takap akuã
Patxotó mikay ãdxihí mukueme
Txuhap muká penaô
Henuhé ãhõ hõ
Heruê eiê eiê heruê eiê eiê heruê*

Essa foi a primeira canção que Hadassa ensinou aos filhos quando os dois ainda eram bem criancinhas. Manter esses laços era como manter a aldeia viva. Por isso, criou o hábito de a cantar durante as noites mais tranquilas. Quando tinha mais tempo, contava e recontava uma das histórias favoritas de Cibele: antigamente, quando na terra só existiam bichos, passarinhos cantavam em comunhão com o andar das antas e a dança

dos macacos. Um dia então o céu se fechou e uma grande nuvem branca fez a chuva que caiu sobre a terra. O último pingo dela, logo ao pisar no solo com cheiro de terra molhada, transformou-se em um índio que, sem demora, aprendeu a plantar, a pescar, entendeu sobre as ervas boas para fazer remédios. Às noites, apanhava lenha e acendia fogueiras enquanto admirava a lua. Seu andar sob a terra caminhava lado a lado com as capivaras. Ainda que se alimentasse das frutas e das plantas e da pesca, dor alguma ocasionava na harmonia dele com a natureza – era tudo um, em uma só Mãe Terra. Noutro dia, o céu nasceu nublado. Era dia de chuva, uma forte chuva que, como um eclipse, deixou o dia mais escuro: quando o sol avivou, e a chuva parou de cair, os índios estavam por toda a parte. Olha, parentes, disse o primeiro a chegar, eu cheguei aqui antes de vocês, mas agora tenho logo que partir. Para onde? Os novatos perguntaram. Eu tenho que morar lá em cima no Itôhã, porque tenho que proteger vocês. Ainda que tristes, e alguns segurando o choro, despediram-se daquele parente querido com uma condição: que não se esqueça do nosso povo. Depois que os outros aprenderam todas as sabedorias e segredos para se viver bem respeitando a Mãe Terra, o índio se despediu, meu nome é Txopai, disse, e deu um salto que foi subindo e subindo até desaparecer no céu.

Na segunda semana, fomos levados para uma região isolada em uma mata: novamente, uma janela se abre em minha frente com um breve título do serviço – *trabalho na lavoura de soja* – e eu aceitava: bastava que inclinasse a cabeça levemente para cima e para baixo e eu já estava contratada para aquele serviço diário. Isso era tão repetitiva que logo balançávamos a cabeça em afirmativa ao acordar só para retirar o quanto antes aqueles letreiros da nossa frente. Dessa vez, o lugar é tão sujo que as fezes se misturam com sangue no chão de concreto, respirar dá enjoo, então, os trabalhadores amarram camisas velhas ao redor do nariz como forma de minimizar o odor espinhoso das carnes podres. Em uma pequena sala sem janelas, luzes do teto tingem a penumbra da carniçaria de minha mesa de trabalho: tirar o couro da cabeça das vacas. Você precisa desassociar, me explica uma outra empregada mais antiga dali, pense que não são vacas, mas apenas coisas. Ainda não sei como ignorar toda essa dor de mugido reunido aqui ao lado, respondi. A pele sai inteira quando se faz o corte correto e ficam somente os olhos

abandonados – cabeças com três, quatro olhos... – depois, Cibele e Conrado carregam, dentro de pequenas carroças, aquele amontoado de cabeças para uma caçamba. No escuro, o branco azedo daqueles olhos me cercava e não consegui dormir durante o resto da semana: um eco acidulado sacudia meu corpo e aprisionava a asfixia em meu peito; a modorra perdia seu trono, seguida pelo medo de não mais acordar, que seria de meus filhos sem mim? Eu ainda os tinha e temia por qualquer outro dia não os ter, mas eram meus, tão somente meus, unicamente meus, os filhos de Tohō.

Comíamos arroz e feijão comprados com um terço do que eu ganhava por dia, e rejeitávamos as carnes: restos do dia anterior que eram postos em grandes toneis armazenados em meio a mosquitos. Cibele vomitou tanto que pensei que fosse morrer e Conrado queria brigar, bater no primeiro vigia que lhe aparecesse pela frente; expliquei pra lutarmos usando a cabeça, que a gente daria um jeito. Ninguém aqui mais vai morrer, eu repetia. Na segunda semana, depois de dez horas em pé, meus joelhos não doíam e a faca se movimentava sozinha, ganhávamos centavos de CivitasCoins por cada cabeça de boi e pensei que poderia juntar algum dinheiro. Depois de alguns dias ali, voltamos para a fazenda Forscher onde comprei roupas novas – era impossível continuar com as antigas: o cheiro de morte parecia impregnar-se no tecido. Isso me custou todas as CivitasCoins que tínhamos ganhado e ainda ficamos na dívida de mais algumas.

Voltamos a descarregar as carretas de soja com rodo. Nosso trabalho, agora, era feito ainda mais distante e voltávamos para dormir já tarde da noite. Lilia, que agora se chama Ivy, ficou no barraco lá debaixo, que é mais perto da represa. Ela disse que dorme em uma rede, respondi que era melhor do que aqueles trapos fedorentos que me deram para deitar em cima. O frio lá é pior à noite e, se chover, ninguém dorme, porque a água invade o teto de plástico preto improvisado: eles têm que acender um fogareiro, só assim pra não morrer de frio. A casa do Gil parece uma mansão de cinema, ele vive lá com sua mulher, não sei se tem filhos, nunca vi, e ao lado do casarão, tem uma casa menor, com uma varandinha longa de paredes amarelas, que é onde os guardas dormem. Essas pessoas armadas ficam dando voltas até quando a gente dorme. Eles dividem os trabalhos em três turnos: o grupo de manhã é o pior e vem nos acordar chutando nossos colchonetes, já os do período vespertino falam em inglês o tempo todo e eu não sei do que tanto dão risada. À noite, um guarda costuma ficar sentado na entrada do galpão com um copo de café em uma mão e uma espingarda na outra.

As toneladas de soja eram carregadas por veículos tão velozes que, às vezes, Hadassa tinha a impressão de visitar duas ou três regiões diferentes do país devido à variedade do sotaque daquelas pessoas que recebiam o carregamento. E ainda temos que usar rodos para descarregá-las. Ora, respondeu outra empregada, e por que investiriam em novas bugigangas se tem a gente pra fazer o serviço? Há noites em que o guarda cochila, ou simplesmente não quer se dar ao trabalho. Nesses pequenos espaços de liberdade, alguns choram, outros, ainda deitados, massageiam as mãos para se aquecer do frio. Os mais corajosos arriscam-se a dormir juntos. Hadassa canta. Mas queria mesmo era cantar pra lua, tocar o maracá, dançar com os filhos enquanto bate o pé no chão para se conectar com a energia da terra e pintar o corpo com o jenipapo, o urucum, o carvão e os barros vermelho e branco. Havia aprendido isso tudo com sua mãe, Baheté, que, em sua sabedoria reunida com a idade avançada, já lamentava os perigos de se conviver com os não-índios:

– É terrível a distância dos jovens das práticas de nossos antepassados; isso, para consumir os produtos das cidades, dos brancos, dos não-índios, e nossa aldeia? Há desmatamento e tem água poluída... Isso é porque pararam de rezar, pararam de cuidar da pesca, de cuidar da caça. Ninguém mais reza. Nossos cantos estão cada vez menores.

– Eu gosto de rezar, responde a jovem Josefá.

– Os relógios causam febre e o papel tontura. O puhui, a borduna, a lança, o mundéu, o kisô, o fojo e muitas outras que nosso povo fazia. Ninguém mais faz. Trocaram tudo por armas de branco como enxada e armas de fogo. Estamos perdendo. E perdemos não só um jeito singular de viver. Perdemos um jeito singular de ver o mundo. Aqui, somos uma grande comunidade; aqui, ninguém come sozinho; aqui, quando alguém caça um mângãï muito grande, tem comida pra alimentar a família inteira e divide; o kanako caça, planta, trabalha duro; a beketxiá faz artesanato, cuida da casa e do terreno, capina o quintal; o akô e a ãnko tem lá suas liberdades, mas tem que aprender a tradição pra não deixar morrer, tem que cultivar o artesanato, a pesca, a caça, e isso; você vai bebendo água e já está com dor de barriga.

– Água suja?

– Não só a água. Do que a gente se alimenta está ficando ruim, o mãhãm está ficando ruim. Por quê? Porque ele está doente. E nossos meninos, homens, que eles fazem?

Antes nossos meninos de cinco anos de idade já iam lá na beira do nagahã com a flechinha deles, hoje é mais fácil de pegar mãhãm com a linha; antigamente ia lá, pegava, ele mesmo levava pro irmão, assavam e comiam. Comiam juntos. Ninguém divide mais nada hoje. Hoje isso é muito raro. Quer saber pelo que eles estão trocando nossa tradição? Eles estão trocando pela televisão.

– Não gosto de televisão.

– Nós pedimos pela vida de todas as pessoas; pedimos para melhorar cada vez mais o nosso mundo. É isso que fazemos em nossos cantos! Não se esqueça de cantar!...

– Não vou esquecer.

– ...do mesmo jeito que o bekoi ilumina a gente, ele pode sumir e acabar com tudo. Bekoi nutre e também propaga a moho no mundo; ao descer à mikahab, ele se sacia, no decorrer da hagui, daqueles que foram enterrados durante ãngtxai. Há de ter cuidado. Isso vai acabar, isso tudo vai deixar de acontecer quando acabarem com tudo; porque o pataxó é aquele que caminha na terra com carinho. E ela está esgotada de tanto ser pisoteada.

Até que um carro preto parou lá longe da entrada da fazenda e Seu Gil mandou Cibele ir abrir o portão, e vocês, complementou a ordem: aqui perto de mim, em fila, um do lado do outro. Minha filha retornou e eu a trouxe pra perto de mim. O carro ficou uns minutos ainda parado de frente pra gente. Quando a porta abre, sai uma cabeça loira escorrida sobre os óculos de sol, um homem alto cujas calças escuras combinam com o sapato de couro; ao tirar os óculos, pendurando-os na camisa polo, vi uma esfera verde acompanhada de outra azulada vindo em nossa direção – quando se aproximou o suficiente para nos avaliar, noto que sua altura é esguia como uma cobra e seu sorriso é uma sucuri: não há veneno, mas o estreito de sua boca quase toca as orelhas e a gravidade de seus olhos comprime o ar sobre meus ombros. Você precisa consertar o portão elétrico, ele disse, aproximando-se em passos lentos, não suporto mais ter que esperar alguém ir lá abrir, enfim, onde está a criança que foi me receber? A pronúncia de cada palavra forma a sintaxe de uma longa cauda que parte de sua boca e enforca

nossos pescoços enquanto nos impede de respirar. Seu Gil puxa Cibele pelos braços; é esta aqui, chefe, o que ela fez? Fala, o que você fez? Hadassa detém Conrado pelos ombros.

– Calma, Seu Gil. Você já viu os olhos dela?

– E o que que tem? – Gil sacode os braços de Cibele.

– Deixe a menina em paz; venha cá, garota. Você sabia que somos parte de uma pequenininha parte da população?... Qual seu nome?... Você não é muito de falar, não é?... Fazemos uma aposta, se você conseguir falar heterocromia, eu dou um presente para você.

– O queque va-vai me dar?

– Diga primeiro.

– Hetetero...

– He-te-ro-cro-mia. Tente mais uma vez.

– He... te... ro...

Deixe minha irmã em paz! Conrado grita após livrar-se dos braços da mãe. Em seguida, corre em direção ao homem loiro que desvia do soco e derruba o menino no chão: que cena lastimável, mas é um jovem de coragem, não é mesmo? Menino desgraçado, grita Seu Gil, chutando a barriga do indígena caído. Quando Hadassa principiou o movimento de vingança, alguém lhe puxou pelos braços, fica quieta, sussurrou Ivy, e olhei de novo para aquele homem loiro: queria ter uma flecha para atravessar aqueles olhos, as esferas de cores diferentes, mas iguais ao de Tohō – sua cabeça em minhas mãos seria apenas mais uma cabeça de boi. Calma, não faça nada burro, Ivy insistia.

– Chega! Eu mandei parar. Mande todos trabalhar. Não vou levar ninguém hoje. – Após esta ordem, o homem loiro coloca novamente os óculos de sol no rosto e segue em direção ao casarão do Seu Gil: a coisa tá preta por aqui esses dias, chefe.

Naquela noite, Conrado ainda sentia as dores dos chutes na barriga. E ninguém mais falava com a gente, talvez por medo ou por receio de que pudéssemos ser punidos. Todos aqui são sobreviventes. E viram pessoas queridas sendo assassinadas. Eu também

faria o mesmo. Somente Ivy ainda conversa comigo: os guardas da tarde são os mais burros, dia desses, estavam bebendo e fumando, estavam longe demais e não dava para sentir o cheiro do fumo; os de manhã são sérios, não arrisco os encarar de frente, mas os de tarde, sim, são eles que vamos atacar, ontem mesmo, um deles me ofereceu um cigarro. E você aceitou? Perguntei ao mesmo tempo em que jogava aquele pó meio branco, meio cinza, sobre a terra. Eu tenho um plano, Hadassa. Acha que podemos pegar a espingarda do guarda noturno? Não, responde Ivy, com certeza não; você não reparou que há um outro guarda que fica da casinha amarela só espiando de longe? É como eu disse, o ponto fraco são os guardas vespertinos; escuta, então, o que a gente vai fazer.

Ouvi de um guarda da manhã que aquele homem loiro se chama Erdefim, um nome ensombrado, Erdefim Forscher, uma alcunha de invocar o fogo nas matas, um nome vermelho com gosto de poucos amigos. Ele é o dono de toda a fazenda. Também escutei da conversa deles que nossa punição só não ocorreu porque ele gostou da coragem do meu menino, e poderia ser pior, sempre poderia ser pior, mas pior como? Estamos devendo mais vinte CivitasCoins. Juntando tudo que produzimos, eu e meus dois filhos, e sequer arrecadamos um terço disso até hoje. Erdefim, repetia, Erdefim Forscher, e repetia outra vez como se fosse capaz de enforcar aquele nome se conseguisse nomeá-lo com o viço de seu ódio – aquele ladrão de terras cujo latifúndio é uma cobra de duas cabeças: uma é a fome, a outra é a miséria. Que ainda vai matando aos poucos com tantos venenos que jogam com aqueles pulverizadores no meio da soja, lá do outro lado mais distante da represa. Seu Gil uma vez disse que é pra matar as pragas. Um dia, a terra se levanta e se vinga e mata todos de fome.

Enfia os dedos do pé na terra, dá uma piscada demorada e vê um grupo de crianças correndo um atrás do outro, um homem traz um peixe: naquela época, a água ainda era limpa e se podia viver dela – a mãe está sentada em um banquinho de madeira e vigia a brincadeira das crianças enquanto faz uma costura na camisa do filho mais novo. Que lembrança guarda a terra onde vivi? Bahetá, se estivesse viva, convocaria todos para lutar, vamos ensinar esses pestes a respeitar a terra, ela diria, a velha era forte, mas perdeu a luta para a covid-19. Foi o Neto quem passou isso pra ela, disseram, sim, o

Neto que trabalhava naquela empresa de carne e queria as nossas terras. Vinha sempre negociar, e quando a pandemia estourou, depois do carnaval, era tarde.

Na segunda vez que Erdefim apareceu, Seu Gil mandou o recado: uma vez por semana, o senhor Forscher vem aqui e escolhe um de vocês pra levar e viver na cidade. Então, lá vocês mudam de emprego. Podem trabalhar numa casa de gente rica aí, limpando e cozinhando; quem aqui sabe cozinhar? E não é essa comida de preto de vocês, não; tô falando de comida de gente. Ivy está certa, precisamos fugir.

Na primeira semana, Erdefim levou uma jovem loira lá do barraco, na segunda, escolheu uma senhora, também branca, que quase não falava e ninguém conseguia fazer falar; já na semana passada, levou uma adolescente quase da idade de Conrado, um pouco mais velha e com mais disposição para o trabalho, segundo Seu Gil. Como de costume, hoje é o terceiro dia da semana, e Erdefim chegará pelo portão da entrada principal, estacionará seu carro próximo do casarão do Seu Gil. Deve tomar um café lá dentro, fazer negócios e contabilidades, e retornará ao veículo com alguma das duas últimas mulheres de pele tão clara quanto a sua. Uma delas terá as mãos amarradas para trás e sentará no assento traseiro do carro. Um homem a espera e apontará sua arma, não faça gracinhas, ele deve dizer. Enquanto isso, explica Ivy, o portão ainda estará aberto porque Conrado não o fechará, já explicou o que ele tem que fazer? Essa é a nossa oportunidade, Josefá. Estamos ficando sem tempo. Pode ser que consertem o portão elétrico a qualquer hora dessas.

Hadassa esperou pela chegada de Erdefim. É hoje, sim, vamos, respondeu Ivy, olhe lá, ele chegou em nosso horário de almoço e trouxe a chuva. Mas há dois caminhões seguindo o carro dele, tem mais gente hoje, não é melhor remarcar? Não, vamos até o fim, deve ser pra fazer a colheita de soja, afinal, tem dias que o pessoal do outro lado da represa tá fazendo esse serviço; ou você prefere arriscar e ver pra onde nos mandam, ou se nos matam? Arroz com fubá é o almoço. Hadassa fura a fila da refeição e encara uma trabalhadora com um prato vazio na mão: me devolve meu galão de água que você pegou. Quê? Responde a mulher, não peguei nada seu. Devolve! Hadassa puxa os poucos cabelos loiros da mulher e a joga no chão. Escuta-se o prato fragmentar-se em

caquinhos que se misturam com a terra. Hadassa pula em cima da loirinha, posiciona os joelhos sobre os braços dela que, sem força, não reage devido ao peso daquele corpo sobre o seu peito. Ladra! Hadassa grita: devolve, ladra! Os guardas tentam separar a briga. Um pouco antes, alguns metros distantes dali: você tem um cigarro? Ivy pergunta para um guarda do vespertino. Tenho sim. Vem, me entrega aqui atrás, vem cá, faz tempo que você me olha, e eu te olho, você sente isso, não sente? O sorriso surpreso dele confirma a vontade. Ivy responde mostrando os dentes e dá uma leve corrida na frente. No momento em que ele vira a esquina do barraco, um pedaço de pau surge do ar e acerta-lhe a testa. Dorme, filho da puta. Aqui é Ogum! Em seguida, com a arma roubada em mãos, Ivy espia a gritaria do galpão lá de cima e corre em direção ao portão. Você conseguiu, Hadassa.

O punho fechado do guarda arrasta Hadassa pelos cabelos até a entrada do casarão do Seu Gil: pode subir, disse o outro vigia na porta, sobe que essa desgraça o chefe quer resolver ele mesmo. Uma sala com três dos guardas sentados no sofá assistindo um jogo de futebol. Ao fundo, um pequeno corredor escondido. Por aqui, sobe, vagabunda. Hadassa alça os primeiros degraus da escada de madeira seguida pela mulher loira e outro guarda logo atrás: caralho, esse foi o pior grupo que já nos mandaram. Saindo da escada no segundo andar, um longo corredor de piso laminado fosco é iluminado por três janelas. Escuta-se o barulho da chuva lá fora. Será que Ivy conseguiu fugir? Indo devagar, Hadassa observa a cada janela ao lado: primeiro, um grupo de homens carrega sacos e mais sacos para dentro dos caminhões estacionados logo na entrada do casarão, mais ao fundo, Ivy é perseguida por um dos guardas. E agora? Na segunda janela, um carro passa pelo portão da entrada principal e dispara em velocidade atrás dela. Corre, Ivy, corre! Na terceira janela, é tarde, e o carro alcança a fugitiva; Hadassa para e diz: sinto dores – vai logo, porra, ordena o guarda que segura seu braço, empurrando-a para frente. Barulho de tiros.

Caralho, o guarda reclama, vocês querem nos foder mesmo, e logo com o Erdefim aqui, o Seu Gil não vai deixar barato. Ele bate na porta: estamos aqui, chefe, teve confusão no galpão e uma fuga no barraco. Entrem, a porta está aberta – no instante em que o guarda gira a maçaneta da porta, Hadassa dá alguns passos para trás, joga-se em direção da

janela e vê, na terra molhada, Ivy de braços e pernas abertas como uma estrela cercada por dois guardas. Volta aqui, sua filha da puta! O guarda desfere um golpe tão forte que Hadassa caí e seu rosto colide no chão. Neste momento, lá no final do corredor, uma porta se abre: um homem saí e, antes de fechar o cômodo atrás dele, vê-se sacos e mais sacos de soja amontoados. Hadassa é reerguida. Foi ela quem começou a confusão, chefe, eu vi tudo. Certo, respondeu Seu Gil, traz ela aqui, amarra as mãos dela na cadeira: você tá na minha lista negra, sua desgraça. Chefe, quer que faça o que com o corpo da outra lá jogado no chão? Queimem, podem foder com a outra que se meteu na confusão também, já que chega uma nova remessa semana que vem. Dentro da sala, com as mãos amarradas, uma mesa de madeira é a distância dela para o Seu Gil. Atrás dele, uma antiga bandeira cujas cores eram verde, amarela e azul, hoje, estampa as cores vermelha e branca alternadamente; em letras garrafais azuladas, ocupando a breve linha central, ainda branca, *Nova Democracy* se ergue sobre a cabeça gorda do dono do casarão. Na cadeira do lado de Hadassa, a dança de uma fumaça de cigarro:

– A ideia disso tudo foi sua? Erdefim interroga com sua língua de cobra fumante.

Se dissesse que tudo fora ideia de Ivy, eles acreditariam? Foi culpa daquela que está morta lá fora, Hadassa poderia dizer, eu criaria uma distração e Ivy tentaria pedir ajuda, sim, ordenei que meu filho, quando fosse receber você, *senhor* Erdefim, deixasse o portão aberto para que pudéssemos fugir, mas eu não imaginava que pudesse dar tudo tão errado. Ela não vai te responder, disse Seu Gil, senhor, por favor, deixe que eu cuide deles, que eu ordeno tudo, pode ir, descansa, que sei que o senhor tem muito trabalho, a culpa é minha, eu deveria ter mandado consertar logo o portão. Em pé, Erdefim dispensa o cigarro no chão e o apaga com o pé direito. Aproxima-se de Hadassa. Ergue a cabeça dela e, no mesmo movimento, acaricia os cabelos para trás, descobrindo o rosto cuja pele não era branca o suficiente para o seu gosto:

– Acredito que sua filha herdou os olhos do pai, certo?

– Do pai... – De tão perto, o rosto de Erdefim lembra a brancura da polpa de um coco.

– De você, ela herdou esta monocelha. – Ele passeia com os dedos na glabella do rosto de Hadassa. – Uma combinação atípica, não é mesmo?

– Não sei, senhor, eu... sim, foi ideia minha. – O agouro em seu pescoço, o medo daquele sorriso de cobra. – Por favor, deixem meus filhos em paz.

- Ora, i'm a civilized man. Aqui, com a gente, vocês vão aprender a ser também.
- Por favor! – A escassez de ar em seus pulmões, o abraço apertado das sentenças de cigarro sufoca a superfície de sua pele. – Tudo que tenho são meus filhos.
- E eu já ameacei alguma vez separar uma família tão única como a sua? Uma vez, Hadassa, conheci uma mulher muito parecida com você. Ela também veio para cá com uma filha. As duas trabalhavam duro. E a filha ia e vinha ao lado da mãe o tempo todo. Só que, para ir além disso, ela não sabia o que fazer, nem como agir, e me pediu um conselho. Se você quer que sua filha se torne uma cidadã, eu disse para ela, aprenda a respeitar os limites que oferecemos a vocês. – Ele tira outro cigarro do bolso e o acende.
- Dentro desses limites, vocês podem ser o que quiserem, fazerem o que quiserem. Pouco a pouco, com fé em Deus, esses limites se expandem, está acompanhando meu raciocínio? – A fumaça de cigarro soprada da boca de Erdefim molda o esfomear da boca de uma sucuri no ar que devora a cabeça de Hadassa. – E vocês ganham mais um pouco também de liberdade. Limite é liberdade. Pode repetir?
- Limite é liberdade.
- Mais uma vez, por favor?
- Limite é...
- Depois da cobra de fumaça saciar sua fome, Erdefim, com a ponta dos dedos como um cauteloso pintor com sua nova arte, apaga o cigarro no meio daquela monocelha encurralada pelo fumo de sua boca. O grito de Hadassa atravessa as paredes e, lá fora, começa um murmurinho. Vai ficar lindo quando cicatrizar, encerra Erdefim.
- Senhor, interrompe Seu Gil, acredito que era melhor juntar essa daí com o restante e resolver logo.
- Espere! – Hadassa grita com os olhos fechados. – Há mais uma coisa.
- E o que poderia ser? – Erdefim pergunta.
- Você está sendo roubado, tem sacos e mais sacos de soja escondidos no segundo andar!

– É mentira – berra Seu Gil, interrompendo aquela dissimulada – senhor, você sabe que eu nunca faria isso, não sabe? Ela quer tentar ganhar tempo.

Erdefim sai do quarto, vai em direção à janela do corredor e grita por aqueles homens que enchiam os caminhões com os sacos de soja: rapazes, venham aqui em cima! Seu Gil encara Hadassa e bate as mãos na mesa com a selvageria de um gorila enjaulado, em seguida, cospe, levanta e volta a se sentar. Ela não consegue abrir os olhos tamanha a dor da testa afogueada. Parado! Grita um homem de voz desconhecida, agora, seu merda, você vem aqui pra fora! Solta! Solta essa arma que se você não soltar eu mato você e sua família; isso, muito bem, faz quanto tempo que você rouba a família Forscher? Não rouba? E o que esse monte de saco de soja aqui? Dois tiros. Homens conversam lá no corredor. Passos correm pela escada. Hadassa sente um líquido quente empapar a sola de seus pés descalços. Quando consegue abrir um pouco o olho esquerdo, vê a sua frente a fumaça de cigarro sair da boca sucuri de Erdefim: congratulations, you have reached new limits! Soltem-na; ela vem comigo.

As águas do mar azul do olho direito não se misturam com os esverdeados rios do olho esquerdo e, sobre esse encontro de águas, o que antes era um oceano, interrompe o ciclo da vida com uma afiada gilete a cada dois dias; a monocelha é insuportável, depois de lavar o rosto, conferi, uma última vez, se resta algum fio de cabelo.

Satisfeita, com uma toalha azulada, seca as bochechas e a testa, termina por acariciar os olhos fechados, encara-se no espelho; heterocromia, somos raros, ele sempre me lembra disso... Retira o pó facial branco compacto da cestinha de maquiagem da marca Sisley Phyto-Poudre Libre sobre a pia, último presente de aniversário que ganhou do Erdefim:

– Meu futuro fortune, você precisa se cuidar, eu a levarei comigo no aniversário da revolução de 2030, we don't want to embarrass ourselves, do we? Com a esponja, dá leves batidinhas em todo o rosto; você vai se atrasar para a escola, Cibele, grita Hadassa da cozinha, e cadê seu irmão? Eu não sei do Conrado, mãe, não o vejo desde ontem, responde a menina entre gaguejos de uma boca sem pai.

É hoje, é hoje! Mais uma eliminação no Cidadania: The Battle Royale Game!... Dois concorrentes já foram eliminados; restam cinco! Claiber terá sobrevivido depois da facada nas costas de Ichigo?... Quem ganhará a Cidadania da semana?... Você não pode perder! Às 22h! The Game!... Eu não aguento mais isso! Grita Hadassa depois de fechar a propaganda do maldito programa em seu GH. Os caquinhos de vidro se espalham pelo chão. Com o susto, deixou cair uma taça de vinho; Martine estava bebendo muito nos últimos dias e costumava abandonar rastros pela casa.

– O que aconteceu?

– Não entre, senhora – aponta para o chão. – Essas propagandas na minha cabeça, esse homem gritando no meu ouvido... Eu não. Não aguento mais.

– Falarei com Erdefim sobre isso. Limpe tudo.

– Sim, senhora.

– E depois me sirva um vinho.

Ainda é cedo e lá estava pedindo mais vinho como daquela vez, no segundo ano de trabalho na cidade, após uma comemoração no espaço de festa da parte de trás da casa. Hadassa chegou mais cedo para limpar o local como já era de costume. O jardim paradisíaco fora ornado com flores açafão. Dessa vez, substituíram a capela decorativa por um maior espaço para pouso de helicópteros. No salão, um incontável número de cadeiras tiffany marrons refletia no lustre de cristal pendurado no centro do teto. Embora houvesse comida de sobra nas mesas, que poderia separar para levar para casa, Hadassa decidiu primeiro recolher as garrafas vazias e colocá-las em sacos plásticos. Eu ainda estou bebendo, Martine reclama, deixe esta garrafa aí. Desculpe, senhora, eu não a vi, responde a empregada espiando a feição de hardware ultrapassado no rosto da superiora pelo piso de vidro do bangalô. Neste momento, ainda que não compreendesse o porquê, Hadassa sente pena da vida sem propósito. Bebia tanto para livrar-se do tédio? Não há nada para se fazer em casa e os filhos parecem se criar sozinhos entre as aulas e os jogos no GH. Não há entre Erdefim e Martine nenhum sinal de ternura e são raras as ocasiões em que se beijam ou sequer se tocam. Ela também não parece estudar, tampouco demonstra-se interessada em livros. Pensa em lhe oferecer um café, mas – *Café Bocejo: porque o dia começa com um bom café; hora de acordar!* – para quê? Por que deveria simpatizar? Ainda assim, enquanto Martine bebe mais uma dose de vinho, Hadassa aproxima-se e, com a desculpa de varrer debaixo da poltrona de madeira, pergunta se a superiora estava bem. Algo de seu interior comunicava-se com algo do interior de Martine e esse inominável incapacitava odiá-la. Como resposta, as sobrancelhas de Martine se curvam em sinal de remorso como de um filho arrependido, mas por demais orgulhoso para reconhecer o erro.

– Eu nunca quis isso, Josefá; nunca. Meu projeto inicial do Chip não era esse.

– Senhora?... Não compreendo....

– Esqueça, esqueça.

Foi depois daquela manhã que Hadassa teve a família Forscher como seus SPI⁴ – *Superior Privado e Imediato: é bom para quem precisa, e melhor ainda para quem trabalha.* Como já trabalhava limpando as festas que ocorriam aos finais de semana, não

achou que seria má ideia e aceitou. Por conseguinte, às sete, servir o café da manhã da família Forscher. Oito, garantir que as duas crianças estejam prontas para ir à escola. Nove, limpar os quartos da família, começando pelo filho mais novo e terminando no quarto dos SPI. Até às onze, o primeiro andar da casa deveria ser limpo – uma mansão de dois andares composta de dezessete cômodos. A tarde é hora de ir ao mercado. Cuidava das crianças quando retornassem da escola. Servia o lanche. Limpava novamente os banheiros. Regava as plantas do quintal. Ou passeava com o cachorro. Não precisava cozinhar porque era outra mulher quem fazia isso: não sei o nome dela. Ela fala uma língua esquisita. Que não tem vogal. Que nem parece formar sílaba. É bem mais branca do que eu. Seus olhos eram claros. Quase azuis. O cabelo era ralo. Mas era loirinho. Ela tinha cicatrizes no pescoço que lhe escapavam pela blusa do uniforme.

Dessa vez, como a cozinheira havia se atrasado, resolveu preparar o desjejum. Para o comandante, serviu um café forte com algumas torradas; Martine priorizava um suco, sem açúcar, e algumas frutas; os filhos do casal, Soraia e Gilberto, preferiam cereal com achocolatado; *ChocoKids! é mais que chocolate, é diversão!* Não foi difícil lembrar-se dos detalhes depois de tantas vezes limpando a mesa após as refeições. Você sabe cozinhar, Hadassa? Pergunta Erdefim, é possível que nossa cozinheira não apareça mais, e você poderia assumir as tarefas dela. Sei sim, comandante, o que aconteceu com ela? Erdefim toma mais um gole de café:

– Pode começar hoje?

– Talvez, se deixasse a limpeza dos quartos; para depois do almoço.

– Faça isso.

– Mais uma coisa, comandante, meu filho; ele sumiu desde ontem. Pensei em ir, sabe? Até a polícia dar queixa.

– Custa trinta CivitasCoins procurar um desaparecido com a CPI.

– Tenho só vinte e cinco.

– Posso adiantar o pagamento.

Previsível, concluía Hadassa enquanto se retirava da sala. Esta era a terceira vez que o SPI fazia isso: na primeira, Cibele havia passado mal na escola e foi preciso uma

consulta médica – *Clínica Para Todos: as primeiras cinquenta pessoas a entrar em contato, ganham 15% de desconto em nossos planos; ligue agora!* – onde se descobriu a infecção alimentar. Um adiantamento salarial fora a solução de Erdefim para pagar os remédios do tratamento. Demorou meses para sanar a dívida descontada das diárias de seu serviço. Ainda não tinha a família Forscher como seus SPI na segunda vez que precisou de um adiantamento; era costume aceitar outros trabalhos para ajudar na renda mensal. Sua pontuação como faxineira alcançou cinco estrelas de sete naquele final de semana e, dessa maneira, começou a ser convocada para limpar prédios governamentais. Na outra terça-feira, quando a chamaram para trabalhar na Torre Ouranós, teve seu GH atualizado. A magnitude daquela Torre era como um grande abacaxi com sua antena no lugar da coroa; a casca parecia as estranhas divisões dos vinte andares do prédio distribuídos de forma desigual. Quando se entra no primeiro andar, nota-se que é possível acessar andares inferiores que vão além das duas garagens submersas e mais profundas que o pedúnculo daquela fruta. Hoje, se voltasse para a Torre, riria de tal comparação ridícula.

Deveria limpar todo o terceiro andar até o final do dia. Pouco antes do horário de almoço, limpou três banheiros dos sete. E ainda faltavam as cinco salas de reuniões com suas poltronas de presidente acolchoadas, além das duas cozinhas com suas longas bancadas e talheres personalizados da Nova Democracy. Quando terminou de limpar com o *Dobro X14, o dobro da potência, mas sem estragar o esmalte* – os banheiros, resolveu começar pela última sala de reuniões do corredor à esquerda. Precisa agilizar e, na pressa, entra sem bater à porta. Os sete homens que conversam ao redor da mesa retangular de mármore da *Loja Marmoraria PraJá: Pediu? Chegou!*, viram-se apressados para descobrir quem entrava, seus lábios resmungam, mas suas bocas não produzem sílabas. Aquele em pé interrompe a apresentação dos gráficos de análise de dados digitalizados na parede, vira-se e diz para a empregada entrar e fazer o que tinha que fazer. Hadassa obedece.

Ao se aproximar mais para recolher os copos sujos de suco e os talheres com restos de bolo, percebe que não ouve mais nada – mergulha quilômetros de profundidade no mar e sente a pressão da água inundada em seus ouvidos. Neste momento, percebe que um dos homens sentados era o Erdefim; o homem que havia lhe retirado do trabalho das lavouras de soja e dos matadouros de gado somente para ver seu espírito ser derrotado de perto? Por vezes, ele chamava Cibele para almoçar com ele. E pagava a quantidade

de CivitasCoins iguais, até mesmo em quantidade maior, ao meu trabalho de um mês. Não sei como eram esses almoços. Às vezes fui chamada para limpar. Isso enquanto os dois discutiam sobre alguns livros que Cibele tinha lido na escola.

Quando sai da sala de reuniões, a pressão se extingue e, um pouco tonta, sente dificuldade em manter-se em pé; encaminha-se à cozinha dos empregados para tomar um gole d'água. Antes de virar o corredor que dá para a copa, uma notificação em seu GH avisa sobre uma multa por descumprimento às normas do contratante. A sanção era maior do que receberia pelo dia de trabalho.

– É sua primeira vez aqui?

A metade esquerda daquele rosto jovem parece ser de um plástico barato que imita a tonalidade clara de sua pele. A pálpebra do olho direito treme involuntariamente e a esfera incolor do olho esquerdo permanece imóvel enquanto se esconde sob os poucos cachos de cabelo pendurados que restam. Venha, sente-se aqui, ela diz; respire, é comum sentir um enjoo na primeira vez. A mão que oferece o copo plástico com água pertence a um braço que se mexe aos trancos.

– Você escuta?... Saindo daqui, passarei na manutenção, meu ombro não deveria ranger assim; devo ter exagerado limpando a última sala do andar de cima.

– Ainda estou na primeira sala.

– Você precisa terminar! Sabe o que pode acontecer?... Eles diminuem suas estrelas e você volta a limpar os condomínios, ou até mesmo a trabalhar no calor lá fora, limpando a rua; eu que não quero sair daqui, por isso aceitei ser promovida a seis estrelas e peguei esses braços pra agilizar, tá vendo? Aqui eu encaixo o ToClean71 e rapidinho faço o polimento do piso no chão. Já com sete estrelas, você ganha esse olho, sabe o que ele faz?... Calma, não precisa chorar; vamos fazer o seguinte? Eu termino o meu andar e venho te ajudar no seu, o que acha? Não, eu não te cobraria nada; é que já passei pelo que está passando e, se aceitar um conselho, você deveria pensar melhor em aceitar as promoções por aqui.

Hadassa refez todos os horários de suas tarefas. Deixaria a limpeza do quarto de casal e do escritório do comandante para o horário da tarde, assim, teria toda a manhã livre para cozinhar, arrumar os filhos do casal para a escola e, se necessário, ir ao mercado. Não seria difícil. Nesta primeira noite, arriscou: fez um prato de beiju para o jantar. Erdefim não demonstrou interesse, diferente de Martine: nunca comi nada igual. Se eu tivesse folhas de patioba, responde Hadassa enquanto tira os pratos da mesa, faria um prato ainda melhor. No fim do dia, – *Cidadania: The Battle Royale Game, hoje, programa especial às 22h: uma nova votação, um novo eliminado; quem partirá dessa? Você escolhe quem morre! Não perca!* – um pouco antes de ser dispensada do trabalho, contabilizou: se somar as cinco CivitasCoins do pagamento adiantado, e pagar pela ajuda aos policiais para procurar o filho desaparecido, não me sobra nada do que juntei nesses sete anos de inferno. Pode ir, diz Martine ao mesmo tempo em que se serve mais uma dose de vodca: deve chover, se quiser, empresto minha sombrinha e sem cobrar dessa vez.

Na rua, sob a eletricidade do céu de cobre, um vai e vem de mancos e olhos oxidados sempre às pressas para atender aos chamados de trabalho acompanham o piscar do azul, do branco e do vermelho das luzes dos outdoors refletidas na ferrugem dos passos mecânicos abaixo das calças skinny que desfilam na calçada. Camisa estampada de lobo Farfetchi. Camisetas Destroyeds. Chapéus panamás. Jaquetas Wolrych. Entre essas roupas, era cada vez mais raro encontrar uma pessoa que não tivesse uma prótese em seus braços, olhos ou pernas. Tenho sorte de ainda não precisar delas? Era possível que, se continuasse a trabalhar ao lado da Jessé na limpeza dos condomínios governamentais e dos prédios de luxo, já teria substituído algum de seus membros pelas próteses de trabalho especializados. Poderia até suportar o trabalho na construção civil com aqueles aparatos tecnológicos. Do topo do arranha-céu até a calçada na rua, a fachada de led transmite a imagem de baixa resolução do Presidente Lázaro Moro usando bermuda e camisa de colarinho esportivo e sem gravata – sua voz fanha, que repetia algo sobre a comemoração de Revolução de 2030, é entrecortada pela das pessoas que conversam conectadas em seus GH's enquanto caminham. Mais alguns centavos de CivitasCoins caem em sua conta – *uma gorjeta pelo prazer da comida inusitada*, a senhora Forscher enviou em uma mensagem direta. Hadassa pisca e fecha a mensagem. Confere em sua bolsa, uma última vez, o cantil cheio de vodca roubada de Martine; isso, sim, é uma gorjeta que se preze.

Liga para Cibele; é cada dia pior, já não me atende, e logo agora que Conrado sumiu! Acha que eu não me preocupo? Antes de ir para casa, decide passar na loja de jogos em que o filho tanto perdia tempo. Uma propaganda da ZOMO, *imbatível na limpeza da dona de casa e no cuidado com o meio ambiente*, invade seus pensamentos pelo GH enquanto caminha até lá: a porta de entrada é de um azulado com vermelho cafona e cobra uma CivitasCoins para entrar. Depois que se atravessar a porta, um silêncio cibernético deixa o ar compacto. Do lado esquerdo, vitrines privadas possibilitam experimentar as novas drugsvírus, como o Crackdown 2.0, ou, o sucesso do momento, a Neuroexplosion. Promete-se manter o seu organismo intacto, porém, a repetição do download temporário em seu GH pode causar dependência e a empresa responsável não se responsabiliza pelos comportamentos dos usuários. Também é oferecido o serviço de criação de avatares sexuais: a cor dos cabelos, dos olhos, a curvatura do pênis e a largura do quadril fazem parte do pacote mais simples, por outro lado, paga-se mais caro por uma personalização mais criteriosa. É possível também adquirir um pacote pré-programado com acessórios BDSM, como mordaca, chicotes e algemas ou avatares que simulam a aparência de crianças. Embora não seja legalizado, se você quiser investir ainda mais, pode carregar um desses avatares em seu próprio GH e levá-lo para casa. O valor assemelha-se ao de um carro novo.

Do lado direito, uma fila de jovens aguarda para o acesso às cabines de formato oval que permitem experimentar as novidades gamers. Para isso, basta se deitar nelas e autorizar o compartilhamento de seus dados para fazer o download gratuito da semana. Em que posso ajudar? Ah, desgraça! Assusta-se Hadassa. Nunca me acostumo com essas vozes dentro da cabeça. Quero saber se meu filho veio aqui ontem. Posso oferecer uma amostra do novo jogo *Gibson contra a China*? Dessa vez, nosso espião... Não! Cancelar a amostra, não quero nada!.... Um homem de barbas brancas se aproxima, seus olhos piscam entre intervalos azuis e vermelhos repetindo as luzes sobre o chapéu achatado em sua cabeça. A voz da atendente eletrônica se cala. Hadassa respira aliviada, e pergunta: por que você me ajudou? – Você é a empregada dos Forscher, certo? – Sou sim. – Pastor Lancelotti, prazer. Por que você nunca vai se confessar? – De onde venho, não é assim que funciona. – Acho que deveria tentar um dia. – Por quê? – Aqui não é seguro. Venha se confessar comigo amanhã cedo. É um dos únicos momentos que teremos liberdade. – Não tenho vontade, desculpe. – Estamos de olho em você faz tempo, Josefá. – Como sabe meu nome!?! – Fale baixo, por favor! Fale baixo. A família

Forscher... Temos aí uma chance. Não posso falar muito aqui. Prometa me visitar? Sei que procura seu filho... – Como?... O que você sabe? Diga! – Prometa, primeiro, que vai me visitar. – Não prometo é nada... pastor?... – Pastor Lancelotti. Preciso ir. É arriscado demais prologar a conversa. Amanhã, bem cedo, eu a estarei esperando. Minha Igreja é o Reino Habitual da Graça de Deus; fica a duas quadras antes da casa dos Forscher. – Quem?... Quem é você?... – Tenho que ir. Posso ajudá-la, Josefá. Mas preciso que vá se confessar na minha igreja. Sua família está em risco...

Ayn Rand, em *A virtude do egoísmo*, uma coleção de ensaios publicada em 1964, colabora na compreensão de seus propósitos ficcionais de *A revolta de Atlas*: a autora defende a liberdade individual e a ausência da interferência estatal. Em seus ensaios, vincula o egoísmo à defesa de interesses particulares do indivíduo.

E exclui qualquer consideração moral sobre isso. Questiona, portanto, os traços de maldade, como se o indivíduo egoísta fosse incapaz de se preocupar com outros seres para chegar aos seus objetivos. Em sentido contrário, estaria o altruísmo: este faz acreditar que qualquer ação praticada em proveito de outros é benéfica.

Ou seja, o altruísta ignoraria qualquer julgamento de valor em nome de seus beneficiários – essa visão desperta naquele que visa ao benefício próprio um sentimento de culpa. Como consequência dessa fraude intelectual, o beneficiário de uma ação torna-se o único critério moral a avaliar as ações altruístas.

Em nome dos mais pobres, como a autora descreve em seu romance *A revolta de Atlas*, o Estado – em atitude altruísta – age de forma imoral contra a propriedade dos mais afortunados. As consequências econômicas disso resultariam em uma situação apocalíptica e sem salvação: o inferno é a Terra, e o diabo é o Estado.

Dessa maneira, a propriedade privada é a garantia da liberdade; por extensão, aqueles que a conseguiram, por seu próprio mérito e esforço individuais, têm o dever de usufruir dela e de seu lucro, afinal, quando o fazem, geram inúmeros empregos e desencadeiam o processo de crescimento e desenvolvimento econômico.

Em síntese, o egoísmo é o caminho para a felicidade de um povo. Egoísmo é igualdade. E o altruísmo é uma demagogia barata para os preguiçosos. “Juro, por minha vida e meu amor, que jamais viverei por outro homem e nem pedirei a outro homem que viva por mim” é o lema que deveríamos estampar em nossas bandeiras...

– Posso entrar, filha?

Cibele fecha o aplicativo de escrita em realidade aumentada de seu GH. Entra, mãe. A redação tem que ficar pronta até amanhã, e aquelas duas últimas frases ainda incomodam: e o altruísmo é uma demagogia barata para os preguiçosos... preguiçosos? Sim, preguiçosos são aqueles que esperam pela ajuda altruísta de outro.

E não fazem valer seu próprio esforço para crescer na vida – e vencer na vida é um mérito individual. Talvez, o que aborreça seja a ausência de conexão com a citação de A revolta de Atlas – ou será que o leitor pode compreender que é uma citação do jeitinho que está entre aspas?... ainda poderia melhorar, precisava revisar mais.

– Seu irmão; ele ainda não chegou, Cibele... Amanhã vou acordar e ir, ir mais cedo e ir procurá-lo. Você poderia ir comigo.

– Não tenho tempo, mãe. Vou estudar. Até tarde; para terminar um texto.

– Você não pode deixar; deixe isso para depois?

– Ouvi dizer que o primeiro lugar no concurso de redação do ano passado conseguiu ficar em primeiro lugar no ENAE; e entrou pra faculdade de direito. Posso até trabalhar pro governo. Imagina a vida, a vida que eu posso ter lá, mãe. Que a gente pode ter.

Entre um cochilo e outro, Hadassa desiste de dormir e senta-se na beira da cama; dessa vez, o cantil cheio de vodca que havia roubado dos Forscher não fora o suficiente para conseguir dormir. Deveria ter pego escondido alguns cigarros de Martine. Depois de fechar a propaganda da loja *Havani, a loja mais amada do Brasil! Confira nossas ofertas*, enfim, levanta-se, e decide começar o dia. Os pés descalços tocam o piso de cerâmica; ao lado dos chinelos, aquele buraquinho redondo no piso: o costume de passear nele com a sola do pé direito, o dedão cafungando com um movimento em

redemoinho em mais uma tentativa frustrada de imaginar como se dera esse pequeno furo, qual objeto caíra e deixou sua marca? – outras pessoas moravam ali antes? Sua família está em perigo, disse o pastor. Queria levar Cibele para o trabalho, de repente, até faltar à escola. Tinha medo dela também desaparecer. Mas a filha jamais perderia um dia de aula. Por que confiaria em um pastor? Como ele sabia seu verdadeiro nome? Josefá, repetia para si mesma enquanto comia os restos de pão que havia trazido da casa dos Forscher. Jo – se – fá. Quanto tempo não ouvia essa combinação? Ele poderia ser um agente da Nova Democracy: Erdefim pode ter feito uma denúncia para testá-la ao notar a preocupação com o filho desaparecido.

Por outro lado, o pastor poderia ser um Acotirene e, se fosse o caso, a punição seria ainda mais impiedosa do que perder algumas CivitasCoins – aqueles que se envolvem com esses bandidos são considerados criminosos de lesa-pátria. E, contra esse crime, a condenação é a morte. Que perigo era pior? Na primeira alternativa, caso fosse um teste, Hadassa poderia perder a pontuação de qualidade de seu GH e, como consequência, a classificação geral de suas estrelas diminuiriam das atuais quatro para duas ou, quem sabe, apenas uma. Se isso acontecesse, conseguiria apenas trabalhos em situações mais degradantes. Poderia, por exemplo, até voltar aos campos de soja – *Nova Soja, a gente se encontra no futuro, ou você não vem?* Dia desses, ouviu parte da conversa de Erdefim e sua esposa sobre a falta trabalhadores na pecuária bovina *BBS: Carne de qualidade alimentando o mundo*. Sua família está em risco, o pastor disse. Havia uma chance de ele saber onde está Conrado? De qualquer maneira, procurar a polícia era um investimento burro e duvidoso: quem garantiria que realmente iriam procurar o menino?

Hadassa termina de escovar os dentes. Na pia, refugia-se a bolsa de maquiagens de Cibele, cada vez mais vaidosa, cada vez mais distante; cada vez, menos. No espelho, vê a sobrancelha grossa sobre os olhos formando um encontro de matas devastadas pelo cansaço. É cedo. A filha ainda não acordou para ir à escola. A porta do quarto dela está entreaberta e Hadassa espia de longe: Cibele dorme um sono poluto; como consegue? Ao lado da cabeça da filha, embaixo do quadro com o rosto do Presidente Lázaro Moro, um vaso decorativo de porcelana jing – *Lojas Mideiro, aqui você pode confiar* – repousa sobre a mesinha de estudo. Quando foi que arrumou um vaso desse? A minha menina ainda está aí em algum lugar, deseja a mãe fechando a porta do quarto após se despedir com um sussurro inconformado.

Antes de sair de casa, entra no quarto do filho: a cama desarrumada como de costume. Uma bola de futebol – *Já imaginou sentir-se na pele de Pelé? Novo FutMax 2050, já disponível para download nas lojas credenciadas* – recolhe-se ao lado da escrivaninha com a gaveta aberta de cuecas. O sol rasteja na linha do horizonte e a sombra de um pequeno cacto deixado na janela se projeta sobre três papéis espalhados no chão pela força do vento. Em um deles é possível reconhecer o desenho inacabado da cachoeira localizada perto da aldeia, mas, desse ângulo, faltavam-lhe as pedras que formavam o caminho até as águas. Em outro desenho, o sorriso de Bahetá foi esboçado em abandono com os olhos. Hadassa também reconhece o homem no desenho de uma pessoa em pé caminhando em direção a um horizonte em chamas: a bermuda era muito parecida com aquela que Tohã usava no dia em que assassinado. Em outros desenhos de Conrado, lembrava-se Hadassa, o pai deles também foi desenhado de costas. Ele ainda não voltou, mãe? Pergunta Cibele que acaba de acordar para ir à escola.

Diga ao presidente que o Congresso Nacional está em chamas, isso é uma piada? Respondeu o deputado; o soldado gaguejou, cansado da caminhada apressada, e repetiu: o congresso, senhor, o Senado Federal se foi – ao ser informado, o presidente abandonou o palácio e se dirigiu às chamas.

Ali, perante a fumaça tórrida da democracia, o presidente foi apresentado à Acotirene, com as mãos amarradas nas costas: ela foi encontrada, disse outro soldado loiro de farda empoeirada, tentando fugir das chamas; isso mesmo, senhor presidente, o fogo das leis lhe aprisionou em sua própria vingança.

Prendam-no, ordenou o chefe da nação, garantiremos que ela tenha um julgamento, sim, soldado, seremos melhores do que eles para reconstruir, juntos, essa nação; e como vocês sabem, esse soldado assume o cargo de Ministro da Justiça no ano seguinte, o julgamento de Acotirene ocorreu e, por voto popular, foi considerada culpada.

E sentenciada à morte pelo assassinato de dezessete pessoas, entre parlamentares e funcionários que estavam naquela fatídica noite; perigosos de alto nível, meninos e meninas, não devem ser sustentados pelo Estado, mas, sim, julgados a tiro; no mesmo dia da execução de Acotirene, uma marcha ocorreu e reuniu milhares de pessoas.

De pessoas de bem, em diversas regiões do país; não só nas capitais, como podem notar nas fotografias da página duzentos e vinte; a população demonstrava-se impetuosa na luta contra o terrorismo e salvou a democracia, apesar do terrível perigo dado à nossa nação pelo atentado, o governo federal manteve as eleições.

E foram remarcadas para dois meses após o incêndio criminoso do parlamento: nada é mais importante que a democracia e o voto popular; imaginem, crianças, os riscos assumidos! Nesse contexto, surge a primeira Executive Order, aquela responsável por derrubar a obrigatoriedade de o presidente da república ser um brasileiro nato.

Com um forte apoio popular, Lázaro Moro participa das eleições!... E ganha; com a mão de ferro de seu Ministro da Justiça, vários outros atentados terroristas foram detidos, esse é o principal marco da Revolução de 2030; e que Deus abençoe os Estados Unidos da América por terem nos enviado Moro como interventor.

Um homem simples, sem dúvida; talvez seja por isso mesmo que tantos patriotas tenham se identificado com ele, lembro-me bem de suas primeiras campanhas para presidente, da maneira como dispensava o uso de terno e gravata, do jeito desinibido de andar na rua; a maneira como gostava de uma comidinha como arroz e feijão: um homem do povo.

Vidas foram salvas, isso também está no livro, anotem: página trezentos e setenta e um; nossa economia voltou a crescer, o número de desempregados caiu, retomamos a confiança dos investidores estrangeiros. Isso foi chamado de Boom Econômico Azul devido à concomitância com a mudança da cor de nossa moeda.

Contudo, em seu último ano de governo, já ao final do segundo mandato, e apesar de toda nossa inteligência governamental em alerta, um novo atentado terrorista incendeia a praça Augusto Tortorelo de Araújo na cidade de São Paulo com uma bomba caseira: a estátua do Barba Gato não resistiu e sobrou apenas pó.

Onze adolescentes, que ali estavam após as aulas, foram incendiados – e cruelmente mortos; com isso, a justiça age: descobre-se que o ato terrorista é ligado à ala mais revolucionária do partido de oposição, vários terroristas são presos de modo que, nesse momento histórico, com o patrocínio do Instituto Musk, uma prisão especial é criada.

A Prisão Antiterrorista de Segurança Máxima, lembram-se? Nosso presidente estava prestes a abandonar o cargo e novas eleições seriam organizadas, dessa vez, o perigo era maior e o novo método prisional ainda estava em teste, tínhamos que ter cautela, ainda estávamos tentando superar a crise causada pelos *lockdowns* e o vírus chinês.

Lembram-se disso da aula passada? Naquele momento, as eleições foram adiadas em dois anos e uma nova constituição se fez necessária; como vocês sabem, a quantidade máxima de reeleições presidenciais foi extinta, o que possibilitou ouvir a voz do povo e permitiu que o *nosso presidente* estivesse no cargo até hoje.

Anotem, crianças, há uma coisa mais forte do que a constituição: é a vontade popular – e o povo é que deve decidir como e quando mudar as regras do jogo democrático; imaginem só se os Estados Unidos da América não tivessem nos enviado o interventor Lázaro Moro naquela época para gerenciar nossa crise pandêmica e econômica?

Do interventor ao cargo presidencial é um longo capítulo de nossa democracia, revisaremos isso na próxima aula; agora, abram o livro na página seiscentos e vinte e

sete e respondam o questionário sobre os benefícios governamentais dados à população a partir do Boom Econômico Azul. Essa é a matéria de nossa prova na semana que vem.

Os alunos, em igual ritmo, abrem os livros sobre suas respectivas mesas, os uniformes azul-claros dos da primeira fila, aquela mais próxima às janelas, refletem os fracos raios de sol da manhã, além das cadeiras enfileiradas, alguns armários se localizam no canto esquerdo da sala e uma grande lousa negra cobre quase toda a parede diante dos alunos.

A professora escreve umas últimas anotações no quadro; quase tocando o teto, há uma placa azul com letras garrafais onde se lê: Liberty. Equality. Property. Family – a impulsão de ar dos ventiladores de teto sacode mais as páginas dos cadernos do que os cabelos das meninas, sempre presos e bem puxados para trás.

É impossível singularizar as cabeças dos meninos devido ao corte padrão rente à testa; os alunos leem os exercícios do livro didático: as posturas alinhadas, os ombros paralisados, a curvatura de queixo sobre os cadernos e os olhos colados no dever formam uma fotografia; comecem a escrever... agora! A professora ordena.

Logo em seguida, os dedos sacam os lápis do estojo – muito bem, continuem, e mais rápido! – após dar a ordem, caminha entre as fileiras e vigia seus subalternos; quando chega ao final da sala, percebe uma aluna improlífica cujo olhar perdido é suspeito: seus cabelos escuros e lisos combinam com os olhos de cores diferentes.

Cibele, escreva! A professora grita; toda a turma continua a responder ao teste enquanto essa aprendiz, assustada, faz outra tentativa inútil – mas não lembra qual página contém os exercícios solicitados pela professora: os olhos da aluna confessam um interesse maior em uma folha rasgada do caderno e a mão que segura a caneta denuncia o nervoso.

A professora, com mãos de fera, toma o papel e lê: *Ãhõ trakejá, Ãhõ muhũ txihi pataxó kamyurá, Patxutxá takap akuã, Patxtxó mikay ãdxih mukuem* – Cibele é puxada pelos cabelos e, ao ficar em pé de maneira tão abrupta, seus cadernos caem no chão. O que acha que está fazendo, menina? Interroga a professora.

– Desculpa. Eu me distraí.

– Saia da sala. O inspetor de pátio irá guiá-la até a coordenação.

Enquanto um pastor dizia som, teste, som no microfone, um outro mexia na mesa de som tentando diminuir o chiado. Mais ao fundo, fiéis aguardavam o início da missa enquanto conversavam com Lancelotti. Hadassa o cumprimenta com o olhar. Posso ajudá-la? Pergunta um homem vestido de terno *Massacron com 30% de desconto durante as próximas vinte e quatro horas ou enquanto durar o estoque; Ternos Massacron: porque elas gostam*; sim, pode, vim me confessar, que faço? Certo, hoje não há filas, e você pode entrar naquela sala ali atrás do último banco da igreja que logo a atenderemos, é a porta à esquerda, a senhora pode ir entrando. Enquanto caminha no corredor entre os bancos, pensa em fugir, mas sair pela porta que acabou de entrar poderia chamar muito mais atenção. Talvez, perder mais coins.

Na sala de confissão, as luzes amarelas acolhem as paredes sem janelas. O cômodo é tão pequeno que mal cabem três passos. O único móvel é um banquinho de madeira encravado no chão. Hadassa se senta e repousa as costas na parede. Fico feliz que veio, Josefá. – Onde você está? – Atrás de você há pequena tela que nos permite conversar. – Quase não vejo seu rosto. – Mas reconhece minha voz, não é mesmo?... Minha filha, é cedo demais para beber; consigo sentir o cheiro daqui. – Eu não bebo. – E o que achou da sala de confissão? Foi ideia minha fazer isso aqui. – Não vim aqui para dar dicas de decoração, pastor. – Vamos direto ao ponto. Eu sei onde está o seu filho. – Não brinque comigo. – Há um culto especial para poucos convidados. Fique. E entenderá tudo. – Que tipo de culto?... Não. Não faz sentido algum. – Venha, você será minha convidada. Sairei da capela e fingirei ajudar no ajuste do som. Você deve se sentar na bancada ao fundo e, quando o sino tocar pela terceira vez, apenas entre pela porta a sua direita. E siga em frente. Não diga nada. Eu a esperarei do outro lado. Mas tenho que avisá-la: eu não concordo com nada daquilo que você verá. Mas assumo estes pecados. – Não. Eu não participarei disso. – Assim que terminar o culto, vá até a Funerária Ferraz. Se não souber onde é, guie-se pelo seu GH. Procure pelo Ferraz e diga que quer desapropriar o enterro do seu filho. – Uma funerária? Meu filho está morto, pastor? – Então, você deve dizer que Lancelotti é quem pagará pela desapropriação. Entendeu? Lembre-se de dizer que Lancelotti pagará pela desapropriação, Josefá. Nosso tempo acabou. Vá. Estarei esperando lá atrás.

Desapropriação. Funerária. Por quê? Galdino, desde pequeno, é um menino esquentado. Mas vinha mudando muito nos últimos meses. Sequer se lembrava da última vez que ele perdeu CivitasCoins por desrespeito aos SPI. Na verdade, vinha sempre fazendo horas e mais horas extras para arrecadar o maior número de coins que lhe fosse possível. O sino toca uma vez. Hadassa continua sentada no último banco da igreja. A única porta à direita possui uma maçaneta dourada, parece de ouro. O sino toca duas vezes. Se o filho estivesse realmente morto, que poderia fazer? Quanto custaria fazer o enterro? Nunca tinha considerado morrer ali. Tinha, sem saber como, ou explicar racionalmente as circunstâncias, mas tinha uma certeza que conseguiriam a CP2. Não pode ser; meu filho morreu? O sino toca uma terceira vez e Hadassa se levanta. Foi a terceira a entrar. Siga por esse corredor, irmã, disse uma senhora de roupas pretas, e nos aguarde no auditório.

Contou pouco mais de dez pessoas espalhadas pelos bancos de madeira. O ar-condicionado deixava tudo frio. Hadassa sentou-se nas últimas fileiras. É tão escuro que mal consigo ver o rosto de quem passa ao meu lado, pensou. Meu nome é Pastor Cláudio, diz o homem lá na frente, e quero desejar as boas-vindas aos irmãos e irmãs aqui presentes; Deus está conosco! Ele reúne o silêncio dos fiéis em agradecimento, invoca a presença de Deus utilizando a linguagem dos anjos – chala camaraca chamalácaraca shocaralcar. Em seguida, escolhe alguns versículos da Bíblia e, citando-os de memória, discursa durante poucos minutos; depois, algum fiel, ou recém-convertido, presta seu depoimento de como sua vida melhorara com aceitação de Deus. Aplausos satisfeitos conduzem para o último momento do culto: o início do Juízo Final é marcado por uma música ritmada com tambores e distorções sonoras – o ambiente escurece ainda mais na mesma medida em que a música aumenta. Um fiapo de luz nasce aos fundos do grande salão religioso, paira sobre as cabeças carecas dos homens – *A calvície te incomoda? Venha resgatar o charme da juventude; Perucas Xarme Agora, o verdadeiro charme que elas gostam* – e dos cabelos presos das mulheres, e se projeta em imagens de pessoas na parede de frente ao público: a primeira é uma mulher de cabelos vermelhos, usando um vestido curto, logo depois, um homem negro de cabelos trançados.

Na parede ao lado da exibição dessas fotos, a prata de um cristo na cruz reflete as letras garrafais dos crimes cometidos: pedófilo, assassino, traidor da pátria. Um jovem de olhos amendoados escondidos pelos cabelos pretos e lisos chama a atenção de Hadassa. Deveria fugir, mas seu corpo não se move. Enquanto os fiéis expurgam seus demônios

aos gritos de “Fora, Acotirenes!”, “Morte aos imigrantes!” ou “Salve o Presidente!”, os pastores preparam o encerramento da cerimônia. Algumas fotos se repetem. Dessa vez, da imagem de Galdino se segue um vídeo de um corpo em brasa queimando vivo em um ponto de ônibus. Ninguém socorre ou tenta consolar seus gritos. A luz, lentamente, perverte os bancos da igreja ao mesmo tempo em que os fiéis voltam aos seus lugares, *Fraldas Bombom, porque o conforto do bumbum de seu filho importa*. Os mais velhos são os primeiros a se sentar, o suor escorre de suas testas. Hadassa se sente fora do corpo e, por um momento, parece não ser ela mesma; era como se pudesse assistir de longe o que acontece – em um lugar fora dali, a quilômetros da dor de perder um filho. O som dos tambores é substituído pela voz mansa do Pastor Cláudio: Irmãos, o senhor é convosco, e nada nos faltará. É desejo de Deus que a Cidadania seja apenas para nós, os cidadãos de bem. Amém! Outro pastor estende um recipiente de formato oval ligado a um comprido cabo a cada um dos presentes. Quem não contribuísse era malvisto por todos. E chamar a atenção não era desejo de ninguém. Tenho que ir embora, tenho que ir, repetia para si mesma. Antes que o pastor Lancelotti pudesse alcançá-la, Hadassa já dobrava a esquina enquanto atendia uma chamada direta para o seu GH: aqui é da escola de sua filha, temos um problema.

Onde conheceu isso, Cibele? Questiona a coordenadora, Hadassa já está a caminho, e tomaremos as providências: suas mãos de luvas azul escuro, apoiadas nos ombros da cadeira onde sento, parecem me cobrir inteira; a testa larga é esticada até metade da cabeça pelo lenço que cobre seus cabelos e os prende para trás.

Já seus lábios cerrados e secos combinam com o nariz pontiagudo que de tão pálido parece escapar-lhe do rosto; a tosse da idade imprime um ar pesado, a farda é de um azul quase preto: onde, menina, onde ouviu esse hino? Ela insiste, mas já expliquei que não lembro – quando estou triste gosto de cantá-lo, mas jamais admitiria em voz alta.

Era essa a canção favorita do meu irmão; sabe como ela termina? Respondi que não, que só me lembrava daquela parte, – em meus pensamentos, continuei: *Txuhap muká penaô, Henuhé ãhõ hõ, Heruê eiê eiê heruê eiê eiê heruê* – ativar Inspeção 3C’s de Cibele, disse, arrancando-me de minha divagação.

Letreiros de realidade aumentada se expandem de meu tórax, braços e cabeça; ora, menina, a coordenadora continuou, seu percentual de concentração diminuiu em 20% e a regularidade de seu sono regrediu pela metade, a ingestão de proteínas também está em baixa, qual fora a última vez que fez uma Inspeção Corporal e Cognitiva Completa?

Dada a essa circunstância, seguirei o regulamento com uma pena leve; mas – nesse momento, ela retorna à cadeira – não se acostume, você não é uma novata e conhece bem as regras, sabe muito bem o que eu poderia fazer, quais as medidas eu poderia tomar; sim-sim, agradeço em voz alta, Obrigada, coordenadora, minha fragilidade.

É momentânea e não me consolo com o sumiço de meu irmão perante a bondade que temos sido tratados aqui – as medidas, em seu caso, são sérias, mas podem ser atenuadas dado o tópico sétimo de nosso regulamento, que diz: as multas e punições só serão diminuídas, mas nunca descartadas.

E em raras exceções e quando a autoridade imediata achar que seja conveniente, mas a conveniência é exceção e, como essa, não pode vir a se tornar regra, você é uma das nossas melhores alunas, Cibele, você sabe disso, e pode ter um futuro brilhando na Nova Democracy. Ela interrompe minha gagueira, e continua:

Dito isso, inserirei a ocorrência em seu registro, e encaminharei à Direção a ata do ocorrido, você está suspensa das aulas de hoje, pode ir, espere no pátio, sua mãe deve chegar a qualquer momento, preciso ter uma conversa séria com ela. Senhora, sim, senhora, Cibele responde, e sai da sala.

Senta-se em um banquinho de praça escondido do sol: a sombra projetada de um dos edifícios dá uma leve sensação de alívio, nesse horário, contudo, o calor é insuportável e o suor escorre através de suas bochechas – as quatro edificações ao redor enclausuram a área em um grande quadrado perfeitamente simétrico.

No centro, uma árvore cujas folhas obedecem ao decreto de permanecerem imóveis; qualquer sopro de ar é impedido de entrar e o que resta é o lento badalar dos ventiladores das salas de aula, um vigilante de corredor caminha ao lado de Cibele e lança seu olhar cético, mas não interrompe a marcha: o som do coturno no piso.

Repete o ruído da sola dos sapatos de Erdefim, os passos de um lado para o outro: Lara, onde está Martine, eu não ordenei que a mantivesse em casa? A empregada chora

enquanto ele joga mais um copo na parede – aquela foi a última vez que a vi, depois mãe passou a cozinhar e levar as crianças para a escolinha: quando isso acontecia.

Eu ficava quieta e observava a trajetória no ar do rodopio do vidro que antecede a explosão contra a parede da cozinha; a raiva terminada, Erdefim vinha, me dava um beijo na testa, algumas CivitasCoins caíam na conta e ele dizia: *there is always someone to take advantage of the missed opportunity* – e Lara perdeu, mas já outra servia-se dela.

– Venha, Cibele, vamos embora.

– Tá tudo bem, mãe?

– Adivinha? Estamos devendo mais cinco CivitasCoins.

– Erdefim não deixaria, não deixaria isso acontecer.

– Não entendo quê; mas nem o tanto que conversam.

Mãe e filha caminham juntas até o portão da escola em silêncio: Erdefim não deixaria perderem a casa? Queria perguntar, e o que faz ter certeza disso? Nesse porém, sabia que a filha não responderia. Ele quem nos ajudou a ter a casinha concedida pelo programa Casa Azul e Branca⁵, ela retrucaria, jogando na minha cara o *somos iguais* e toda aquela ladainha. O pátio, antes vazio, está lotado de crianças de uniformes azuis. Um pequeno grupo joga futebol. Enquanto elas caminham ao lado deles, entre protestos tímidos e olhares desconfiados, um desses alunos torna-se imóvel: ignorando a bola que toca seus pés, mira Cibele até que o portão se feche. Vá para casa, diz Hadassa, tenho uma ideia de como achar seu irmão; não, você não vai comigo, já não acha que atrapalhou demais hoje? Estou perdendo tempo aqui. Vá para casa e faça as tarefas. Tranque a porta e não deixe ninguém entrar. A coordenadora deixou bem claro que você tem muito trabalho a fazer, uma biografia detalhada do Presidente Lázaro Moro, algo assim. As informações logo chegam no seu GH. Vá. À noite, conversamos.

Após o portão de madeira, o visitante se depara com uma cadeira de frente a uma mesa retangular carregada de vários papéis e um pequeno computador. Alguns passos adiante, *Maquiagens Geyse Mel, solte a verdadeira mulher que há em você*, há duas longas fileiras de caixões na vertical. Mais ainda aos fundos, um tímido raio de luz entra por uma porta entreaberta e, enfraquecido, ilumina as paredes brancas. Ferraz, preciso falar com você! Hadassa grita. Percebendo que há visita, o homem vai até o banheiro, lava o rosto, coloca o boné vermelho na cabeça após prender os cabelos e atravessa a porta da parte de trás do estabelecimento. Ainda era muito cedo e sequer havia aberto a funerária.

– Quem procura Ferraz? – Questiona o homem enquanto ajeita os grandes óculos redondos que lhe cobrem o rosto.

– Responderei, isso a ele. Pode chamá-lo?

– E como devo apresentá-la?

– Meu nome é Hadassa.

O homem analisa aquela mulher desamparada dos pés até a cabeça. É magra, tem os joelhos sujos e a roupa rasgada. Por fim, manda-a entrar. Sente-se aqui, em que posso ajudá-la?

– Serei direta, afirma Hadassa ainda em pé, quero desapropriar⁶ o enterro do meu filho.

– Verei o que posso fazer.

O homem senta-se primeiro e, em seguida, Hadassa faz o mesmo. Uma longa mesa de vidro os separa. Os óculos do homem refletem a fadiga dos olhos de Hadassa. Enquanto ele acessa os arquivos de seu GH, projetando-os em direção à mesa como se fosse um computador, a última observa os caixões:

– Quantos enterros acontecem por mês?

– Uma desapropriação necessita de um Mandado de Segurança expedido até 12 horas antes do início do enterro.

– E como consigo isso?

– É caro. Pode custar todas as suas CivitasCoins.

– Quem pagará pela conta é o Pastor Lancellotti.

O homem interrompe a digitação na realidade aumentada de seu GH e fecha sua tela de projeção particular. Será que a senhora pode fechar a porta?... Não imaginei que a Antígona fosse me visitar tão cedo. Mesmo sem compreender, Hadassa levanta-se e anda em direção à entrada. Tranque-a, alerta ele com um tom sobrecarregado de voz. As batidas do coração aceleram, ainda assim, ela faz o que é pedido e volta a se sentar.

– Já disse que meu nome é Hadassa. – De acordo com os registros, receberei o corpo de seu filho esta tarde, e ele ficará retido na Sala Provisória dos Renegados. – Ele não! Ele não é... – É apenas uma sala. E temos cerca de uma hora para fechar um acordo antes que os guardas cheguem; e ninguém mais consegue entrar aqui. O enterro é amanhã, em nosso primeiro horário disponível, junto com outros cinco corpos de pessoas que morreram tentando entrar no país atravessando a fronteira de forma ilegal. Por isso, a sala é nomeada assim. – Nós não somos ilegais. – Mas também não são cidadãos. – E como consigo; que faço pra ter esse Mandado de Segurança? – Você não consegue. – Não me faça, senhor, que perda de tempo! – Sente-se! Caso contrário, essa conversa nunca existiu... Muito bem. Respire. Mantenha a calma. Se você elevar demais seu nível de estresse, pode chamar atenção. Isso. Lancellotti avisou que entraria em contato com você, e acredito que ele não teve tempo de explicar nossa proposta. – Então é você o Ferraz?

Ele se levanta e caminha para a parte de trás da funerária onde fica o depósito de caixões: um deles possui bordas douradas e está de pé, encostado na parede. Ferraz o move lentamente para o lado e toca a respectiva parede com a mão esquerda aberta, após dez segundos, seu GH pisca algumas vezes através de seus olhos e um pequeno quadrado na parede ao redor de sua mão responde com seu sinal de alerta; logo em seguida, ele consegue atravessar o braço até o cotovelo pela parede falsa e tira de dentro dela uma caixinha preta. Depois, retorna para a sala principal da funerária e diz: dentro dessa caixinha, há pílulas de Amós, um pequeno medicamento cujo efeito é retardar as forças de seu GH por oito horas. E eu só posso lhe ajudar, Josefá, se você tomar uma pílula dessas. – Como vocês sabem meu nome? – Ferraz abre a caixinha preta. Dentro dela, cerca de vinte pequenas pílulas verdes descansam lado a lado de outras amarelas sobre um tecido escuro: você pode contribuir para a nossa revolução, Josefá; em troca, o corpo incinerado de seu filho pode descansar e você se despede dele como quiser. Ele

retira uma pílula da caixinha e a coloca sobre a língua aberta. Depois de a engolir, pergunta: o que me diz, Josefá? Você nos ajuda em nossa revolução e a ajudaremos a enterrar seu filho... Espere!... Você ouviu?... Tem alguém lá fora!...

Cibele deixa os cadernos caírem no chão e o barulho entrega sua localização, antes que seja descoberta, recolhe os materiais e corre dali, mas teria ouvido bem? O corpo queimado de Conrado, a revolução, aqueles dois conversavam bem baixinho... Cibele, apoiada na Executive Order n° 19⁷, pode ouvir toda a conversa.

Enquanto corre para longe, as perguntas – que revolução? Quem era aquele homem? No que o irmão tinha se metido? Por que nunca soube de nada? – contorciam-se, provocando uma dor de cabeça; após virar o quarteirão, para em frente a uma cafeteria a fim de recuperar o fôlego: um jovem casal a observa de longe.

Sentados na parte externa do estabelecimento parecem estranhar a estudante uniformizada fora da escola, enquanto tomam café e fumam, dividem o olhar entre a menina e outdoor do outro lado da rua; com um único dia de desgraça, todo o esforço desses anos, tudo! Tudo é nada, falar com Erdefim ou ir para casa?

A mulher acaricia os cabelos com a mão esquerda e sua aliança repercute as luzes da rua – poderia ser eu, poderia sim, eu, na idade dela, já teria cursado a faculdade, estaria trabalhando, cuidando de mim, e poderia encontrar alguém, por que não? Eu não faria que nem mamãe, que não sabe onde estão os filhos – a culpa é dela!

Menina arteira, menina atrevida; Cibele! Pôs tudo a perder; ah, que vida! Ela achou que Ferraz não teria visto? Que não teria visto a cabeça dela pela porta? A fuga da ordinária? Que pensa? Que vá. Em casa, resolvo. Entojo! Que faço? Na aldeia era tudo tão mais fácil. Os dias eram calmos. As crianças brincavam. As meninas sorriam. Os meninos tinham mais força; mais energia. Aqui, a gente vive. Sobrevive. Lá a gente existe; eterniza. Lá a gente habita, aqui a gente mora. E morre. Morre aos poucos. Cada dia é uma vitória. E uma perda. Cibele não é mais indígena. Ela já sabe. Eu já sei. E continuo ensinando; continuo falando da vida pataxó. Cada dia esqueço mais. A gente tem que enterrar o corpo de Galdino. Eu queria ter contado o que ouvi. É tarde. Agora,

ela sabe. Não sabia que seria tão difícil. Que cada dia seria uma morte nossa; uma morte de uma parte nossa. Não sei... Quando vi aquilo, toda aquela fumaça preta subir, aquelas cinzas como se fosse um cuspe da terra em direção ao céu... Refugiada, eles disseram. Demorei a entender. Não tem refugiada na língua pataxó.

– Podemos confiar na sua filha? – Queria responder que sim, mas eu não sei. Eu não sei, Ferraz, eu não sei. – Sente-se, Josefá, que o Amós está já a fazer efeito e – o GH de Ferraz brilha duas vezes e seus olhos confirmam o envio de uma mensagem – a primeira vez é sempre a pior, mas você se acostuma. De repente, o olhar de Hadassa prende-se em um ponto vazio do teto. Embora fixado nesse ponto, sentia os olhos vibrarem de um lado para o outro, um frio parte dos seus pés até a altura do quadril seguido por um formigamento das mãos até a clavícula; o pescoço pesado é enterrado nos ombros que ainda parecem carregar sacos e sacos de soja; mas já faz tempo que saí de lá, não faz sentido, diz em voz alta. Olhe para suas mãos, pede Ferraz, e mantenha a calma. Tremia. O pescoço demora a responder. Novamente, a sensação de estar fora do corpo: tinha certeza que este não era o seu corpo, que estas mãos não eram suas, que essa garganta seca com arrote de vodca não poderia ser aquela que cresceu mergulhando em uma cachoeira nas noites de lua extasiada. É difícil vencer a obsessão por aquele ponto vazio do teto e a inquieta monotonia de permanecer o enfrentando, diga-me, qual é o seu segredo? As mãos movem-se até a altura da paralisia dos olhos: a sujeita debaixo das unhas, as bolhas da mão direita e o corte recente na mão esquerda – não havia sentido dor quando quebrou aquela taça na casa dos Forscher e, agora, descobre que o machucado sequer havia cicatrizado. O pescoço se move para baixo e os pés mergulham em uma onda de cansaço.

– Se você sentisse este estado antes, voltaria a trabalhar? – É impossível, sinto dores nas costas que nunca senti antes. – Seu GH é feito para criar os funcionários perfeitos e incansáveis. Na verdade, estou impressionado que tenha conseguido sobreviver durante todo este tempo, Josefá. Não é à toa que Erdefim a escolheu. – Não sei se entendi. – O Amós que tomou consegue bloquear os efeitos do GH; entretanto, o efeito dura somente oito horas. Você precisará tomar outro medicamento novamente durante esses intervalos... está acompanhando? Você tem uma força de vontade admirável, Josefá. Há realmente poucos casos em que os usuários de GH de sua geração sobrevivem tanto tempo. É por isso que precisamos derrotar a Nova Democracy. E é aqui que você pode nos ajudar. – Eu mal consigo ficar de pé, como posso ajudar?... E minha filha?... –

Erdefim Forscher é um importante funcionário da Nova Democracy. Se conseguirmos invadir o GH dele, podemos obter informações valiosas. Não chore. Veja, – Ferraz pega a caixinha preta sobre a mesa e enfia seus dedos nela – está vendo esta pílula amarela? Tudo que você precisa fazer é abrir essa pílula e espalhar o pó de dentro dela na bebida de Erdefim. – Não quero matar ninguém. – Não podemos matá-lo; se o fizéssemos, militares bateriam na porta da casa em menos de cinco minutos. Tudo que precisamos fazer é colocá-lo para dormir e invadir seu GH; o sono será tão pesado que conseguiremos em pouquíssimo tempo terminar nossa operação. Basta que você faça um sinal do quarto do casal, daquela varandinha que fica para rua, e nós invadimos a casa, fazemos o download das informações necessárias do GH de Erdefim e saímos sem ser notados. Já cuidamos das câmeras de segurança, essa é a parte fácil. Daqui em diante, depende de você, Josefá. Mas precisamos que ele, e todos os presentes, estejam inconscientes para isso. – Se eu fizer isso, posso morrer! E minha filha?... – Olhe para suas condições, e pense: quanto tempo mais você acha que sobrevive sem ser descartada? Não há vida dentro da Nova Democracy, Josefá, e ganhar a CP2 é impossível; eles colocam vocês a perseguir miragens, não; não importa o que faça, não interessa o quanto vocês se dediquem, sempre haverá novas multas e novos cálculos que impossibilitem tudo, tudo o que fazem. – Depois que ganhei minha casa, achei que as coisas iriam melhorar; desconfiava, mas havia esperança, entende? – Quem merenda, não janta. – Como?... – Migalhas, Josefá, migalhas não fazem revolução. – Tudo que me resta agora é a minha filha. – A menina que saiu correndo daqui?... A dedicada estudante da EFAE?... – Ela é a minha filha, e é tudo. – Não sei se é possível. – Se ajudar vocês nisso, quero que a tirem daqui. Levem-na! E a levem para qualquer outro lugar. – Essa é sua condição?... Temos um trato?... – Eu não queria precisar lutar, Ferraz. E mais; tem outra coisa. – Diga. – Vocês devem também tentar acessar o GH de Martine. – Quem?... – A esposa de Erdefim. – Ora?... E por quê?... – Não tenho tempo agora. Mas façam isso.

O sino da tarde toca por toda a cidade e inicia o turno vespertino de trabalho e de estudo, no mesmo instante, Cibele presta continência três vezes para a rua: o homem dá

um gole no café e cochicha; não importa, tenho a autorização para retornar para casa, pensou, é o que devo fazer, não sou uma atoa.

Ainda assim, é melhor parar e ouvir o noticiário vespertino do Presidente, qualquer sinal de desrespeito pode ser lesa-pátria, conforme a Executive Order nº295, e isso aprendeu na escola; logo que o badalar do sino termina, todos os outdoors da rua sincronizam em contagem regressiva de cinco segundos.

O Presidente Lázaro Moro começa a discursar², faltam poucos meses para o aniversário da Revolução de 2030; que fazer? Sem dúvida, a mãe estava envolvida com os Acotirenes e isso causara a morte do irmão; eu quero não morrer aqui, eu não posso morrer aqui, e falta tão pouco, eu que tanto me esforcei.

Em pouquíssimos meses, eu obteria a cidadania, para que correr o risco? Conrado não era burro, deveria ter uma explicação para se envolver com os terroristas; eu posso ir até o trabalho de Hadassa e questioná-la, entretanto, há o risco da punição; a Diretora foi clara: vá pra casa, essa era a ordem – e ordem é ação.

À noite, depois que chegar do trabalho, eu a questiono; e se ainda tramar com os Acotirenes? Os terroristas se infiltram em nossa sociedade, querem a corromper por dentro, nosso inimigo pode ser seu pai, sua mãe ou seu irmão, disse a professora de Formação Social; as lições são o meu escudo.

Sempre desconfiem e nos alertem sobre a possibilidade de um crime, a voz da professora ecoava, mas naquela época, achava impossível denunciar alguém da família;

² Citizens, para o aniversário da Revolução de 2030 teremos a presença do professor Ernesto Vélez, o primeiro a demonstrar como o multiculturalismo é parte da estratégia para um superestado global. Isso, durante anos, levou nossa cultura à ruína. Sem identidades culturais, mas unindo-se com base em latino-ideology, eles desejavam manipular as mentes pensantes, principalmente, de nossos jovens universitários. Muitas vezes, vimos nossos filhos serem influenciados por professores que defendiam a liberdade sexual. O sexo entre iguais. Relações descompromissadas fora do matrimônio. The war is also spiritual; graças ao professor Ernesto Vélez, um dos pioneiros no mundo a dissecar a gravidade do Acotirenismo Cultural de nossos meios midiáticos e acadêmicos, fomos libertos dos grilhões da história submetidos a ideologias nefastas que sempre nos dividiram. Nossa educação não é mais a mesma e, agora, nossos alunos alcançam índices melhores em avaliações internacionais. Voltamos a ensinar conteúdos, e não comportamentos imorais vindos de outras nacionalidades e que nunca nos pertenceram. We are a big country again. As pessoas se reconectaram. Até o próprio Cristo começa a circular livremente pela alma humana. Agora, não somos mais rivais dentro de um mesmo território, pouco importa nossas divisões entre homens ou mulheres, brancos ou negros; somos só um povo! E não mais diferentes dentro de uma só nação. Somos um, somos só um; tão unicamente um, eu e você: um país, uma cultura, um povo. Let the anniversary of the Revolution of 2030 be a miracle!

quem sabe o erro seja meu, afinal, eu tive oportunidade de *realmente* aprender – eu posso conseguir entrar nas faculdades daqui, depois de passar na ENAE.

E ainda havia o apoio de Erdefim em nosso último jantar juntos: você é o futuro da revolução, uma imigrante que veio do nada, estudou, dedicou-se em tempo integral, abriu mão das horas de lazer e se empenhou, quem vence sem obstáculos, triunfa sem glória! Somos iguais, e igualmente capazes: eu tenho o potencial de meus sonhos.

E o sucesso é consequência de um compromisso inabalável, retiro as primeiras pedras de meu caminho, mas o objetivo é mover montanhas – ser uma grande empresária, uma equipe incansável, metas, orçamentos, custo dos produtos e serviços, priorizar investimentos, analisar a concorrência, metas de curto, médio e longo prazo.

Enquanto conversávamos sobre o meu futuro fortune, Martine bebia mais um drink sentada perto da piscina: ficou assim desde a última vez que voltou de braços vazios do hospital; perguntei o que Erdefim quis dizer, mas já era tarde, me deu um beijo na testa e mandou o motorista me levar embora.

Durante todos esses anos, Hadassa trabalhou mais do que estudou, chegava depois da hora de dormir e era a primeira a acordar; talvez, se eu tivesse conversado mais, se eu explicasse sobre quem são os Acotirenes, é isso, desconhece quem eles são e o perigo de suas ações; não há outra explicação: eu tenho que ajudá-la, eu!...

– É isso que queria? Erdefim acabou de chegar com elas.

As folhas de patioba sobre a pia da cozinha, Hadassa não acredita. Obrigada, senhora, era isso mesmo, e desculpe o atraso. Certo, me chame quando ficar pronto. Sim, senhora. Pensou em perguntar como o comandante havia conseguido, mas sabia que ela não a responderia. Bastaria descongelar o peixe para começar a preparar o almoço. Peixe na folha de patioba, quanto tempo faz desde a última vez? Enquanto lava as folhas, assobia tentando lembrar de algum canto antigo de seu povo; por que estava tão difícil cantá-los agora? Ainda era cedo, mas o café da manhã já estava atrasado. Fez o café de Erdefim, o suco de Martine e o achocolatado das crianças. Antes de levá-los para a mesa de jantar, tirou do bolso da calça a pílula amarela, verificou mais uma vez

se não tinha ninguém chegando, abriu aquele frasquinho e dispersou o líquido no café e no suco; se Martine não sair hoje, é melhor que esteja dormindo também, concluiu.

Cidadania: The Battle Royale Game!... Hoje, às 20h, mais uma eliminação!... Duas piscadas fortes e Cibele encerra a propaganda, restam mais duas publicidades diárias que pode interromper e fechar; hoje, sem dúvida, Claiber será eliminado, ainda que tenha escapado ontem, perdeu muito sangue com a facada que levou de Ichigo.

A cada semana, sete imigrantes são reunidos e enviados para alguma região brasileira, na semana passada, mais uma vez, o palco fora a floresta amazônica, na pequena região cedida pelo agronegócio, entretanto não houve vencedores: no domingo, o prazo de meia-noite estourou – a audiência esperava uma batalha rápida, ainda que eletrizante.

E ainda havia dois sobreviventes, embora o apresentador tenha lembrado a regra de ouro – *Apenas um vencedor! Apenas uma cidadania!* – o casal insistia em não se matar; uma cena brega de amor? Macário ainda tentou um tiro na própria cabeça – e infringiu outra regra: um suicídio no domingo encerra o jogo.

Nesta semana é mais divertido: lançaram os sete jogadores em uma favela, além de terem que se matar, ainda têm que lidar com os últimos favelados que restaram: é necessário invadir alguma dessas casas e roubar o que resta para conseguir comida, ou tentar obter alguma outra vantagem. O programa bateu recordes de audiência com isso.

As câmeras implantadas nos GH's dos participantes transmitem o que os jogadores veem em primeira pessoa em tempo integral: assinaturas mais caras podem ter acesso a esse serviço; desse jeito não é preciso esperar o resumo dos acontecimentos, sempre às 22h, no horário do programa apresentado pelo icônico Abdul.

A forma como grita *The Battle Royale Game*, com ênfase prolongada na última palavra e carregando o timbre elevado e aberto da vogal *a* até o limite do fôlego é o seu cartão de visita, os ternos coloridos listrados de diferentes cores ou seus longos chapéus com ND bordado sempre em dourado são sempre uma surpresa à parte.

Outra regra é que os jogadores não podem ultrapassar os limites da região de batalha, aquele que ultrapassar esses limites e ignorar os avisos em seu GH morre; há também, dentro desses espaços-limite, conhecido como Palco Cidadão, as chamadas Zonas Proibidas: alguns metros quadrados em que os jogadores não podem permanecer.

Essas zonas não são estáticas e mudam quatro vezes durante o dia, assim, uma casa pode ser uma Zona Proibida, depois, um campo de futebol, ou mesmo todo um beco ou a sombra de uma árvore, caso se permaneça nesses locais por mais de dez minutos, o jogador é eliminado.

Nas segundas-feiras, quando uma nova edição do programa começa, os sete participantes são apresentados ao público: amigos, vizinhos e, se existirem, maridos ou esposas são comumente entrevistados para compor um primeiro perfil; depois, cada jogador responde a mesma pergunta: por que você quer ser um cidadão brasileiro?

Em seguida, cada jogador recebe um kit de sobrevivência e, através de um sorteio, descobre com qual arma iniciará o game, com sorte, pode pegar uma pistola, ou até mesmo uma metralhadora; nesses casos, lida-se com a dificuldade do número restrito de munição inicial: facas, espadas, escudos, machados, sabres, lanças ou estiletos.

A quantidade de armas disponíveis é variada e proporciona doces surpresas em cada nova edição semanal do programa, tomar a arma do adversário derrotado é permitido, além disso, se não houver alguma morte diária, ocorre um sorteio e qualquer um pode ser eliminado – matar ou morrer pela sorte do azar é o lema do programa.

Às vezes, abre-se uma votação aberta em que o participante mais votado pelo público será eliminado e uma nova votação para decidir como será a eliminação: lista-se um leque diversificado de possibilidades como o uso da antiga cadeira elétrica ou que outro participante o faça com um porrete, faca ou estrangulamento com as próprias mãos.

Nesta semana, Cibele torce para o Ichigo: por azar, o jogador havia começado com uma faca e, para piorar a situação, encontrou Claiber armado com uma katana; ao reconhecer que estava em desvantagem, correu pelos becos da favela e, como quem brinca de pique se esconde, Ichigo surpreendeu o adversário com uma facada pelas costas.

Na edição do programa de ontem, a imagem da faca encravada nas costas de Claiber congelou: os créditos e nome de patrocinadores começaram a subir a tela; teria Ichigo

conseguido escapar? Parecia com a magreza do irmão combinada com aquele ridículo cabelo dividido ao meio: Conrado não aceitava mudar, vai saber por quê.

Ichigo também tinha quase a mesma idade que o irmão e, talvez, por essa soma de fatores era que Cibele havia desejado torcer por ele; contudo, apenas um jogador é o vencedor, tão somente um pode sobreviver e, para isso, deveria ser melhor e eliminar todos os outros – não é assim a vida?

– E as propagandas, sumiram?

Nenhum grito do apresentador do Reality. Nenhuma promoção relâmpago. Nenhum produto novo no mercado. Até os anúncios do presidente sumiram. Hadassa? Fiquei ali encarando o comandante sem saber o que dizer. Ele sorri. Desculpe, eu respondi; Martine havia prometido comentar com o marido, no entanto, como ter certeza se o desaparecimento das propagandas era por conta da interferência dele ou do tal medicamento Amós? Erdefim continua me olhando. Um sorriso de meia boca, escondido como um malware em cavalo de troia: só mostrando os dentes da frente. Servi o café e fiquei esperando que ele o tomasse. Mais alguma coisa? Não, respondi, e saí da sala. De longe, vi a sombra de Martine portando um copo de suco.

*Os Acotirenes estão infiltrados,
com eles não posso lidar sozinho,
olhos abertos, então, a denunciar,
minha pátria mãe, eu vou te salvar!
Não tem nada mais importante
do que não andar – sozinho!*

O som das batidas do chimbal, na caixa e no bumbo da bateria combinadas com os dois ou três acordes do som da guitarra ao refrão *não tem mais nada mais importante do que não andar – sozinho!* da voz melosa do vocalista do grupo Ministério da Suprema Felicidade repetem-se pela terceira e última vez na boca de Cibele.

Vira a esquina e avista de longe o terreno de casinhas iguais construído com o programa Casa Azul e Branca, quando se aproxima, nota que a janela da sala estava aberta; alguém poderia ter entrado? Na escola, diziam para ter medo dessas pequenas armadilhas: os Acotirenes podem facilmente nos fazer de reféns.

Eu tenho que sair deste local, aqui não é pra mim, depois da faculdade, compro uma casa grande e protegida como a dos Forscher; uma vizinha do conjunto habitacional passa ao seu lado e pergunta por que Cibele não está na escola, mas a menina não responde: estou sozinha e ninguém além de mim mesma pode realizar meus sonhos.

O GH de Cibele pisca por vontade própria e seus dedos se movem em direção ao botão projetado: *denunciar* – ela o aperta e envia a conversa gravada de sua mãe com o Acotirene na funerária; da janela de sua casa, surge o Pastor Lancelotti: é tarde demais, ele sussurra enquanto a menina corre para distante dali.

No segundo andar da casa, da janela do quarto dos Forscher, Hadassa sinaliza com as mãos para um carro do outro lado da rua. Dois homens saem do veículo preto e atravessam a rua de forma despreziosa e calma. Os vizinhos já saíram para trabalhar e parece que ninguém os viu. Hadassa fez sua parte: depois de mandar as crianças para a escola, envenenou Erdefim e a esposa. Os homens param em frente da casa e um deles posiciona a mão no leitor de GH: a porta se abre. Eles não são amadores. Nenhum alarme dispara. Parece um dia normal e como Ferraz havia explicado: em poucos minutos, após você sinalizar, eles invadem e baixam as informações do GH de Erdefim e logo saem sem ser percebidos. Em troca, Cibele e Hadassa poderiam enterrar Galdino. Além disso, Ferraz verificaria a possibilidade das duas fugirem para outro lugar. Estava cansada. O corpo queria deitar. As costas travadas já tinham criado um corcunda. Bom, agora era esperar eles saírem. Dessa vez, preferiu uísque à vodca. Nunca tinha ficado tão livre e sozinha no quarto do casal. Tomou mais um gole daquele copo esnobe de Erdefim. O cansaço era tanto e decidiu se deitar. Antes da cama, olhou no espelho: a cicatriz no meio da testa e as rugas. Mais um gole da garrafa de The Macallan. Deitou-se, enfim. O colchão era tão macio que parecia abraçá-la. Olhou fixamente para o teto – nunca tinha reparado que ele era azul. Antes de cair no sono, ouviu o disparo de dois

tiros de dentro da casa. O coração parecia implodir o peito. Com o susto, levantou-se rápido demais, a cabeça tonteou e, por conta do desequilíbrio, os pés a levaram até a janela. Sente a boca dormente e a garganta trancada pela sede. Mais um tiro. Quando olhou pela janela, contou sete homens apontando suas armas atrás de duas viaturas em direção ao primeiro andar da casa. É tarde, disse para si mesma. Lá longe, o uniforme suado de Cibele corria nesta direção – é impossível ouvir o que a filha tentava dizer. Mais dois carros se aproximam e cercam os policiais: uma nova troca de tiros se inicia. No meio dessa confusão, um dos homens consegue escapar pela parte de trás da casa enquanto todos os demais cobrem de tiros os policiais em seu cerco – homens brancos se matando para provar quem tem mais poder, a vida é isso? Passos de coturno sobem a escada. Alguém abre a porta do quarto. Josefá não se vira para ver quem entra, mas solta – do outro lado da rua, um tiro acerta Cibele, que cai no chão – um último grito para a filha e antes que pudesse repeti-lo, no balbuciar da última sentença, no pequeno intervalo entre a fonética de uma sílaba tônica e outra, a pressão aumenta sobre sua pele e a temperatura diminuiu sob sua nuca que se atravessa em névoa.

¹ A Executive Order nº 3 estabelece que a demarcação de terras indígenas não se limita à política indigenista. Assim, extingue a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e concentra no Congresso Nacional o debate das questões que envolvem as demarcações dessas terras. Isso evidencia como somente os legítimos representantes do povo brasileiro podem decidir sobre o destino de significativa parcela do território nacional, em destaque para a bancada ruralista, e em decisão conjunta aos poderes executivos locais.

² A Executive Order nº 57 estabelece que os refugiados menores de idade devem ser matriculados nas Escolas Federais de Alunos Estrangeiros (EFAE). Segundo o primeiro capítulo dessa lei, a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, fundamentada na monogamia e na relação heterossexual, e na convivência humana enfatizando o acesso ao mercado de trabalho e a prática social. No quarto capítulo, artigo quinto, determina-se que, ao final do curso, e sendo aprovados nos exames curriculares semestrais e anuais, o aluno se submeterá ao Exame Nacional de Alunos Estrangeiros (ENAE). No quinto capítulo, parágrafo primeiro, define-se que o ENAE é a forma legal e legítima do aluno estrangeiro tornar-se, se aprovado, cidadão e, por conseguinte, possuir todos os direitos e deveres legais de um brasileiro comum e, como tal, ingressar nos cursos superiores e/ou técnicos ofertados em território nacional. No último parágrafo desse capítulo, explica-se que, caso reprovado no exame, o aluno deve ser encaminhado para o mercado de trabalho; e, em seu último inciso, estabelece-se que cada aluno tem o direito a apenas uma tentativa de prestar o ENAE.

³ A Executive Order nº 138 regulamentou, devido à inexigibilidade da licitação, a sociedade comercial neurotecnológica *Musk Institute for Evolutionary Transhumanism*, com sede oficial nos Estados Unidos da América, como a prestadora oficial de serviços de implante e manutenção de Chips Neurais em território brasileiro. A tecnologia, baseada no uso do 5G, conforme o primeiro parágrafo da Executive Order, substitui os antigos e ultrapassados aparelhos celulares e traz inovações quanto à segurança de navegações do usuário, bem como investe em maximizar as potencialidades humanas em sua busca de erradicar o sofrimento ao conciliar a humanidade com a tecnologia e minimizar os efeitos da velhice e das doenças neurológicas.

O inciso primeiro da Executive Order justifica a inexigibilidade da licitação e traça um panorama das primeiras gerações tecnológicas do God Hand: enquanto a primeira geração tornou obsoleto os aparelhos celulares, porque disponha ao usuário o uso da internet a partir da visualização de pequenas telas projetadas em realidade aumentada, além da possibilidade de comunicação direta, seja por texto ou videochamada, a segunda geração curou paraplégicos, recuperando movimento de membros paralisados, e dizimou sintomas do Mal de Parkinson e do Alzheimer; dessa forma, ao tratar doenças cerebrais graves, o laço neural criado pela tecnologia do instituto destaca-se como ponto máximo de sucesso na integração homem e tecnologia. Isto posto, fica evidente e inquestionável a impossibilidade de concorrência com outras empresas do ramo internacional com o Musk Institute for Evolutionary Transhumanism e se legitima sua importância para o desenvolvimento da humanidade.

⁴ A Executive Order nº 212 normatiza as relações de trabalho de exclusividade por meio do estabelecimento da figura do Superior Privado e Imediato (SPI). Por meio deste, é possível contratar os mesmos serviços oferecidos por empregados de pessoa física ou jurídica, incluindo-se aqui microempreendedores individuais, por longos períodos de tempo sem, entretanto, o estabelecimento de vínculo empregatício ou demais infortúnios como direitos trabalhistas, décimo terceiro ou férias remuneradas.

⁵ A Executive Order nº 302 institui o Programa Casa Azul e Branca com a finalidade de promover o direito à moradia a famílias residentes em áreas urbanas com renda mensal de até R\$ 10.000,00 (dez mil reais) e imigrantes com renda mensal a partir de R\$ 5.000 (cinco mil CivitasCoins). O último artigo justifica que, comprovada a inegável necessidade e sendo imprescindível a autorização do respectivo Superior Privado e Imediato (SPI), é possível pleitear uma dessas casas sem possuir a renda necessária.

⁶ A Executive Order nº 447 deliberou como apropriado todo o procedimento de sepultamento do falecido que não tiver parentes ou se as causas eventuais de sua morte forem relacionadas ao cometimento de crimes de terrorismo ou de lesa-pátria. Apropriado, descreve o artigo primeiro desse Executive Order, é a organização e responsabilização por parte do estado, representado por suas agências funerárias estatais, de todo e qualquer sepultamento destes mortos, isentando dos familiares do morto a responsabilidade pelos rituais fúnebres. O segundo artigo impõe sobre o corpo morto, como imperativo à

soberania e à guarda nacional, caso este tenha cometido crimes de terrorismo, o Ocultamento. O terceiro artigo descreve o Ocultamento como a impossibilidade de aproximação de qualquer pessoa, incluindo os familiares interessados, de aproximação com o corpo do falecido. O quarto inciso descreve o prazo de um dia para que a funerária, responsável pelo sepultamento desses casos, fazer os procedimentos necessários. E o último artigo prescreve como crime de lesa-pátria o não seguimento dessas normas.

⁷ A Executive Order nº19 estabelece ações de combate ao terrorismo. Considera-se terrorismo qualquer atitude ou ameaça no qual acarrete o transporte ou o porte de explosivos, gases tóxicos, venenos, conteúdos biológicos, químicos, nucleares ou outros meios, incluso os digitais e eletrônicos, capazes de causar danos ou promover destruição em massa ou da propriedade privada; considera-se também como ato de terrorismo a sabotagem de instituições privadas e públicas que possam danificar, atrasar ou mesmo ocorrer em prejuízo à obediência aos Executive Orders.

No centésimo terceiro parágrafo, listam-se os direitos e possibilidades individuais do cidadão comum no combate ao terrorismo, como fazer denúncias, com sigilo da fonte, e sem prejuízos particulares, ou o caso de excludente de licitude em possibilidade de se lidar com situações de violência no enfrentamento a esse grupo. Na vigésima seção do parágrafo, trata-se de como os imigrantes podem colaborar no enfrentamento ao terrorismo; nesse objetivo, e com o apoio da tecnologia de terceira geração criada pelo Instituto Musk, permite-se que um familiar possa invadir o GH de outro membro de sua família em hipótese do envolvimento deste com grupos terroristas, tais como os Acotirenes, ou ainda os remanescentes dos extintos Movimento dos Sem Terra (MST), Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), ou organizações indígenas espalhadas pelo país.

ACOTIRENES

Quando essas pessoas existirem, mandarão ao diabo as ideias que hoje se tem a respeito do que elas deveriam fazer; elas mesmas constituirão sua práxis e, em consonância com ela, a opinião pública que julgará a práxis de cada indivíduo. Ponto final.

Friedrich Engels

Pode sair, doutor, diz uma voz mais ao fundo, deixe que eu cuido dela, o homem de óculos redondos tranca a porta depois que o médico sai do quarto, em seguida, arrasta a cadeira que estava abandonada no cantinho, senta-se de frente à menina e pergunta: como se sente? Não se mexa, ainda é cedo para isso.

A última coisa que lembrava era de correr em direção à casa dos Forscher e, de repente, um empurrão no ombro direito sacode o corpo que desaba no chão; tentou reter a lembrança como se buscasse mais uma chance de ouvir a voz da mãe asfixiada pela gritaria dos tiros das pistolas – posso chamá-la pelo verdadeiro nome?

A voz do homem é familiar; as cortinas fechadas da janela ao lado impossibilitam conferir se é dia ou noite, quanto tempo passou? Meu braço direito parece mais pesado que todo o resto do meu corpo e enquanto tento superar o enjoo do estômago, uma saliva descontrolada escorre pela minha boca.

Meu medo era esse. Já não sei se podemos fazer algo por você.

Eu te conheço.

Pode me chamar de Rafael. Sua mãe me conheceu como Ferraz.

Lembro-me bem de você...

E eu de você, respondeu Rafael ajustando os óculos que deslizavam do nariz, e o novo braço, que achou?

O peso no ombro direito era insuportável e o metal de seus novos dedos pareciam enferrujados, aquele homem era o responsável por tudo: se não tivesse convidado mãe para essa mentira de revolução, ela ainda estaria viva; ao lado da cadeira onde Rafael se senta, há uma pequena mesa de cirurgia.

As amarras em seus punhos impossibilitam ficar sentada em uma posição confortável, com a tentativa, sente uma queimação no ombro e uma coceira na palma da mão direita, os lábios ainda dormentes não conseguem controlar a saliva que insiste em escorrer para fora: coça, diz baixinho como se não quisesse ser ouvida.

Desculpe pela amputação, não conseguimos chegar a tempo para salvar seu braço. Mas a coceira passará. Chama-se dor fantasma. Posso pedir para o médico explicar tudo depois.

Por que fizeram isso?

Sua mãe juntou-se a nossa causa e eu contraí uma dívida com ela.

A versão de seu braço era inferior e inútil comparado aos que tinha visto nas revistas digitais especializadas, possível ser de duas, ou até mesmo três gerações anteriores, mas estava viva: no regulamento da Escola de Imigrantes, havia lido que, caso encontrasse com o grupo terrorista, a melhor maneira de lidar com os Acotirenes.

É tentar ganhar sua confiança, observá-los de perto e aguardar uma oportunidade para denunciá-los e pedir ajuda, se fosse seguir o regulamento, diria que não estava com medo, depois, tentaria obter mais informações, até conseguir ativar seu GH e pedir ajuda, enviando sua localização.

Por que denunciou sua mãe, Cibele? Ele indaga; os Acotirenes se infiltram na sociedade para corromper nossos valores: freedom, equality, property, and family – o que pretendem é destruir os pilares que possibilitaram o progresso social e a liberdade, e em nome de quê? Vagabundos, terroristas; preciso manter a calma:

Foram vocês que a mataram?

Você não me ouviu? Sua mãe aderiu a nossa causa. Não tínhamos por que eliminar uma irmã. Pelo contrário, tentamos salvá-la assim como salvamos você, mas a posição dela no momento da batalha nos prejudicou e chegamos tarde demais. Eu lamento. Mas isso somente aconteceu porque você a denunciou.

Mas, acotirenes são uns, vocês matam.

Acotirene foi incriminada e nunca matou ninguém.

Os Acotirenes mentem para corromper e corrompem para seduzir, aquele homem de óculos falava bem, fazia pausas breves como um professor articulando uma nova matéria de difícil assimilação, em nenhum momento, parecia nervoso ou de fala improvisada, na verdade, parecia ter decorado esse discurso.

Por que correu para a casa dos Forscher depois da denúncia? O que pretendia fazer, Cibele?

Havia denunciado a mãe porque era o certo a se fazer, e só assim, com a pura verdade de uma confissão, ela poderia continuar na Nova Democracy, o regimento é bem claro nesse ponto, e a professora sempre dizia *quem colabora com Acotirene, aceita ser despachado*, e que outro país os aceitaria com tantos benefícios?

Ouviu dizer uma vez que os imigrantes em Cuba eram jogados ao mar, mas não sabia como responder o por que havia começado a correr, do que tinha medo? A mãe poderia receber o perdão se entregasse os Acotirenes, era isso o determinado, era isto que havia aprendido na escola: o certo a se fazer, um dever moral a ser cumprido.

Amanhã começa o julgamento que determinará se você deve ser aceita em nossa comunidade. As perguntas que te fiz devem ser respondidas. Tente ensaiar as respostas.

Ele está me ajudando? Por que faz isso? Ou, melhor, o que ganha com isso? O que pretende demonstrar?... O braço direito range, a coceira piora e se alastra, tento perguntar o que ele quer, mas minha garganta coça como se tivesse um pedaço enorme de maçã atravessado nela.

Deve ter sido difícil tornar-se uma das melhores alunas da Escola de Imigrantes com essa gagueira. Posso te ensinar alguns exercícios de respiração. Talvez ajude.

Não preciso. Mesmo com isso, eu teria CP2. Quando terminasse. Os estudos. E logo. Entraria na faculdade... Se não; fosse vocês.

E o que faz crer que conseguiria isso?

Está no. Regulamento.

Quantas pessoas você conhece que conseguiram comprar a CP2?

Sempre passa nos jornais gente que consegue.

E quantas pessoas que você conhece entraram na faculdade?

Vi nos noticiários e minha professora – a saliva ainda escorre pela boca.

E quantos você conhece?

Uma vez, foram até nossa escola para uma palestra.

E você conviveu com algum deles?

Não.

Fora dessa palestra, você pode aproximar-se deles?

Não. Mas nem tentei. Na verdade.

Então, você não conhece ninguém que tirou a CP2 e tampouco que entrou na faculdade?

O que isso quer dizer?... Pense. Depois da assembleia de amanhã, me diga.

PERSONAGENS

Mediador, aparência andrógina, de cabelos curtos e usa camisa social preta
Defesa, mulher jovem negra, estatura mediana, e de vestido branco
Acusação, jovem branco, careca; usa um terno marrom sobre a camisa social branca

Um grande salão aberto com um pequeno palco ao fundo. Nele, da direita para a esquerda, estão sentados Cibele, Defesa, Mediador, localizado mais ao centro, e a Acusação. De frente para o palco, os vinte e sete representantes sindicais eleitos estão sentados em longos bancos de encosto.

MEDIADOR (*Levanta-se, aguarda o silêncio dos presentes, depois inicia sua fala*):
Começamos a quinta sessão da Assembleia Popular Suprema deste mês. Na pauta de hoje, decidiremos se Cibele, aspirante à cidadania acotirena, será aceita em nossa comunidade ou deve ser julgada como um preso político. A decisão da Assembleia é irrevogável, conforme preza nossa constituição, artigo quarto, seção onze; sobre o direito político dos fugitivos da Nova Democracy: será decidido, pela maioria de dois terços dos votos, a possibilidade de permanência de um novo membro Acotirene, caso este apresente comprovada possibilidade de regeneração e não haja riscos à comunidade. Casos assim são raros. Precisamos ser coerentes e também refletir sobre a nossa segurança e a viabilidade de nossa revolução. Em ordem, primeiro, a defesa fará sua arguição oral; em seguida, a acusação apresentará seus argumentos. Nessas condições, cabe ao aspirante apresentar-se e responder aos questionamentos dos integrantes da Assembleia Popular. Com a palavra, a Defesa (*Quando termina sua fala, senta-se e dobra as pernas*).

DEFESA (*Levanta-se*): Cumprimento a todos os Acotirenes presentes e agradeço a presença de cada um nesta reunião extraordinária. A iminência e a necessidade de nossa quarta tentativa de revolução se aproximam; é necessária, é vital, é de iminência função que ocorra agora.

MEDIADOR (*Irritando-se, demonstra falta de paciência*): Advogado, peço que se atente ao assunto da reunião.

DEFESA (*Elevando o tom de voz*): E não é da nossa revolução que tudo se trata? Somos novamente atacados pela Nova Democracy, nossas tropas começam a ficar desencorajadas, nossos jovens, cada vez mais cedo, são postos a receberem implantes para a guerra. Se é de nossa primeira necessidade a revolta e nossa libertação, é de necessidade que Cibele, uma recém-liberta da Nova Democracy, possa ser reabilitada e inserida em nossa comunidade. Permitam-me explicar melhor: se nossa revolução é necessária, o que se dará no dia seguinte? Se vencemos as tropas da Nova Democracy, o que faremos com os magotes do djanho? Se nossa liberdade é também a liberdade do outro, é de nosso dever revolucionário garantir o fim da EraChip; e devemos escolher agora: só há revolução se reivindicarmos não só a nossa liberdade, mas a liberdade de todos. Por isso, eu, advogada da defesa, e em nome do Comitê da Revolução Ampliada, sugiro: Cibele deve ser submetida ao teste de Reversão. Embora ainda de caráter experimental, é a nossa possibilidade de luta e de vitória para uma nova era com a retomada de nossa humanidade. Sabemos dos processos de domínio do GH e de seus mecanismos de controle. Nossos cientistas já conseguiram mapear e produzir o Amós, droga responsável por bloquear todos os impulsos magnéticos do GH. Vocês pretendem fazer com que os sujeitos recém-libertados tomem doses diárias dessa droga? Que efeitos colaterais podem surgir disso? Ou, pior, em quanto tempo o Amós se tornará inefetivo? Ainda é tudo imprevisível e por demais imaturo. Somente um sistema de Reversão completo que desative de vez o GH pode tornar nossa revolução mais humana. Destruir a Torre Ouranós causará um levante contra nossa comunidade, seremos taxados de terroristas pela mídia internacional, além de sermos responsáveis pela desgraça de uma interrupção tão abrupta dos processos neurológicos do GH em nosso povo brasileiro. Assim, voto que possamos superar a EraChip, e libertar todo o nosso povo!... E que Cibele pode ser a prova que precisamos!...

MEDIADOR: Passo a palavra ao advogado da acusação. Peço que respeite o tempo protocolar, assim como o advogado de defesa.

ACUSAÇÃO (*Interrompe a fala do mediador. Seu tom é o de indignação*): Aceitar aqui um magote do djanho da Nova Democracy é colocar nossa revolução em risco. Veja bem: a menina denunciou a própria mãe. Como a defesa ignora o fato? O que nos

garante que suas ações não sejam premeditadas? Se ela for uma infiltrada, nossa destruição começa hoje. Não sabemos que novas tecnologias a Nova Democracy criou, tampouco as inovações que a nova geração de chips possibilitou. Também não há garantia que o processo de reversão do GH possa acontecer. Se quisermos mesmo nos revelar, se nossa revolução é a garantia de nossa liberdade, temos que ser cuidadosos. Reparem, vejam bem, como é propício e demasiadamente oportuno recebermos um membro da Nova Democracy na iminência do início de nossas ações. A defesa, em seu texto preliminar, baseia-se no arrependimento da jovem e nos riscos dela em sua tentativa de aproximar-se da cena do crime, levando, inclusive, tiros que culminaram na perda de seu braço direito. Ora, vejam bem, os soldados da Nova Democracy possuem implantes no lugar de seus braços, como a inteligência avançada desse império pode ter errado? Vocês podem mesmo acreditar que o tiro foi dado para matar, e que houve um erro de cálculo? Que tudo foi um tiro dado ao acaso? A defesa argumenta acerca do dia após a revolução. E ignora que sequer a revolução está garantida. Se vencermos, seguindo nosso modelo da Revolução Unificada, destruímos todo o processo de implantação dos chips. E reinventamos nossa humanidade. Aqueles magotes do djanho não devem ser mais importantes que os membros de nossa comunidade. Não é momento para arriscar. Nossa revolução é a nossa liberdade. E nossa liberdade depende da prisão de qualquer membro da Nova Democracy. Por isso, como advogado de acusação e representante do Comitê da Revolução Unificada, peço que os membros dessa assembleia votem pela prisão imediata! Prosseguiremos com a destruição completa da Torre Ouranós e a ascensão de nossa revolução!...

CONFERECISTA: Convoco Cibele a se apresentar ao júri. Os advogados podem fazer as perguntas que desejarem.

ACUSAÇÃO: Gostaria de começar, se a advogada de defesa não se importa.

DEFESA: De forma alguma.

ACUSAÇÃO: Cibele, qual seu verdadeiro nome?

CIBELE (*Responde em voz baixa que quase não se escuta*): Eu...

ACUSAÇÃO (*deboche*): Quer que eu repita a pergunta?...

CIBELE: Eu não, não me lembro.

ACUSAÇÃO: Por que você denunciou sua mãe?

CIBELE: Achei que era o correto. A se fazer.

ACUSAÇÃO: Sua denúncia causou a morte dela. Como pode ser correto?

CIBELE: O erro. Foi ter. Se envolvido. Com vocês...

ACUSAÇÃO: Veja bem; a menina nos odeia. Que fique registrado que ela não só foge da culpa, mas também insiste em nos culpar pela morte de Josefá. Não podemos perder tempo enquanto a Nova Democracy nos aniquila e encurrala a cada semana. Perdemos partes do território das águas do Rio Doce e começaremos a fazer um novo racionamento de água que prejudicará nossa produção alimentícia. Agimos agora, derrubamos a Torre Ouranós, proclamamos a independência do nosso povo! E tomamos o que é nosso de volta!... Nesse país rumabreado pela ação estrangeira, só assim poderemos expulsar de vez os usurpadores de nossa pátria e eliminar todas as caômacetas da Nova Democracy!

DEFESA (*interrompe a fala da acusação e se aproxima do centro do palco*): Cibele, sabemos que depois de sua denúncia, você correu para a casa da família Forscher. O que pretendia fazer?

CIBELE: Eu tive medo.

DEFESA: Precisamos que tente se expressar melhor.

CIBELE: Segundo o regulamento. Um cidadão da Nova Democracy deve relatar. Os Acotirenes...

DEFESA: Cibele, vou repetir a pergunta: por que tentou se aproximar de sua mãe se já a tinha delatado? Você sabia dos riscos, não sabia?

CIBELE: Eu, eu tinha medo do que poderia acontecer. Não sei dizer por que a denunciei; também sinto dizer que eu corri, eu corri com vontade de tirá-la da casa e antes que qualquer coisa acontecesse.

DEFESA: Peço que fique registrada a confusão mental da menina. Impedida de pensar por conta própria, ela cita partes do regulamento e mais normas descontextualizadas

para justificar seus atos. Imaginem, senhores, caso derrubemos a Torre Ouranós, com quantas vidas semelhantes teremos que lidar no dia seguinte a revolução? Quantas Cibele vocês acham que podemos dialogar e tratar? É por isso que precisamos de uma Revolução Ampliada. Considerar que apenas a independência de nossa região possa funcionar sem também libertar os brasileiros de todas as regiões de nosso país é pedir para a revolução falir no dia seguinte que ela aconteça.

MEDIADOR (*Levanta-se, e olha para Cibele*): Agradecemos, Cibele, já é o suficiente. Os vinte e sete membros devem se reunir no resto do dia com suas bases; encerraremos todas as jornadas de trabalho de modo que os trabalhadores possam participar da tomada de decisão acerca do voto de seus sindicatos. Retornem amanhã com a decisão. Até lá, Cibele deve permanecer em sua cela. Declaro encerrada esta reunião extraordinária.

Quatro paredes brancas e uma janela alta, inalcançável, pouco antes da luminosidade do sol atravessá-la, acariciando as grades entre a liberdade e a prisão para iluminar os livros emparelhados sobre a mesinha de canto, Cibele já estava de pé, perambulando de um lado para o outro: veste uma bermuda até os joelhos e uma blusinha branca.

As roupas eram leves, próprias para o calor da região; na cama, lençóis encharcados denunciam o suor da insônia: a cela, embora pequena, é limpa e organizada, os livros são a única companhia, a menina descasca uma banana; por aqui, até a banana tem um gosto diferente, nunca tinha comido tanta maçã e pera.

A essa hora da manhã, tentou uma última vez acessar seu GH e pedir ajuda, nada, é como se tivesse deixado de existir, a vontade é de gritar, rasgar os lençóis de cama e jogar os livros na parede; controle-se, repetiu, ainda terei uma oportunidade de escapar, se estivesse em casa, ligaria o GH e assistiria alguma série nova.

Ou veria seu programa favorito – quem foi o ganhador do Cidadania: The Battle Royale Game desta semana? Chorou entre breves intervalos de raiva por ter sido presa; quantas pessoas você conhece que conseguiram comprar a CP2? O ódio de concluir respostas somente muito tempo depois que as perguntas foram feitas.

Naquela hora, esqueceu-se da Analúcia, antiga cozinheira da família Forscher, segundo Erdefim a moça conseguira a cidadania plena e fora morar longe dali em sua casinha própria; como você pode confiar nisso? Ele provavelmente perguntaria, a questão é: por que desconfiaria? Qualquer um pode ter uma vida melhor na Nova Democracy.

Depende apenas do esforço de juntar as CivitasCoins e economizar; como provar a existência de Deus? Era essa a pergunta que deveria ter feito a ele, queria ouvir uma música e, neste momento, até mesmo as propagandas despertam saudade; enxaqueca, a boca da mãe se mexendo sem som, o tiro no ombro, a dor.

Pegou um dos livros e, com raiva, jogou do outro lado da cela – a capa dura se desfaz na parede: o braço mecânico ainda pesa, mas a dor de seu ombro não incomoda mais, a

raiva se acalma, primeiro, interrompe as lágrimas, em seguida, decide recolher o livro e deixá-lo em seu lugar – caminha até o outro lado da cela arrastando os pés descalços.

Poderia passar o tempo lendo alguma coisa, entretanto, não conseguiu dispersar tantos pensamentos; um pequeno buraco na parede: o braço mecânico era mais forte do que pensava, o miolo do livro tinha se desprendido da capa, Cibele recolhe uma das páginas espalhadas do chão e lê:

Revolução

*É quando o obsceno
não é a nudez dos pelos,
mas a medalha de um capitão
cujo exército voltou da guerra,
se o fim último é a opressão.*

Liguori Vorza

Afasta-se da porta, Cibele, vire-se, e coloque as mãos atrás das costas; obedecida à ordem, e com a testa rente à parede, é possível ouvir os passos da bota se aproximando: as algemas apertam os pulsos de Cibele e seu corpo é empurrado para fora da cela; siga em frente, ordena o guarda – uma mulher vigia a situação logo na esquina.

O que poderia lhe acontecer se fosse condenada a prisão dos Acotirenes? Teria uma cela diferente desta? E se não fosse possível ativar o GH para pedir ajuda? O corredor parece imenso e os passos são lentos: as botas do guarda ecoam devagar repercutindo entre as paredes enquanto Cibele espia as outras celas que parecem vazias.

Vamos soltar suas algemas, diz o segundo guarda, a Assembleia Popular Suprema inicia-se logo, sente-se, como ontem, na cadeira ao lado da Defesa; Cibele caminha sozinha no estreito corredor em direção ao pequeno palco de julgamento – continuar prisioneira ou se tornar uma cobaia? Desejava saber a opinião do irmão sobre isso.

O que Erdefim faria em seu lugar? Se fosse uma cobaia, poderia infiltrar-se naquela comunidade, conhecer seus pontos fracos e, quando possível fosse, ativar seu GH e pedir ajuda: é certo que a Nova Democracy iria agradecer-lhe pelo serviço com tantas CivitasCoins que rapidamente compraria a CP2, essa é uma alternativa a se considerar.

Quando se senta, o público para de cochichar: havia um número menor de pessoas assistindo, a Defesa esboçava um breve sorriso entre os dentes, já a Acusação parecia mais sério, em uma das cadeiras mais próximas do pequeno palco, Rafael encara Cibele com determinação: ele usa um chapéu fedora de tom pastel.

MEDIADOR: O conselho da Assembleia Popular Suprema reuniu-se durante o primeiro horário da manhã. Os membros entendem que a questão sobre a prisão ou aceitação de um novo membro oferece grandes riscos à nossa comunidade. Os argumentos apresentados pela defesa não podem ser ignorados; afinal, o que nos reserva no dia seguinte após a revolução, se considerarmos que todas aquelas vítimas do GH são nossos inimigos? Quantas celas teremos que construir? Quantos corpos teremos que enterrar? Devemos garantir que a reversão dos mecanismos do GH seja eficaz. Para isso, propomos que Cibele seja submetida ao Teste de Reversão.

ACUSAÇÃO: Submeter essa magote do djanho ao teste é transformá-la em uma cobaia.

DEFESA: Contudo, se o processo for reversível, comprovando que nossas pesquisas estão corretas, não teremos motivos para renegar Cibele como um membro de nossa comunidade. E ainda podemos exportar nossa revolução para outros lugares do mundo.

ACUSAÇÃO: Se ela morrer, não teremos motivos mais para não levar nossa revolução às últimas consequências.

DEFESA: De acordo.

MEDIADOR: Se essa é a decisão da Assembleia Popular Suprema, acredito que o melhor a fazer é ouvir nosso visitante. Cibele, a insônia, seu suor excessivo, o tremor em suas mãos; você sofre de abstinência. A questão é sabermos se você pode se recuperar.

CIBELE: Por que todo esse. Trabalho; comigo?

MEDIADOR: Não somos seus inimigos. Se o processo a que você for submetida se revelar eficaz, os rumos de tudo aquilo que planejamos será questionado... Você ficará acordada durante o processo e sentirá um leve incômodo. Basicamente, a operação agirá no hipocampo de seu cérebro; mas preciso ser sincera: não sabemos ainda como se dá o processo e em que medida funcionam as inovações tecnológicas do GH pela Nova Democracy.

CIBELE: E se. Eu. Me negar?

MEDIADOR: Vá, iremos buscá-la em breve para iniciar a operação; pense enquanto isso. Não a forcemos.

Retornando à cela, Cibele deita-se e aproveita a cama esquentada pelo sol: os lençóis foram trocados e o chão está mais limpo do que hoje de manhã, pela primeira vez em anos, havia conseguido ter uma conversa sem gaguejar e se perguntava o que tinha acontecido. Erdefim ficaria orgulhoso – ah, se não fosse essa gagueira, ele dizia.

Ainda que a fala fosse lenta e tivesse que fazer pequenas pausas, conseguia notar a diferença na forma como sua boca articulava o som das palavras, de todo modo, se sobrevivesse a essa tal cirurgia, ainda poderia infiltrar-se na comunidade dos Acotirenes e conhecer seus segredos; se eu sobreviver – alguém bate à porta, posso entrar?

RAFAEL: Com esses exercícios de respiração, pode ser que melhore.

CIBELE: Vou treinar; treinar mais.

RAFAEL: Mas não acho que seja só isso. Colocamos Amós em sua comida.

CIBELE: Quê?

RAFAEL: Uma pequena droga desenvolvida; que importa é que ela anula por algumas horas o funcionamento do GH. Isso pode ter produzido algum efeito correlacionado a sua gagueira. É uma hipótese.

CIBELE: É por isso que. Não consigo acessar; à internet?

RAFAEL: Exatamente. Mas a utilização de forma prolongada do Amós causa vários efeitos colaterais.

CIBELE: Tipo o quê?

RAFAEL: Náuseas. Vômito. Afeta a coordenação motora, pode causar queda de cabelo...

CIBELE: Quanto tempo. Eu tenho? Até que isso tudo comece.

RAFAEL: Eu diria umas duas, ou três semanas. No máximo.

CIBELE: É isso. Ou a operação?

RAFAEL: E você jamais sairá da prisão enquanto depender do Amós.

CIBELE: Mas eu não. Entendo. Como vocês conseguem? Vocês não. Vocês não usam essa droga aí?

RAFAEL: De forma alguma. Na primeira década de nossa comunidade, tentamos produzir uma droga para drenar os efeitos do GH; mas era impossível, a cada passo que dávamos na pesquisa, uma nova atualização era produzida e disseminada pela Torre Ouranós.

CIBELE: A torre. De televisão?...

RAFAEL: Ela não é apenas uma torre de comunicação.

CIBELE: Como não?

RAFAEL: Você saberá de tudo, se aceitar realizar a operação; se quiser um conselho, aceite. O Amós não passa de uma droga experimental. E, se ainda quiser saber, desistimos faz anos de continuar esses estudos – produzimos nosso próprio chip, o CIF, o Chip de Identidade Falsa. As ferramentas do inimigo são as nossas ferramentas; conhecer o inimigo é conhecer a si mesmo. Foi usando dele que conheci sua mãe. O funcionamento é estável, apesar de arriscado.

CIBELE: E assim. Assim que vocês se infiltram.

RAFAEL: Respire. Quatro segundos. Segura por sete. Expire em oito. Isso.

CIBELE: É que me faltava. Tão pouco. Consegue me entender? Eu era uma das. Melhores alunas; os professores diziam que passaria no ENAE.

RAFAEL: E depois?...

CIBELE: Como depois? Nossa vida melhora; eu poderia facilmente ter um bom emprego. E a liberdade de um cidadão comum.

RAFAEL: Você se achava mesmo livre?

CIBELE: Logo; eu seria...

RAFAEL: E o que é liberdade?

CIBELE: Sérió?... (*Ela diminui o tom de voz e coça a cabeça*) O regulamento diz; que é o exercício. Dos direitos humanos. Nossa liberdade de escolher; os fins e os meios para atingir tais fins. Desde que não; prejudique o outro.

RAFAEL: Explique melhor.

CIBELE: Por quê?

RAFAEL: E o que tem de melhor para fazer esta noite?

CIBELE: (*Morde os lábios e olha para baixo. Depois de coçar o nariz, levanta a cabeça*) Eu posso ter; ter o direito a me drogar. E teria que aceitar. As consequências

disso; para. Para o meu corpo; mas se eu escolher roubar, daí. Isso prejudicaria a liberdade. A liberdade de outro. Liberdade é saber lidar com; esses limites. E suas consequências. Somos livres. Livres quando fazemos nossas trocas; trocas voluntárias. E podemos contar com o aparato. Com tudo do governo; para impedir a agressão alheia, ou outros casos como o roubo; e o desrespeito, à propriedade privada. Porque isso; isso é corromper a liberdade do outro. Eu gosto de dizer que somos livres; que somos livres para escolher, quando não somos reprimidos. Por terceiros que interfiram; em nessas escolhas.

RAFAEL: Resumindo, é a liberdade de se escolher entre beber Coca-Cola ou Pepsi? (*Ele ri*) Além de citar de cabeça os conceitos e os lemas que aprendeu na Nova Democracy, consegue pensar por si mesma? (*Pausa*) Consegue pensar além das caômacetas que aprendeu? (*Encara Cibele com firmeza*) Você acha que tem a mesma liberdade que Erdefim Forscher?

CIBELE: Sem dúvida, alguma; a partir do momento que eu passasse no ENAE. Seríamos; ainda mais. Mais iguais.

RAFAEL: Tudo, na verdade, depende de seu poder econômico. (*Pausa. Ele observa Cibele como se tentasse identificar se a menina acompanha o seu pensamento*) A liberdade da Nova Democracy converteu-se em uma nova forma de opressão baseada no poder econômico. Você diz das chances que tinha, mas você nunca pensou que essa possibilidade de ascensão, essa migalha do ENAE, fosse apenas dissimulação? Alguma vez conseguiu presenciar o mundo além daquele do olhar de seu explorador?

CIBELE: Não sei se entendeu; eu não odeio, os Forscher; eles deram emprego pra minha mãe. E nos ajudaram a ter uma casinha.

RAFAEL: Sabemos que a geração do chip usado nos trabalhadores é destinada à criação de funcionários incansáveis; agora, coisa que ainda não entendemos bem, e precisamos, é compreender que experimentos a Nova Democracy faz na cabeças dos mais jovens na EFAE. Essa é mais uma razão para destruímos o domínio do Chip cerebral e varrer a EraChip da história.

CIBELE: Meu GH é. Serve apenas para me conectar à internet.

RAFAEL: Como tem certeza disso? (*Como ela não responde, Rafael continua*) Conte como foi denunciar sua mãe.

CIBELE: Eu tinha que fazer...

RAFAEL: Tente me contar o que aconteceu.

CIBELE (*Com dificuldade de respirar*): Eu sabia que eu deveria denunciar. Que o pior me esperava. Se não o fizesse. Só que meu braço se moveu sozinho. (*Pausa*) Digo. Eu queria. Mas foi como; como se acontecesse. E quando me dei conta. Já tinha acabado.

RAFAEL (*Ele aguarda a menina recuperar o fôlego*): Consegue me dizer quanto tempo levou isso?

CIBELE: É. Tudo; confuso.

RAFAEL: Tudo bem. Respire.

CIBELE (*Tomando coragem*): Se eu não, não tivesse denunciado, minha mãe. Ela estaria viva?

RAFAEL: Não carregue esse fardo, Cibele. Ninguém teria forças para evitar o domínio do Chip. A culpa não é sua.

CIBELE (*Chorando*): Não tenho, mais; ninguém.

RAFAEL: Preciso te fazer mais uma pergunta.

CIBELE: Não me importo! Com o que vocês querem. Não entendo; a revolução de vocês! Quero que; sumam!

RAFAEL: Diga-me sua memória mais antiga, Cibele.

CIBELE (*surpresa*): Como?...

RAFAEL: Algo da infância?... Do momento antes de irem para a Nova Democracy?...

CIBELE: Eu ainda era. Muito pequena.

RAFAEL: Faça um esforço.

CIBELE: Parece que; a vida, a vida começou ali. Depois de irmos. Pra cidade.

RAFAEL: É esse o ponto.

CIBELE: Qual?

RAFAEL: Memória, conversão e manipulação neurológica. Nossas pesquisas já iam para essa possibilidade, contudo, não imaginei que já estivessem tão longe; a Nova Democracy precisa ser derrubada, nosso país depende da nossa revolução e da nova sociedade que surgirá a partir dela.

CIBELE (*Já parou de chorar. Agora, seu tom de voz é firme e convicto*): Me parece utópico, isso, de imaginar – a revolução; como pretendem. Derrubar? Revolução? Quem vocês pensam; que são?

RAFAEL: Consegue me dizer como surgiu a Nova Democracy?

CIBELE: Por que você, você sempre. Só responde uma pergunta, com outra?

RAFAEL: Há pergunta cuja resposta está entre a primeira palavra dita e o ponto de interrogação.

CIBELE (*Irrita-se*): Tudo começou, com a Revolução de 2030. Todos! Todos sabem disso!...

RAFAEL: Não foi revolução, foi um golpe.

CIBELE: Um golpe. Golpe! Com o apoio do povo?... Lázaro Moro. Ele não foi eleito?

RAFAEL: Um golpe financiado pela intervenção estrangeira e com apoio das elites financeiras do agronegócio, os donos da mídia corporativista, dos banqueiros...

CIBELE: É utopia; pensar que podem. Que são tão fortes. E inteligentes assim... (*deboche*) Que uma nova, que algo novo. Uma sociedade pode surgir.

RAFAEL: O pensamento da Nova Democracy é a apologia da ordem, é a defesa da imutabilidade das coisas; em sua concepção, é como se a história tivesse um fim e o ponto máximo da existência humana tivesse sido alcançado. É quando a consciência acotirena se tornar possível que a revolução também será. Entenda. Não é a consciência

psicológica que me refiro, tampouco a consciência de massa de um conjunto, mas o sentido que se torna consciente a situação histórica de opressão que nós, Acotirenes, desempenhamos na construção da Nova Democracy; foram nossos pais, foi o sangue deles derramado nos latifúndios de soja e matadouros de boi; foi o genocídio de povos como o seu, Cibele. E que você não consegue sequer se lembrar. Memória é luta. Apagá-la é poder.

CIBELE: Meu povo?...

RAFAEL: Você precisa resgatar sua memória, Cibele; não sei se é possível, também não vou dizer que seja seguro. Sem ela, estarei sempre falando de um mundo que em sua cabeça não passa de uma utopia.

O álgido da mesa de operação faz Cibele sentir falta do conforto de casa, e até mesmo a solidão de sua cela parecia proporcionar mais aconchego; deitada, não consegue visualizar qual lâmpada pisca irritante em intervalos tão desconexos: uma faixa imobiliza sua cabeça, outras prendem seus braços e suas pernas.

Em seu lado esquerdo, algumas pessoas cochicham um pouco mais afastadas; os Acotirenes são mesmo muito diferentes daquilo que aprendi sobre eles, conclui, tentando esquecer a fome dada pela necessidade da operação se dar em jejum – a conversa de ontem pesou em sua decisão; meu povo?...

Certo, Cibele. Está pronta para começar?

Fique onde; eu possa, te ver.

Sei que deve estar desconfortável, mas precisaremos prender sua cabeça ainda mais forte. Já está ouvindo?

O quê?

Sua boca deve começar um formigamento em breve.

Já está.

Diferente dos equipamentos da Nova Democracy, as ferramentas dos Acotirenes zumbiam enquanto contorciam-se entre estilhaços de ferro como se estivessem prestes a explodir a qualquer momento, de repente, o som de um chiado oco entrou pelos seus ouvidos como uma escavadeira descobrindo um novo poço d'água.

Do formigamento nos lábios seguiu-se uma forte sensação de enjoo que substituiu a fome: uma aranha tecia teias dentro de sua cabeça, tenta mover os braços, a cabeça agitava-se, sem se mover, de um lado para o outro: não há dor, mas uma coceira abafada em sua testa a fez esquecer da Nova Democracy, dos Acotirenes, da revolução. Silêncio.

A mãe estava no segundo andar da mansão dos Forscher. Da pequena varanda do quarto, havia reconhecido a filha. O braço dói novamente como no momento do tiro.

Suas pernas estremecem, seguidas pelo lombar, os ombros, até que – *você é a última de nós, minha filha* – só fosse possível ver o branco dos seus olhos.

Quando acordou, notou que os pulsos doíam e se assustou com as marcas roxas ao redor deles. O enjoo havia terminado e a fome voltara. Dormiu bem? Rafael pergunta com olhar de admiração. Ao lado dela, uma pequena mesa de rodinhas com algumas frutas e uma garrafa vermelha. Como se sente? Em seguida, prende os cabelos para trás, fazendo um coque alto sobre a cabeça. Levanta-se, vamos dar uma volta. Um pouco tonta, Cibele lentamente fica de pé. Ainda que tentasse, não conseguia explicar como se sentia – as palavras não davam conta: a voz da mãe era tão real como se ela estivesse ali a observá-la. Venha, me acompanhe, você precisa se exercitar. Pegue alguma fruta; por enquanto é melhor digerir apenas coisas leves. Ao segui-lo até o corredor, segurando algumas goiabas no colo, um silêncio incômodo venceu. Não há outros guardas, apenas os dois caminham a passos curtos pelo corredor em direção oposta ao centro de cirurgia. Onde vamos? Como se esperasse pela pergunta, Rafael responde com um sorriso: seja bem-vinda aos Acotirenes, Cibele.

Para ver o mar, é preciso escalar dunas de areia de trinta metros. Sob os pés quentes da subida, as ruínas da antiga igreja soterrada na década de 1970 escondem a última oração que Seu Osmar fez ali: Pai, afasta essas areias, pai do céu, preserva nossas terras desses irmãos Reuter; que são o diabo! Ajuda a salvar a rua de cima, que o Duca Tora não para de chorar com medo de não ter onde criar os netos; e ajuda a salvar a rua de baixo, porque é lá que moro, e plantar mandioca é tudo o que tenho. Tendo Deus ignorado e o diabo vencido, Seu Osmar reinventou-se: abandonou a antiga vila e, do outro lado do rio Itaúnas, construiu a Casa do Osmar para receber alguns dos antigos moradores em troca de seus serviços.

O soterramento da antiga vila foi devido a um padre que fora expulso e a amaldiçoou: que tudo vire deserto! Mas Seu Osmar era cético, que parem disso, que isso não existe, não veem que tão derrubando as árvores e quanto mais árvore caí mais areia chega? Outros moradores diziam que tudo começou com um castigo do São Brás, padroeiro da região. A culpa é de um tal padre Anchieta que jogou a pequena estátua do padroeiro no rio e a substituiu por uma de São Sebastião. Foi a partir daí que a areia começou a subir. Seu Osmar já não tinha mais paciência para ouvir essas histórias. Posso não saber o que que é, mas sei que tá até hoje isso daí, dizia sua esposa, Dona Margarida. Foram os filhos do casal que fizeram da casinha do Osmar virar a Pousada Recanto dos Pássaros devido aos inúmeros passarinhos pintados em sua fachada nos fins dos anos de 1980. Nas décadas seguintes, a pousada tornou-se uma das mais procuradas pelos forrozeiros que lotavam as ruas de dança enquanto seus pés espalhavam poeira por toda a vila.

Meio século depois, entre uma tosse e um pigarro, Seu Osmar retomou as preces pedindo que a nova vila não fosse soterrada novamente: quanto mais eucaliptos nas regiões próximas eram plantados pela Nova Democracy, mas a areia se chegava. Se Deus tirou-lhe a mandioca para lhe dar a Pousada, que fará agora? Seus filhos não lhe deram atenção. Quando os cinco quartos do primeiro andar foram praticamente soterrados é que a Associação de Moradores conseguiu atenção do governo local, mas era tarde demais. Enquanto as dunas deixavam a vila menor, o mar devorava os quiosques. Agora, a única saída é o mar ao oeste porque a cidade é cercada pela areia.

Com a estrada ES-010 submersa, somente é possível entrar com carros de fração nas quatro rodas para transpassar as dunas de areia. Além disso, como elas se movimentam a cada dois meses pela ação dos ventos, um novo caminho para entrar e sair da cidade deve ser feito – e sem um guia local é fácil perder-se no meio do caminho.

A região se concentra em três largas ruas paralelas ligadas por seis becos intermediários. É possível atravessar os becos com uma breve caminhada de dez minutos enquanto se aproveita das sombras das casas e dos casarões. O Beco Seu Osmar é o primeiro à esquerda, onde as casas são decoradas com desenhos de beija-flores, sendo uma homenagem ao morador responsável pelo alerta – sem ele, e seu empenho desinibido em avisar dos perigos da areia e do mar adentrando, seria impossível ter salvado a vila de seu completo soterramento. Ao lado, o Beco Juana Jerivá, seguido do Beco García Gabo, tributam respectivamente a cearense responsável pela reforma agrária da região e a gaúcha que fora uma das inventoras do sistema de captação de águas da chuva e construção de cisternas. Se o cenário arbóreo com destaques para os coquinhos de Jerivá saúda os visitantes do segundo beco, seja nos desenhos das casas ou pelos pequenos vasos espalhados entre as portas, os poemas de Liguori Vorza sintetizam os ideais da revolução acotirena no Beco Garbo. Mais adiante, os desenhos produzidos pelas crianças no Beco Astrojildi Pereira formam um visual inusitado e renovado uma vez por ano na formatura dos alunos da Escola Acotirena. É recorrente a pintura de rostos andróginos em homenagem a Astrojildi, docente responsável por organizar as revoluções curriculares do instituto. Já no Beco Ivani Terres as feiras livres e a distribuição de comida ocorrem ao som dos tambores dos ensaios musicais do Sindicato dos Artistas. Por fim, o último beco é a Nísia Galvão, catarinense precursora do estudo sobre a guerra revolucionária e o treinamento Acotirene; aqui, os moradores realizam os treinamentos semanais de tiro e as atividades físicas.

Da rua mais próxima do que restou do rio Itaúnas, grandes sistemas de irrigação foram construídos e atravessam as dunas para abastecer a produção de alimentos. Grandes contêineres, cercados pelas camadas de areia mais altas da região, produzem a comida que alimenta todo o povoado. Fora esse o primeiro grande invento do então Comitê Tecnológico, renomeado mais tarde por Sindicato dos Pesquisadores da Tecnologia Avançada, responsável pela criação dos dispositivos tecnológicos e sua manutenção dentro do Ministério da Ciência e da Tecnologia. Sendo o primeiro, é o que mais precisa de reparos e consertos devido à ação constante ao longo dos anos, afinal, a produção é

ininterrupta e nem sempre é possível renovar os equipamentos com as tecnologias de última geração. De todo modo, ligados a esses sistemas de irrigação, um novo ambiente é criado a cada contêiner e se reproduzem os climas necessários para a produção de frutas, verduras e legumes.

A rua central é a maior das três e compreende o espaço da escola, do hospital, dos principais prédios sindicais e das casas reconstruídas a partir das pousadas que restaram da antiga vila Itaúnas. Entre os becos da Rua Principal e o da Rua da Fronteira, é comum presenciar o balançar de redes nas pequenas varandas ou roupas secando nas janelas das casas. A Rua Itaúnas, aquela mais próxima ao rio, é a menos movimentada: somente guardas fazem a ronda a maior parte do tempo. Na Rua da Fronteira, depara-se com o mar, lugar de mais fácil acesso à região e, por isso mesmo, onde há um considerável investimento por parte do Ministério da Defesa depois do que ocorreu na terceira invasão à Vila: pequenos barcos atracaram à noite e quase cinquenta soldados da Nova Democracy entraram na comunidade antes do nascer do sol. Setenta e quatro moradores foram assassinados e os órfãos se multiplicavam. A partir desse evento, a escola, apesar de manter o nome, tornou-se um internato.

Crianças correm em volta de um pequeno campo de areia enquanto outras, em pequenos grupos sentados em círculos, conversam debaixo de algumas árvores cujas folhas sacodem em liberdade. O local tem apenas dois andares, mas é uma das mais longas construções que Cibele viu até agora: estendendo-se até quase o próximo beco, as janelas dispostas lado a lado são pintadas de cores diferentes e intercaladas imitando um arco-íris. De repente, as crianças param de correr e, ordenadas por uma mulher de camisa amarela e cabelos curtos, dão pequenos pulos até se jogarem no chão de cansaço. Após três minutos de descanso, a professora as manda correr em volta do campo novamente.

Parece divertido, brinca Cibele.

Pode parecer rude; e é, mas esses jovens são o futuro da revolução.

Sei. Sempre a revolução...

Antes que pudesse responder, Rafael é puxado pelo braço; Professor, quanto tempo! Precisamos conversar com o senhor, diz um jovem com cerca de quinze anos acompanhado de um pequeno grupo de outros três meninos e duas meninas.

Não gosto de conversar com vocês após o treino de luta; olhem o estado da camisa de vocês.

Por favor, é rapidinho.

Jovem, diz Rafael apontando para o rapaz mais novo do grupo, apresente a escola para a nossa convidada. O menino responde um sim enquanto puxa Cibele pelas mãos. O brilho de seus cabelos loiros sacode ao seu passo apressado. Após virar o breve corredor, carregando a visitante escola adentro, empolgado, o garoto começa: nesse corredor, se a gente seguir até o final, lá tem nossa biblioteca; que você gosta de ler? Você é a Cibele da Nova Democracy, não é? Tem gente que não gosta de você aqui; parece que a operação deu certo e você conseguiu se livrar do GH, né? Ah, aqui, nesta sala, o pessoal dos grupos de estudo está se reunindo e a gente tem que falar baixinho; nesses grupos, não nos separamos por idade, nem nada, só por interesse, daí cada grupo

pesquisa e tudo, e procura um professor, a gente tá com o professor Rafael, mas ele estava sumido faz um tempo fazendo outros trabalhos lá; estamos estudando sobre a guerra revolucionária, sabe?

Nunca li nada sobre, mas por que...

Sério? Olha, é, você pode participar, a gente te ajuda.

Não sei se eu seria útil. Cibebe para em frente a uma pequena sala onde crianças se enfileiram sobre pequenos tanques de lavar roupa, dobrando e esticando lençóis, esfregando sabonetes e produzindo espuma.

Hoje é dia de lavar roupa de cama.

Como assim? Vocês dormem aqui?

Eu durmo, é ali atrás no prédio anexo. Lá no fundo. Quer ver?

Vocês não têm casa?

Minha casa é a escola; daí quando atingir a idade adulta, vamos morar fora. Devo ir para o dormitório 21-C, ali no começo da rua; queria mesmo é ir lá pro Beco Juana Jerivá, ouvi dizer que costuma ter uns quartos maiores que o do resto.

Eu ainda não tenho casa.

Você pode ficar aqui com a gente.

Não sei. Mas. Então, vocês passam o dia todo aqui?

Não, não, não; agora de manhã é nosso horário de estudos, tem dias, como hoje, que prolongamos as atividades físicas; geralmente os treinamentos não são tão longos, não. Mas estudamos de manhã sim e vamos para algum sindicato à tarde, não sei bem como é a escola lá, na Nova Democracy, mas aqui somos preparados para trabalhar em todas as áreas, é legal porque a gente já vai conhecendo um pouco de tudo, e podemos escolher depois onde queremos trabalhar, minha turma mesmo vai mais tarde para o Sindicato dos Trabalhadores do Setor Alimentício, quer ir junto?

E fazem prova pra entrar?

Por que faríamos?

Não; não agora, mas, depois de estudarem aqui, fazem prova para irem trabalhar? Quando forem adultos.

A gente vai aprendendo tudo e decide o que quer depois; não tem nada de prova, não.

Entendo, Cibele responde com amargura. Queria não demonstrar surpresa e disfarçar o estranhamento. E para qual sindicato você pretende ir quando for mais velho?

O da Guerrilhas Organizadas, o menino responde de ímpeto.

Mas já ficou em todos os outros?... Por que logo esse?

Já sim, sim; deixa te explicar melhor, a gente estuda aqui na escola de manhã, faz algumas aulas ou fica nos grupos de estudos; é mais comum ficarmos nos grupos, tá? E a cada dia vamos para um sindicato diferente onde a gente aprende tudo no período vespertino, daí sempre misturam coisas práticas com teoria, nas Guerrilhas Organizadas tem bastante prática, tiro, mergulho e.

Tiro!?

Claro, sim, sim, todos sabemos atirar; mas, como eu ia dizendo, é por isso que gosto, tem bastante prática lá. Nas outras nem tanto, não. Daí a cada dia da semana, vamos em um sindicato diferente para aprender. Menos no final de semana que são dias pra brincar e fazer o que a gente quiser; é o que os professores dizem, porque sempre passam coisas para gente ler e pensar, sabe? Tá. E a cada duas semanas então já fomos em todos porque são em nove sindicatos; e sobra um dia, que é o dia destinado aos estudos e formações do Partido Acotirene. Daí a cada duas semanas tem esse encontro do Partido.

Se eu ficar aqui...

Deixa ver, o menino faz um bico com os lábios enquanto pensa, ficamos no Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil e da Infraestrutura ontem, agora vamos para o da alimentação; amanhã é o Sindicato dos Médicos – o pessoal lá é o mais sério de todos. Você, por ser mais velha deve ficar com a outra turma; nos grupos de estudo daqui a gente se une, mas o estudo nos sindicatos tem uns grupos diferentes por idade e tudo mais. Deu pra entender?

Enquanto caminha pelo corredor, ela observa que as filas de carteiras que estava acostumada a ver foram substituídas por pequenas mesas em círculo nas quais os alunos

conversavam. Não havia adultos em muitas das salas cujas portas estavam abertas e os jovens pareciam desenvolver as atividades sozinhos, apenas conversando baixinho. Na porta das salas, pequenas placas: Sala de Leitura, Grupo de Estudos 1, Grupo de Estudos 2, Autodefesa, Soberania Hídrica, Soberania Alimentar, Soberania Energética; nessa última, Cibele observa os estudantes interagirem com outros de diferentes idades e algumas crianças eram auxiliadas pelos educandos mais velhos. Como aprendiam sem ter um professor falando ali na frente? Em algumas mesas, notou mapas projetados em realidade virtual enquanto em outras os aprendizes faziam leituras em conjunto ou escreviam textos colaborativos.

Na última sala, em cuja placa está escrito Formação Política e Social, um grupo de alunos apresenta um trabalho para os demais. A porta aberta ecoa a voz do rapaz lá de dentro: em nossa Sindicância Unipartidária, diz esse aluno à frente de toda a turma, cada setor sindical possui o direito de escolher três representantes de sua categoria. Os três eleitos formam a Assembleia Popular Suprema, composta então por vinte e sete membros de diferentes setores, que é convocada para sessões ordinárias e extraordinárias. Delas são discutidas e aprovadas as leis. Entre os três eleitos, um assume o cargo de ministro de seu setor; por exemplo, aquele eleito como representante máximo do Sindicato dos Professores torna-se o Ministro da Educação. Os ministros podem convocar outros trabalhadores de seu setor para compor seu gabinete e atender às demandas. Cada Sindicato pode, a qualquer momento, solicitar a troca de seus representantes, bem como de seu ministro, e pedir uma nova eleição – respeitada a aprovação de dois terços dos trabalhadores.

Ele deve ser um dos melhores alunos da turma.

Como assim?

O melhor. Aquele que se destaca, que os professores mais elogiam, sabe?

Que os professores mais elogiam?... Que tem isso demais?

Como explicar mais uma coisa tão óbvia como essa? Eu era a melhor aluna da turma e ser a melhor era tirar as melhores notas, ser chamada para organizar algum evento escolar ou fazer uma fala em especial para receber alguém do governo; como não entendia?

Ele é o líder da União da Juventude Acotirena, se isso muda algo pra você.

Que isso?

É parte da organização, a ala jovem do Partido Acotirene.

E tem outros? Na Nova Democracy tem meia dúzia, e disputam as eleições.

Não, claro que não, porque a função do partido é de direção política de todo o movimento de nossa revolução. Ninguém se alia a ele para participar de eleições, não. E qualquer um pode participar do Partido. Tem gente que acaba ficando lá e sai dos sindicatos, mas, assim, é bem raro, visse? Rafael era professor titular daqui, agora acaba ficando mais no Partido; gostava das aulas dele, ele conseguia nos provocar o pensamento.

E quantos são?

O quê?

Esses sindicatos. Já vi na rua alguns prédios deles, eu acho.

Nove. Eu sei todos, quer ver? Sei de cabeça.

Não precisa.

Tem o Sindicato dos Trabalhadores do Setor Alimentício, responsável pela produção e distribuição da comida, além de cuidar dos recursos hídricos, que forma o Ministério da Segurança e da Soberania Alimentar; o Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil e da Infraestrutura; o Sindicato dos Trabalhadores da Energia, responsável pela geração de energia para a comunidade e o Ministério da Energia; o Sindicato dos Pesquisadores da Tecnologia Avançada é o mais antigo, dele sai o Ministério da Ciência e da Tecnologia; ah, tem o nosso aqui da escola, o Sindicato dos Professores e Pesquisadores da Educação; o Sindicato das Guerrilhas Organizadas, responsável pelo treinamento militar, vigilância das fronteiras e defesa interna, lá do Ministério da Defesa, o Sindicato das Relações Exteriores....

Certo, certo, eu já entendi, cada sindicato forma um ministério do governo, lá na Nova Democracy tudo era indicado pelo presidente.

O que é um presidente?

Vocês não têm um? É o líder do poder executivo.

Ah, já tive essa aula, a ilusão do voto. Mas aqui a gente não tem presidente. Temos as lideranças sindicais que formam a Assembleia Popular Suprema; esses podem exercer diferentes funções como Mediador, Defesa, Acusação e por aí vai. Só que todos são iguais ali. Ninguém tem tanto poder aqui como vocês tem lá, não; porque aqui essas lideranças precisam retomar as suas bases e organizar assembleias com os trabalhadores de seus sindicatos para, só depois disso, decidir como vão votar nos assuntos da Assembleia Popular Suprema. Não tem isso de cargo. De poder. Sei lá mais como que vocês chamam lá.

Se Cibele decorava as Executive Orders, não deve ser difícil saber de cabeça toda essa lengalenga dos Acotirenes; de qualquer forma, um menininho da idade dele saber tudo isso era admirável. A saída do corredor dá para o Beco do Seu Gabo e o menino segue na frente – vem vamos, não comeu hoje, não? Vou te mostrar onde dormimos. Conectando o prédio da escola com o outro da frente, também de dois andares, passa-se por uma pequena passarela de concreto erguida sobre a areia. O sol não dá trégua. Os moradores passeiam de chinelos e é incomum ver alguém usando sapatos fechados. As camisas regatas dos homens combinam com as blusinhas das mulheres de cores claras e leves. Duas mulheres passeiam de mãos dadas com o saltitar de uma criança. Não se espante com os cachorros, explica o menino, que eles também ajudam a cuidar e vigiar, são bem treinados, visse? De repente, antes que pudessem chegar ao outro lado da passarela, um estrondo acompanha a poeira que cega Cibele. Tentando tirar a areia dos olhos e a cuspiando pelos lábios ressecados, sente a pressão de duas pequenas mãos empurrarem sua barriga. O movimento a faz cair de lado no chão. Escuta-se o desespero do choro de crianças. Quando consegue abrir os olhos, entre o sangue que escorre pela sua testa, vê que o segundo andar da passarela se transformou em um grande bloco e esmagou o corpo do menino. Três homens tentavam retirar aquele pedaço enorme de pedra de cima dele enquanto o sangue adolescente insistia em misturar-se com a areia do chão. É impossível respirar. O sol castiga ainda mais. Cibele tenta estancar a ferida de sua testa com a palma da mão e, depois de secar as vistas, vê a voz da mãe entre os dedos ensopados: não olhem, crianças, não olhem! O pai é pisoteado pelas balas dos homens que gritavam “Viva a Nova Democracy!” – ela tenta gritar, papapa-papai, mas sua mãe abafa seus gritos. O homem loiro dá o último tiro na cabeça de Tohõ e, logo em seguida, entra em casa: Vamos, senhora, mulheres e crianças primeiro. Não se

preocupe. Vocês ficarão bem. Qual é mesmo o seu nome? Josefá, meu nome é Josefá, responde. A aldeia em chamas e o fogo se alastrando pelas matas congela-se em sua frente. Uma foto. Antes que pudesse tentar tocá-la com a ponta dos dedos, alguém a carrega pelos braços.

Mediadora, mulher de meia idade, usa um vestido ornado com flores
Theotonia, mulher careca, uma cicatriz corta o lado esquerdo de seu rosto
Leôncio, jovem de bigodes longos, usa bengala e tem dificuldade de caminhar

MEDIADORA: O ataque recente da Nova Democracy nos surpreendeu com uma bomba aérea que conseguiu ultrapassar nossos radares – a tecnologia de guerra deles evoluiu muito à frente da nossa. Foi uma resposta ao nosso último ataque. De qualquer forma, após hackear o chip de Erdefim Forscher e de sua esposa, Martine, conseguimos obter as informações necessárias para organizar nosso próximo movimento tático em prol da nossa estratégia: derrubar a Nova Democracy e implantar o poder popular no Brasil. E é por isso que os convoquei hoje; proponho, então, o último debate dessa Comissão de Assuntos Revolucionários. Os dois membros dos comitês de vanguarda devem fazer suas falas finais. Como de costume, os três representantes sindicais eleitos devem retomar as suas bases e organizar assembleias para decidir como votarão em conjunto com os trabalhadores; o voto único para cada sindicato deve ser analisado dentro do prazo de dois dias. Dando prosseguimento a esta sessão, convoco Theotonia, como representante do Comitê da Revolução Ampliada, e Leôncio, líder da Comitê da Revolução Unificada.

THEOTONIA: Um espectro ronda a Nova Democracy. E esta é a sombra da Revolução Ampliada. Com o sucesso de nossa operação de Reversão em nossa paciente Cibele, há indícios de sua tomada de consciência e retomada da memória. Isso é fato, conforme relato exposto pela menina durante o ataque terrorista da Nova Democracy. Assim, nossas suspeitas estavam certas: as novas gerações de GH não só possibilitarão o total controle e disciplina de seus usuários, mas podem sufocar as memórias e conter de vez o ímpeto da insurreição. E isso nos leva a só um caminho: precisamos atingir outras regiões brasileiras, levar o extermínio do chip onde ele tenha chegado – e digo mais ainda: se a tecnologia do Instituto Musk já é exportada por vários outros países do continente, não basta que destruamos a Nova Democracy apenas por aqui. Outras multinacionais, em breve, entrarão no mercado das tecnológicas de criação de funcionários perfeitos. Sofreremos a contrarrevolução. Derrotar a Nova Democracy não

é suficiente. Garantir a exportação de nossa reivindicação é o único meio de assegurar nossa independência. A Revolução Ampliada é, por isso tudo, o único caminho real para a nossa liberdade.

LEÔNCIO (*Falando mais alto que Theotonia*): Ainda não sabemos se essa menina é uma infiltrada. Vocês colocam nossa segurança em risco por qualquer esperança de humanidade daqueles que nos matam, e estão todos errados! O que essa menininha revela, se é que realmente serve para alguma coisa, é que a operação, sozinha, é insuficiente! (*Anda de um lado para o outro apoiando-se em sua bengala*) Algo a mais precisa alavancar o processo de reversão da memória, ou não perceberam isso? Cibele apenas lembrou-se de seu passado devido a presenciar a morte perante seus olhos; então, como poderemos ter certeza que em outros casos isso pode funcionar? O olfato, talvez a audição, o barulho da explosão? Seus sentidos aguçaram o processo; ou você não leu o relatório do Rafael por completo? Se leu, age aqui com uma caômaceta! Primeiro, a liberdade do nosso povo. Vou repetir, (*pausa, toma fôlego e grita*) primeiro, a destruição da Nova Democracy e de seus membros. A reversão é uma fraude!

THEOTONIA: Você mente.

LEÔNCIO: Não me interrompa! Não! Eu não permito que me interrompam. Não tenho mais paciência para a ladainha estéril de seu Comitê.

THEOTONIA: É impossível dialogar com quem apenas grita e xinga.

LEÔNCIO: Esse filhote da Nova Democracy não nos prova nada e um caso isolado não é estatístico o suficiente para mudar nossos projetos. Propomos mantermos o plano inicial. É o mais seguro a se fazer nesse país rumabreado.

THEOTONIA: E o mais arriscado para outros usuários do GH. Você é jovem, Leôncio, viveu toda a vida aqui em nossa comunidade; aprendeu apenas na teoria a opressão do que é viver na Nova Democracy. Seu comitê é irresponsável como todos os jovens são.

LEÔNCIO: Caso eles não aguentem com o processo de aniquilação do GH, não vejo por que precisamos nos preocupar com isso.

THEOTONIA: Seremos reconhecidos internacionalmente como terroristas.

LEÔNCIO: E assim seremos respeitados!

THEOTONIA: Para de gritar!

LEÔNCIO: Falta sangue em suas veias, Theotonia! Colocamos bombas na Torre Ouranós, tomamos a Nova Democracy e libertamos nosso povo. Era essa a nossa estratégia. E deve ser seguida.

THEOTONIA: Se destruímos com um atentado a Torre Ouranós, podemos matar brasileiros iguais a nós. Com isso, destruímos também nossa possibilidade de construir um novo futuro.

LEÔNCIO: Errado! Não construímos um futuro enquanto perdurar a Nova Democracy. A sucesso da reversão não pode superar a importância de nossa ascensão.

THEOTONIA: De nossa ascensão ou de nossa liberdade, Leôncio?

LEÔNCIO: Só há liberdade após a ascensão.

THEOTONIA: E que liberdade pode nascer sobre um mar de corpos assassinados por AVC, traumatismos cranianos e hemorragias? (*Pela primeira vez, perde a paciência e fala mais alto*) Seu comitê ignora a dependência que um chip causa no cérebro e o que uma interrupção abrupta pode causar!

LEÔNCIO: Por outro lado, o seu comitê posterga para um amanhã inalcançável a possibilidade revolucionária. O sangue das crianças mortas no ataque de hoje é de sua responsabilidade!... A culpa é de vocês; de todos vocês!....

Morte à Nova Democracy! Grita uma voz abafada pelos sussurros das conversas entrecortadas da sala. Liberdade ao povo! Afirma uma voz feminina ressaltando-se das demais. Costurando-se de murmurinho a murmurinho, os protestos formam uma colcha inaudível. Rafael levanta-se do fundo da sala e se despede da confusão.

Há uma aranha tecendo teias dentro de minha cabeça, explica Cibele sentada na cama do quarto de Rafael. As paredes esverdeadas cercam seus pensamentos enquanto ela se pergunta em silêncio por que escolher uma cor dessas. Livros espalhados no chão conduzem o olhar até uma mesa de canto lotada de livros e pastas acumuladas sobre uma bandeira vermelha. Um abajur, isolado no outro canto da sala, ilumina o quarto com sua luz amarelada. Do lado oposto, a única janela do quarto está fechada. Uma aranha? Rafael interroga e, em seguida, oferece uma tigela de grãos.

É doce.

E aposto que é a comida mais nutritiva que seu corpo recebeu nos últimos anos.

O menino está bem?

Rafael desvia o olhar. Cibele considerava impossível um corpo tão pequeno sobreviver a um pedaço de concreto de quase o dobro de seu tamanho e, ainda assim, tinha alguma esperança de que o menino estivesse vivo. Quando a menina fez a pergunta ontem, logo após ser levada para o hospital, Rafael contornou com outro assunto. Hoje, no entanto, ele não conseguiu disfarçar com a inquisição feita à queima-roupa.

Eu nem cheguei a perguntar o nome dele.

É Boris.

Boris?... Ele não tinha cara de Boris. O jeito rápido de falar, toda a atenção que ofereceu durante a breve trajetória na escola: notou-se chorando; qual foi a última vez? Sequer a morte do irmão a fez chorar, por que com esse menino desconhecido? Por que logo agora? O sangue. A testa incendiada pelo sol e o corpo do pai queimando junto à aldeia – *o calor!* – tudo se mistura como um redemoinho vermelho em chamas. Está passando mal? Rafael pergunta.

Depois que me pegaram da aldeia, fui jogada dentro da carreta de um caminhão e levada para um hospital. Daí me vi seguindo uma fileira de outras crianças, o choro delas era diferente, diziam coisas que eu não compreendia.

Outros idiomas?

E seguíamos caminhando enquanto uns homens vestidos de azul ignoravam o nosso choro, tinha uma criança à minha frente sem camisa; longos ferimentos cobriam suas costas por inteiro. Outra, mais à frente, não tirava a mão da cabeça, daí caminhamos até um enorme galpão. Os gritos.

Sua memória...

Para onde foram aquelas crianças?

Era comum usarem crianças nas plantações de soja e de milho.

Eles ainda fazem uma coisa dessas?

A Nova Democracy nunca parou, a cada década, apenas modernizou seus meios de controle e legalizou seu domínio, ele encara o curativo na testa de Cibele: será que ficará alguma marca, o doutor soube dizer?

O médico era um rapaz com pouco mais do que vinte anos, disse que do machucado na testa de Cibele poderia nascer uma cicatriz e a liberou do hospital; Rafael, que estava de prontidão, logo a convidou para continuar a recuperação em sua casa no Beco Juana Jerivá. O primeiro cômodo é uma sala e, ao entrar nela, depara-se com um vaso com a planta espada de São Jorge. Na mesa de centro, três copos e uma garrafa; seria café? No corredor à direita, o quarto de Rafael era o primeiro à esquerda, porém, havia outras portas que, no cansaço somado à dor de cabeça, Cibele não conseguira contar. Na primeira noite, dormira sozinha no quarto; a cama era confortável, apesar de a considerar um pouco menor do que estava acostumada. Nesta segunda noite, enquanto come da tigela de grãos oferecida por Rafael, ainda se sente fraca, mas a fome voltara, compelindo o enjoo para longe.

Lembro-me de um cheiro forte de queimado que mesmo prendendo a respiração ou respirando pela boca aquele cheiro de carne podre nos invadia. Cibele toca o curativo em sua testa, os pontos da sutura ainda doíam.

Meu comitê será vencedor, tenho certeza. Com a Revolução Ampliada, tentaremos reverter o GH. A memória dos oprimidos deve ser recuperada, assim como a sua; e todos os domínios cerebrais, aniquilados.

E se não der certo?... Como pode ter tanta convicção nisso? Ela dá uma longa colherada na tigela. Rafael, de pé do outro lado do quarto, espera pacientemente que ela termine de mastigar. Sequer minha memória retornou ainda, como tem certeza de que ocorrerá para tantos outros?

Ainda que a memória seja um processo lento de retorno, acreditamos que uma mudança do nível que pretendemos, um hackeamento por dentro do sistema, tornará possível trazer à tona a consciência acotirena; daí em diante, dependerá da organização das revoltas populares e, principalmente, de nossa capacidade de gerar adesão a elas. O destino da revolução dependerá da maturidade de nossas ações.

A utopia da revolução de vocês bota seus pés grudados na lua...

E o que é uma utopia?

Ora, Cibele coloca a tigela de grãos de lado na cama, é algo irrealizável, uma fantasia.

Pois posso dizer que era utópico o homem alcançar a lua?... Já foi utopia voar como os pássaros ou mergulhar e navegar grandes distâncias como as baleias?

Acho, acho que sim.

Mas já temos aviões e submarinos que fazem isso, não temos?... E já foi utópico considerar o fim do trabalho escravo, certo? É utopia pensar em uma sociedade em que homens e mulheres têm os mesmos direitos?

Estou já vendo onde quer chegar.

Então a dissonância com a realidade, a denúncia dos males existentes e o desejo do aniquilamento da Nova Democracy anunciam, por si mesmos, a possibilidade dessa nova realidade. Ele caminha em direção à janela: a utopia de uma época é a realidade de outra.

A utopia de uma época...

Antes de tudo, a utopia é o que as autoridades das sociedades impedem de acontecer; por isso, a Nova Democracy é a legitimação da ordem existente, lembra-se que já falei sobre isso? Rafael afasta as cortinas da janela e, em seguida, lança seu olhar através dos vidros do mundo lá fora. Precisamos pensar na total subversão dos interesses

predominantes na maioria das pessoas, afinal de contas, uma revolução depende de fatores objetivos, mas também subjetivos. Uma nova realidade. Novos paradigmas. Uma nova humanidade. Utopia.

Tudo me parece muito abstrato. Cibele levanta da cama, percebe que ainda está um pouco fraca, a visão embaça e é preciso esperar alguns segundos para normalizar; depois, caminha lentamente em direção aos livros da mesa do outro lado do quarto. Não me parece que vão conseguir convencer alguém com isso, conclui.

Pode ser, Rafael olha pela janela, três rapazes conversam sentados na calçada em frente, o do meio sorri despreocupado. Conte-me como você se imagina daqui uns anos, digo, como deveria ser o futuro? Ou melhor, como deveria ser para sentir-se feliz?

Já pensei muito sobre isso. Eu precisaria de uma casa, deveria ser grande para meus filhos brincarem, uma sala grande com um sofá confortável, também gostaria de um guarda-roupa espaçoso; Martine se vestia tão bem, parece nem repetir roupa dentro de casa, um carro novo também para passear, daí teríamos que trocá-lo todo ano, porque sempre escuto dizer que depois disso a gente perde o investimento... Cibele toca os livros sobre a mesa: uma leve camada de poeira em seus dedos.

É suficiente; preciso interromper, por que se restringe às mercadorias?

Bom..., ela limpa os dedos na própria roupa, suas digitais ficam marcadas na camisa branca; e o que você responderia?

O fim da Nova Democracy, a reforma agrária, moradia para todos...

Mas isso não faz sentido! Sua felicidade, ora, como *sua* felicidade é isso? Continua abstrato, tudo que diz.

Uma nova humanidade, Cibele, depende também de novas necessidades; precisamos substituir as necessidades repressivas, é esse o nome que damos por aqui, essas que sente em torno de mercadorias – o carro do ano, roupas caras e da moda, sapatos de grife que só usamos uma vez... Suas necessidades são estabilizantes, pautadas sempre em interesses imediatos, mas são esses mesmos interesses que perpetuam a escravidão dos explorados. É por isso que digo que a Nova Democracy se especializou em reproduzir interesses que ela mesma estimula e satisfaz. Em todo caso, a utopia de uma

nova realidade deve ocupar o lugar das novas necessidades. Esse é o caminho para a revolução.

Parecia impossível falar de amenidades com Rafael. Pensar em roupas, sapatos, um carro novo – dedicar a vida para trabalhar e obter essas mercadorias era a ideia que tinha sobre felicidade. A possibilidade de questionar isso seria possível antes? Seria viável tentar compreender o que estava ouvindo se tivesse o GH em seu cérebro? Por outro lado, embora se esforçasse para compreender, e tendo reconhecido o perigo e a violência da Nova Democracy, tinha dificuldades em lidar com termos tão abstratos. Mas se o procedimento de Reversão fosse apenas isso, como fariam a tal revolução? Como esperavam que aqueles milhares de pessoas aderissem a uma causa que desconhecem? Pensar nisso tudo fazia a cabeça doer.

Se estivesse na Nova Democracy, estaria assistindo a mais um episódio de Cidadania: Battle Royale Game ou apenas ouvindo música enquanto terminava alguma lição de casa. Percebe que aquela rotina já não fazia mais falta e, pela primeira vez, nota-se realmente diferente desde o procedimento de Reversão. Também não gaguejava mais; ainda assim, quando se sentia pressionada, o medo contorcia as palavras, atropelando-as em sua boca, era necessário, portanto, manter a calma, controlando a ansiedade e ordenando o fluxo de pensamentos. A respiração era a chave: inspirar, contar quatro segundos, expirar, mais quatro segundos. Deveria ter perguntado onde Rafael havia aprendido essas coisas. Ainda não se lembrava da vida na aldeia, contudo, a memória do pai: a maneira como ele fora atacado pelos homens que gritavam Viva a Nova Democracy! O sangue na terra, a fumaça do kijeme; ora, kijeme, como tinha esquecido dessa palavra? O pai indo lutar contra os invasores dava vontade de correr atrás dele; fica, fica aqui, não vai! Uma palavra. Um nome. A palavra tem espírito, alguém havia ensinado. É a vida entonada, o espírito em movimento cujo corpo é o som com cores – qual era a cor de seu nome? Quando Rafael abre a janela, o sopro do vento balança a bandeira vermelha escondida sob os livros.

E como seria essa nova realidade?

No futuro, as pessoas dirão como ela deve ser.

Mas não faz sentido. Cibele esfrega os olhos: é difícil organizar os pensamentos, não é que não fazia sentido, conseguia compreender o raciocínio de Rafael; agora, o

argumento é que não se sustenta sozinho. Você disse primeiro que a utopia de um Brasil em que inexiste a Nova Democracy era possível, só que não consegue me dizer como ela seria?... Para o homem conseguir voar, alguém teve que *imaginar* como seria um avião, não?

Nossa utopia é o nosso autoaniquilamento, Cibele.

Quando achei que comecei a entender...

Não pense que pretendemos tomar o controle dos aparelhos estatais e tecnológicos da Nova Democracy para mantê-los; bom, deixe-me explicar melhor, precisamos tomá-los, isso é a nossa luta hoje, e devemos ser enérgicos para conter as atitudes contrarrevolucionárias; enfim, de todo modo, tomamos a Nova Democracy para nos libertar de nossos grilhões, mas o fim último é a destruição da dominação – e, com ela, o nosso próprio fim enquanto Acotirenes.

A dor de cabeça aumentava. Já tinha ouvido demais por hoje. Olhou para os livros – Lênin, Georg Lukács? – e percebeu que nunca tinha ouvido falar daqueles autores.

Você já leu todos eles?

Esses, em especial, sim; foram uns dos primeiros que trouxe para cá. É cada vez mais difícil arrumar coisas assim.

Uma Executive Order proibira a circulação de livros considerados perigosos, estava em dúvida se era o decreto trinta e quatro, ou trinta e sete; estranho, a imprecisão era novidade. Que foi? Que cara é essa? Rafael pergunta. Poderia ser que a memorização também era facilitada pelo GH? Por outro lado, também era costume estudar os decretos diariamente para prestar os exames educacionais; uma convergência desses fatores, talvez? Primeiro, o pai assassinado, depois, o irmão desaparecido – por último, a mãe. Pensamentos acelerados, um após o outro, e de novo, novamente, constantemente, até que a dor de cabeça da aranha tecendo teias e.

Cibele?... Venha. Vamos dar uma volta, isso te fará bem.

O corredor à esquerda continua em três outros cômodos e, daqui, escuta-se um pequeno grupo conversar na sala. Quem são? Vá em frente que já vou, responde Rafael com um sorriso. Lembra-se da marca suja de digitais em sua camisa branca, tenta limpá-las, mas

é tarde demais. Não se preocupe, diz a mulher careca sentada à mesa, depois te arrumo umas roupas do seu tamanho e colocamos essa daí pra lavar, tudo bem? Ao lado dela, um homem acaricia a mão de outro ao seu lado. Os três bebem.

Venha, experimente; é suco de laranja, acabei de fazer.

Obrigada, Cibele responde. Depois, encara, sem conseguir disfarçar a surpresa, a cicatriz que corta o lado esquerdo do rosto daquela mulher.

Parece que você também ganhou uma dessas.

O suco era um pouco amargo. Pensou em perguntar qual era a história por trás daquela cicatriz tão violenta, mas fazer isso poderia ser ofensivo. Sente-se aqui, a mulher complementou, eu me chamo Theotonia. Nunca tinha visto uma mulher careca; neste momento, lembrou-se que há tempos não se penteava, tampouco se arrumava de frente ao espelho: devo estar horrível, pensou. Pouco depois, Rafael puxa mais uma cadeira, beija um dos homens que trocavam carícias, e se senta entre eles.

Chegaram faz tempo? Rafael questiona.

Não muito, responde o homem que Rafael havia beijado. A discussão não se prolongou tanto depois que você saiu porque Theotonia quase não conseguia falar. Ele dá mais um gole em seu copo de suco, depois, com o cotovelo direito encostado na mesa, fica enrolando o dedo indicador em um dos cachinhos de seu cabelo.

Leôncio sempre provoca essas coisas; deixa isso pra lá, temos que nos programar para as assembleias sindicais; disse o outro homem enquanto tomava mais um gole de suco.

Amanhã de manhã conversarei com os outros representantes do Sindicato dos Professores e Pesquisadores da Educação. Rafael pega o copo do homem de cabelos cacheados do seu lado, dá o último gole e se levanta. Obrigado pelo suco; vamos dar uma volta, querem ir?

Não, Theotonia responde, precisamos terminar de planejar as argumentações para discutir no Sindicato dos Trabalhadores das Relações Exteriores.

Sempre eles; bom, venha, Cibele, não quero que fique muito tarde.

Mas o que era aquilo? Moravam todos ali ou estavam só de passagem? E como pode? Rafael namorava um homem que namorava outro? A mulher careca com longa cicatriz no rosto parecia ter grandes responsabilidades com todos. Que nome era esse, Theotonia? Poderia perguntar como se davam os relacionamentos ali, que espécie de relação é essa que não se sente ciúmes, ou como podem três homens viver juntos? Se é que vivem na mesma casa. Theotonia também faria parte disso, ou era somente amizade? Não tinha notado tanta proximidade entre ela e os demais; na verdade, pareciam trabalhar juntos ou qualquer coisa do tipo. Sabia que Rafael teria outra grande lição para lhe ensinar se perguntasse sobre isso. Hoje, não, amigo. É tarde. Estava cansada demais.

Na rua, o vento esfriava os joelhos nus da curta bermuda que Rafael havia lhe emprestado. E a lua, a lua cheia! Na Nova Democracy, era impossível vê-la. Armas ou livros? Rafael interrompe a caminhada e aponta em direção ao terceiro andar do prédio logo à frente: Vê? Ali, naquele de colunas vermelhas está o Sindicato das Guerrilhas Organizadas. Do lado dele, com o desenho dos rostos dos primeiros moradores em sua fachada, é o Sindicato dos Artistas.

Que que tem?

Penso que você pode contribuir de duas formas: ou produzindo literatura sobre a experiência de viver na Nova Democracy, há escritores muito interessados em te conhecer e seria de grande ajuda para as futuras gerações. Mas, com seu braço mecânico, você pode somar nas Milícias Organizadas. Se trocássemos o modelo por um de guerra e você treinasse com dedicação exclusiva, poderia ser útil; seria um desperdício não fazer isso. E o ataque à Torre Ouranós é daqui a dois meses, precisaremos de gente para defender a comunidade enquanto atacamos. Mas você decide, armas ou livros?

Vem, Conrado, aqui em cima!

O bigode branco do cachorro se destaca da cabeça de pelos marrons. Você merece sussavoar, Rafael disse. Pensou em questionar que significava isso, mas era algo parecido com descansar. É a primeira vez que fica sozinha desde a chegada até a comunidade e pensou em acender uma fogueira – tahab, tahab é fogo. Puhui é arco e flecha. Como tinha esquecido? A mãe? Josefá. Só a ideia de pensar nela todo o corpo doía. *Hemea hemea jôkana*. Queria o não-pensar: calar os pensamentos que rodopiavam em sua cabeça. *No tupawêy jôkana*, cantarolava o canto que a avó Bahetá havia ensinado. O pior momento é a hora de dormir quando todos esses remorsos decidem acompanhá-la no travesseiro: não deveria ter denunciado mãe, podia não ter fugido quando ouviu a conversa na funerária, por quê? E se. Uma hãmangã para cortar os pulsos e tudo se acabava, mas não havia coragem para isso. O cachorro lambe suas bochechas; tá com frio, neném? A comunidade dos Acotirenes parece tão comum vista de cima: as luzes amarelas fraquinhas dão um aconchego à hora mais triste do dia. Um menininho acena por uma das janelas abertas dos prédios de moradia popular; em seguida, uma mulher o pega no colo e o leva para se sentar à mesa onde uma outra mulher acaba de colocar os talheres ao redor dos pratos. Duas mães? As famílias por aqui são estranhas, ontem mesmo conheceu uma formada por quatro pessoas: três homens e uma mulher. Cibele não se imaginava em algo assim. Teria que voltar logo, como Rafael explicou, é perigoso andar só, nunca se sabe quando um próximo ataque pode acontecer. A voz sem rosto da avó Bahetá: pataxó é o som da água batendo na pedra e escorre. Armas. E logo tudo se acaba.

Um guerrilheiro Acotirene luta contra a ditadura da Nova Democracy com armas e utiliza métodos não convencionais em prol de uma meta política: a liberdade de seu povo. É importante que maneje armas e tenha cautela para não desperdiçar a munição enquanto protege os seus iguais. A pontaria deve ser treinada de modo a tornar-se um reflexo natural como piscar os olhos. Ele aceita, como todos vocês já aceitaram, sofrer a inserção de um CIF em seu cérebro porque sabe que é necessário o trabalho infiltrado, reconhece os riscos e limitações, porém, em nome de seu povo, enfrenta-os. O guerrilheiro não teme destruir o sistema econômico e político vigente porque sua meta é colaborar para a criação de um novo sistema que corresponda às necessidades vitais de cada um. Atacamos para sobreviver. E sobrevivemos para sermos livres. Essas lições do professor de Guerrilha Urbana ocupavam as manhãs enquanto os períodos da tarde eram destinados ao treinamento físico e ao tiro. Com a ajuda de Rafael, fora dispensada de frequentar a escola e começou os estudos diretamente no Sindicato das Guerrilhas Organizadas. Era a mais nova da turma.

Na terceira semana de treinamento, o joelho direito começou a doer e descobriu que corridas mais desgastantes e longas poderiam ser um problema. Entretanto, sua resistência na água apresentava-se acima da média e era sempre uma das últimas a emergir da piscina durante o treinamento com os colegas. O braço de guerrilha é mais leve do que o anterior, mas o tempo de resposta do movimento é mais brusco. Cibele demorou duas semanas para conseguir movê-lo com precisão. Para atirar, basta direcionar a palma da mão e, após ativar o modo guerrilha, ordenar mentalmente os disparos. Quando esse modo é ativado, a pele falsa se desvai e somente pode ser refeita nos laboratórios especializados. O ricocheteio do tiro causa desequilíbrio e torna necessário usar a mão esquerda como apoio para treinar a mira. Além disso, o primeiro disparo é sempre aquele com maior precisão, então tente surpreender o inimigo, explicou o professor, porque pode ser facilmente atingida pelos agentes e robôs militares da Nova Democracy em um combate que você tenha que se locomover e disparar ao mesmo tempo. Você pode variar a potência de sua arma entre disparar dez vezes um tiro fraco ou apenas um capaz de destruir uma parede ou coisa parecida. Nossa razão de batalha, lembre-se bem, é evitar o confronto: os guerrilheiros Acotirenes

permanecem nas sombras, terminam suas ações revolucionárias e voltam para casa, compreende? Primeiro, antebah, mas, se preciso, mortoxe! Morde e foge. Ao atirar em alguém com GH implantado, ainda mais se esse indivíduo for importante, se, por exemplo, possuir um cargo na alta hierarquia da Nova Democracy; se o alvo for assassinado, um alerta é disparado instantaneamente e você não terá muito tempo para escapar; guarde isso bem, Cibele, o confronto é sempre a última saída.

E se precisar atirar que seja certo.

Se for necessário, sim; mas se encontrar um caçador, fuja.

E como reconheço um?

Caçadores de Acotirenes são assassinos profissionais, pessoas mais máquinas do que humanos. O equipamento deles chamará sua atenção.

Após o primeiro mês de treinamento, Cibele e mais outros dez colegas foram postos em teste: durante uma semana, poderiam dormir apenas trinta horas. No terceiro dia, Cibele tinha dormido apenas oito e deveria responder a alguns problemas matemáticos – o que, por pouco, não a levou a ser eliminada. Dormiu mais dez horas direto no quarto dia. Quatro colegas de turma já tinham desistido. No quinto dia, deveriam aguentar quatro horas em uma piscina permeada por águas vivas. Usou o braço mecânico para espantar aquelas que se aproximaram enquanto se mexia o tempo todo para tentar esquentar o sangue. A reforma agrária é a reivindicação capaz de mobilizar as massas da América Latina, uma etapa necessária para formação da consciência acotirena e força impulsionadora da luta armada, leu do trecho do capítulo dois do programa Acotirenes para responder uma prova oral no penúltimo dia da semana. Afinal, armas e livros; assim mesmo, concomitantes – mal poderia esperar para responder à pergunta feita por Rafael assim que tivesse a chance.

Dos dez participantes, Cibele e outros dois, Talassi e Thiara, chegaram à prova final: deveriam roubar uma carga da Nova Democracy. O caminhão passará em uma estrada próxima daqui a duas horas. Cibele, diz Thiara, acho que você pode atacá-los primeiro com o disparo a laser de sua mão e acertar uma das rodas de veículo. Olha, precisamos de um plano melhor; respondeu Talassi, acertar uma roda pode fazer o caminhão perder o controle e precisamos salvar a carga, deixaram bem claro isso, eu acho que Cibele pode fingir precisar de ajuda na estrada e ela dispara quando os guardas abaixarem a

guarda, acerta na perna, ou no braço deles, em seguida, eu e você, Thiara, tentamos neutralizar a carga do caminhão.

O carro atravessou uma recente trilha, percorreu as dunas e abandonou os finalistas a três quilômetros da estrada onde passaria o caminhão; com pouco tempo para caminhar tamanha distância, levaram apenas o necessário: Thiara carregava o Pocaistepô, um pequeno dispositivo parecido com uma arma de choque que, se levada à nuca, desmaia; Talassi portava, além da submetralhadora Pocadjanho, uma pequena granada para qualquer emergência. Cibele tinha a camisa rasgada e tentava imaginar como poderia pedir ajuda aos milicianos da Nova Democracy sem levantar suspeitas. As identidades provisórias implantadas em seus CIF eram vulneráveis... O plano de Talassi não dará certo, Cibele reclama durante a caminhada, no regulamento da Nova Democracy, é recomendado que atirem em qualquer suspeito, se eu me jogar na estrada fingindo que fui atropelada, ou pedir ajuda de outra forma, eles rapidamente checarão meu chip e vão notar que há algo de errado, o risco de tomar um tiro é grande, o professor de guerrilha sempre nos recomenda para evitar esse contato direto; precisamos de outro plano.

Como é viver na Nova Democracy?

Ah, Thiara, eu vivia tão ocupada, que não sei, é que não via.

O julgamento do olhar de Talassi: precisamos decidir o que fazer! A cabine do caminhão já corta o horizonte da estrada, mais uma descida pela ladeira, uma última subida, e chega ao ponto de encontro. Pela velocidade estaria ali em menos de dez minutos. Qual seria a melhor forma de conseguir roubar a carga sem precisar atirar em ninguém? Embora não soubesse o que continha no caminhão, fora instruída a preservar todo o carregamento – eliminar quem se opusesse era um risco. Uma coisa era treinar o tiro no campo de treinamento, ou acertar os drones que sobrevoavam sua cabeça, mas acertar uma pessoa ainda era uma ideia distante e poderia disparar os alertas do GH. O barulho do motor do grande veículo se aproxima – me passe a granada, rápido! Cibele grita. Talassi retira o objeto do bolso, mas devido ao susto, deixa a granada cair e uma leve camada de areia levanta do chão. Cibele recolhe o artefato bélico, retira o pino de segurança e grita: corram!

Antes que o caminhão subisse a ladeira da estrada, escuta-se um estrondo, vindo não sei de onde, que foi isso? Pergunta o motorista. Olhe, responde aquele sentado ao seu lado,

ali na frente, olhe o tamanho daquele buraco! Pare!... Não dá pra passar, pare!... Teremos que dar a volta, esperar a poeira baixar! Não vejo nada. Uma pistola surge pela janela aberta do lado do motorista: nenhum movimento, seus merdas! Agora, saiam daí! Vem, Talassi, me ajuda, vamos usar o Pocaistepô neles. Enquanto isso, Cibele toma uma distância de segurança e aponta a mão direita para os dois homens, será que eles têm a chave da carga? Lá da parte de trás? Não sei, acho que não, seria fácil demais, Talassi responde. Os dois homens não reagem e são postos em joelhos na estrada, vamos rápido, que alguém pode chegar, você lembra como usa o Pocaistepô, Thiara? Como resposta à inquirição de Talassi, a jovem bate com força a arma na nuca do motorista que desaba com a cara no chão. Eu não quero morrer! Grita o outro homem enquanto corre assustado pela estrada – um tiro no asfalto quente ao seu lado: mais um passo, e o próximo acerto na sua cabeça, Cibele grita.

Torcia que o homem parasse, desse a volta, ficasse quieto, queria dizer que não atiraria, não só pelo perigo que é matar alguém da Nova Democracy devido à ameaça de disparar um sinal de alerta, porém, ainda que fosse inimigo, ainda que tivesse entendido que quando criança fora sequestrada, que tivesse lembrado do assassinato do pai, que sentisse falta do irmão desaparecido, que quisesse o perdão da mãe; o tremor inicia-se nas pernas e um calafrio banha sua nuca então viu-se: um bando de crianças terroristas, morrer numa desgraça dessa, a preço de nada? Era como se estivesse ali, do outro lado da estrada, a fugir com aquele homem, podia sentir o medo de morrer por baixo de sua pele, e era merecida sua morte, assim como era merecido o sofrimento de tantos outros; não, a morte ainda era pouco, deveriam sofrer, agonizar, presenciar a lentidão da morte: queria pegar aquele homem, jogá-lo no chão, beber do desespero de seus olhos, atirar em seu braço, depois, em sua perna, um armistício cessava o aglomerado de pensamentos ao imaginar a vingança desenhada naquele corpo enraizado no asfalto; os batimentos cardíacos são pedras que caem da parede da memória em ruína, até que, distante de si mesma, correndo dentro daquele homem que fugia, viu Cibele disparar para matar – um pouco antes, Talassi move seu braço e o tiro desviou – e um outro disparo acerta a perna do homem que fugia; porra, Cibele, qual seu problema? Não podemos matar ninguém! Talassi protesta, vai lá, Thiara, desmaia o cara que não aguento choro dessa gente.

Deveria ter atirado na perna do fugitivo, como o fez Talassi. Venha, só falta abrir a carga, respondeu Thiara, esqueça isso, caralho! Nós o pegamos e não temos muito

tempo. A carroceria possuía uma fechadura eletrônica de segurança, daquelas reconhecidas apenas com a leitura facial combinada com um GH autorizado. Improvável de simples motoristas poderem abrir. Poderiam explodir a fechadura com suas armas, mas não sabiam o que esperar – possível que um disparo de alerta lotasse a estrada de caçadores de Acotirenes em pouquíssimo tempo. Dirigir o caminhão para longe também não era viável pois sair da rota chamaria atenção. Pessoal, Cibele chama a atenção, eu atiro, pensem comigo, eu carrego toda a potência do meu braço e atiro, o caminhão já está parado, os guardas não vão responder caso sejam chamados, então já não temos muito mais tempo mesmo, abrimos a carga e fugimos com ela, até porque já garantimos o antebah até aqui. Concordo, respondeu Thiara. Talassi fez um gesto rancoroso, ainda que afirmativo, com um balançar de cabeça. Cibele carrega até 50% a potência da arma de sua prótese, mira na fechadura e atira. A porta de metal quase não se moveu, mas um grito tímido saiu de dentro dela: socorro! Outro tiro. A porta se abre: olhos amontados sobre outros olhos, braços esgoelando-se por ajuda em uma dança bestial, mais perto, aproximando-se devagar, lentamente, os pés encardidos daquela criança arrastam o vermelho do chão e se misturam com o fedor de carne podre como daquelas cabeças de bois que Cibele carregava para as caçambas do açougue clandestino. Os olhos, ainda vivos, quase defuntos, vinham vindo. A carcoma dos olhos eram arrancados, um a um, um após o outro, e de novo, mais uma vez o facão da mãe deslizava, eles começaram a me perseguir em meus sonhos, a mãe explicou na última noite que ficaram lá. Cibele? Reclama Talassi, vamos, precisamos ajudá-lo! Veja, lá longe, os Acotirenes estão vindo nos ajudar. Acho que passamos no teste.

Um pé atrás e outro a dois passos à frente desacompanha um terceiro pisar de unhas sobre o asfalto: a desarmonia do movimento dos sapatos e das galochas contradiz o acerto do protesto que marcha em nossa direção, o branco da barba do homem ao centro poderia ser o avô daquele que está a sua esquerda, do lado oposto, a mulher caminha acompanhada do assombro inevitável da vitória do rosto de uma criança cujo olhar nos condena: estejam ao nosso lado ou passaremos por cima de vocês.

Que achou?

Não sei se gosto, Cíbele responde, mas é estranho porque não consigo parar de olhar. Os desenhos das paredes do Beco Astrojildi Pereira são pouco iluminados pelas luzes das lâmpadas que pulam as janelas das casas. Uma pequena faixa – Parabéns aos finalistas! – adeja em conluio com o ânimo das risadas em volta de Thiara. Os cachos do rapaz se aproximam: já experimentou? Pergunta Raduan enquanto oferece um prato. Não comer carne parece que a barriga não enche, sabe? É porque esse tipo de comida pode demorar umas horinhas a mais para a digestão, mas experimenta aí, tu gostou, Cíbele? O tempero da mandioca refogada tinha algo diferente; o que você botou aqui? Essa é uma receita que aprendi com essa mulher, Raduan aponta para o desenho da parede, conhece? Não tenho ideia. Essa que caminha do lado da criancinha é a Ivani Terres, uma liderança fundamental na elaboração de nosso sistema agroflorestal, tu tem que ir lá um dia comigo e conhecer o Sindicato da Soberania Alimentar. E quem é essa criança segurando a mão dela? A ideia era que essa pessoinha representasse todas as crianças da comunidade, não teve alguém que serviu de inspiração. Faz sentido, respondeu Cíbele, e o Rafael, ele não vem? Faz dias que não falo com ele. Mas vocês não são, sei lá, namorados? Sim e não. Quê? Não nomeamos o que temos e tá tudo bem assim.

Raduan toca com a ponta dos dedos o desenho de Ivani na parede e pergunta: por que decidiu pelas Guerrilhas Organizadas? Achei que poderia ajudar na defesa. Certeza disso?... Não quero ser mais uma inútil e ver alguém morrer, não de novo. Aposto que foi Rafael quem te aconselhou, não estou certo? E que que tem isso demais? Tem coisas dele que você nem faz ideia. Como assim? As coisas pelas quais ele passou para chegar

até aqui, tudo que perdeu e pessoas ainda que pode perder. E você também tem alguém a perder, Raduan? Não, não alguém que esteja na Nova Democracy – Quê? Pensei que Rafael tivesse nascido aqui. – Tu viu uma bandeira vermelha na casa dele? Olha, tinha algo assim, acho que debaixo dos livros, tinha um monte deles espalhados. Rafael não queria que você visse. E é? Tá, mas que que tem essa bandeira aí? Já falei demais, vamos voltar para a festa? Vai indo, que vou já.

Thiara acena como se perguntasse você não vem? Agora passariam a morar juntas e cada uma teria o seu próprio quarto. Uma casa. Um trabalho. Se a mãe estivesse aqui, sentiria orgulho? A lembrança do rosto dela era um permanente olhar sério com a boca sem desvios. Erdefim ficaria surpreso: me tornei ainda mais rara, diria para ele e receberia em troca aquele sorriso até as orelhas escotado por um *você tem um futuro fortuna* – as mercadorias, as coisas, os objetos, a elegância do sofá posto sob vigia da imitação de uma pintura de um artista qualquer, o desejo de casar e ter filhos. Aquele futuro tombava como o escorrer de areia da praia entre os dedos. E que substituto aquela areia desenhava em seus pés?... que outras pessoas teriam pisado ali? Enfurna os pés na areia – Cibele? Está tudo bem? Thiara insiste – com a certeza de que sua memória jamais retornaria; seria a cada instante alguém sem passado e em todo o tempo um corpo expatriado, também não era uma revolucionária, tampouco conseguia imaginar que diabos seria do mundo no dia após a revolução. Você é a última de nós, os lábios da mãe repetem. Estou bem, responde para Thiara que come um pedaço de pizza: toma, experimenta, foi Talassi quem fez. Na volta, experimento, e caminha entre aqueles sorrisos idiotas. Talassi ainda não tinha aparecido. A casa de Rafael fica logo ao lado, ainda não era tarde para visitá-lo.

Os becos da rua Gabo, ocupados pelas conversas tímidas das casas, parecem mais estreitos à noite. Rafael está ali à frente e retoca as paredes do beco com um pincel. Precisa de ajuda? Cibele pergunta. Você não deveria estar no exbrocadume? Pois aqui me parece mais animado, responde a jovem enquanto observa os novos poemas pintados na parede, foi você quem os escreveu aí? Estou só os retocando, vê? Algumas letras apresentam falhas; já que está aqui, tome, termine pra mim, vou lá lavar as mãos. Assim? Só ir batendo de leve? Isso, nos cantinhos, depois você sobe e me conta como foi na última prova, disseram que por pouco vocês não são reprovados. E a culpa seria minha. Não pense assim, Rafael ajusta os óculos a altura correta dos olhos, a guerrilha é um grupo e, se um falha, falham todos. Já subo então. As letras discursivas são difíceis

de acompanhar, a curvatura do *o*, a inclinação para a direita da letra *i*, um pouco da leveza do *v*, após retocá-las com o pincel, Cibele lê:

Recusa

*Tal como a ventura
do cume da montanha,
piso em dois mundos.
Mas apenas um há,
contestam meus inimigos.*

*Escalem para ver o todo,
grito daqui de cima.
O todo é uma mentira,
discordam lá embaixo.*

*Desço para buscá-los.
- Amanhã ainda trabalho,
hoje, estarei ocupado.*

*O lugar-comum do tempo livre
é a distração da liberdade*

ainda que tardia.

Do segundo andar do prédio onde Rafael mora é possível ver as pinturas de coquinhos de Jerivá do outro beco e, mais ao fundo, a lua se encontra com o mar vigiado pela patrulha e armas daqueles de pé ao front. Não vai entrar? Rafael retruca, quer um café? Não é tarde para isso? Farei um chá então. Theotonia não está? Pensei que estivesse na comemoração. Só vi o Raduan por lá. É, ele me disse que ia. E você não ia mesmo, né? Eu tinha trabalho a fazer. Como se não fosse algo que pudesse ser feito amanhã. Que disse? Nada, nada, olha, gostei daquele poema, me parece tão diferente dos outros que li. Você diz o Recusa? Sim, sim, esse mesmo. Quando sofremos o segundo ataque, parte do arquivo do Sindicato dos Artistas foi destruído e depois de restaurar o que deu encontramos o nome Liguori, e em outro poema achamos a assinatura Voza, daí surgiu Liguori Voza, uma vez por ano a escola reúne alguns escritos dos alunos cuja temática é a revolução e renovam as pinturas do Beco em homenagem às vítimas do segundo ataque, e todos assinam com o mesmo nome, por isso são tão diferentes, os poemas.

Liguori Voza não existe?

Todos somos Liguori Voza.

Para interromper o silêncio do rosto indeciso de Cibele, Rafael pergunta: você prefere chá de camomila ou hibisco? Tanto faz. Certo, de camomila então, sente-se, vou esquentar a água. Rafael abre a prateleira suspensa da cozinha, tira uma pequena caixinha de vidro e a separa sobre a pia, em seguida, enche uma chaleira com água e a coloca no fogão; você veio apenas para apreciar minha companhia ou seu plano era provar do meu chá? Quando diz algo assim sempre conserta os óculos. Cibele apoia o ombro na parede: como está o menino que salvamos? Ele está bem só que bastante desnutrido, mas não há nada grave, você pode visitá-lo amanhã se quiser. Quem sabe. Acho que ele gostaria de ver vocês, leve Thiara, e Talassi também. Ninguém mais sobreviveu mesmo? Quando interceptamos a informação sobre o carregamento, sabíamos de antemão da pouca probabilidade disso, mas não se preocupe, o menino sequer tinha sofrido o implante do GH. E daí ele entra na comunidade, né? É raro disso acontecer, mas, sim, ainda mais depois de tudo que passamos com você, por quê? Raro, raro como?

Rafael levanta, desliga a boca do fogão, pega algumas folhas de camomila de dentro do potinho de vidro na pia e os joga dentro da chaleira. Vamos esperar mais uns minutos e, então, tenho uma proposta para você. Qual? Precisamos de dois jovens para a missão na Torre Ouranós, pensei em você e Thiara, ou Talassi. Não é melhor chamar os outros dois? Eu sou uma estrangeira aqui. Por isso mesmo, Cibele, olhe, nenhum dos dois sequer pisou na Nova Democracy, se formos juntos, temos mais chances de sucesso. E o que tenho que fazer? É uma missão perigosa, sabemos como entrar na torre, mas não como sair dela. Então foi por isso que me recomendou a entrar nas Guerrilhas, foi isso, não foi?... Quê?... Por que não me disse logo, Rafael? Na verdade, eu te dei duas opções, as Guerrilhas, ou os Artistas, já se esqueceu? Nunca senti que tinha outra opção com esse braço, que era um desperdício, não foi assim que você disse? O chá está pronto, encerra Rafael, falta só coar. Que se dane o chá, Rafael, porque sinto que você me manipula o tempo todo. Você está certa, esqueça o chá, ele reitera ao mesmo tempo que dispensa o líquido quente sobre a pia, venha, quero te mostrar uma coisa. Rafael segue em direção ao quarto e o eco do golpe de seus passos afronta o cheiro açucarado da cozinha.

Depois do corredor, quando Cibele entra no quarto, um pano vermelho é lançado em sua direção – o reflexo do braço mecânico é rápido e o punho protege os olhos ao segurar o tecido. Raduan comentou disso? O vermelho se estende no ar e revela um branco sujo,

porém, dentro dele, o desenho da mulher de cabelos pretos lado a lado do homem que segura um facão sobre o mapa do Brasil; que isso? Cibele pergunta. Ao encarar novamente o tecido, consegue ler Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Essa era a nossa bandeira, Cibele. Além das manchas, pingos secos ruborizam o tecido. Se quer saber, são marcas de sangue, estava sozinho com minha família, eu tinha duas crianças, o Rui e a Lucia. Eles...

Não me diga, Rafael, que você.

Mulheres e crianças primeiro era o lema deles, enquanto isso, matavam todos os homens, corri durante horas, passei dias sozinho na mata carregando essa bandeira para me aquecer à noite e, por um golpe de sorte, os Acotirenes me encontraram antes que os assassinos da Nova Democracy. E seus filhos, eles estão vivos? Chega! Interrompe Theotonia ao entrar no quarto, me devolva essa bandeira, Cibele, e vá, você não deveria estar em seu exbrocadume de formatura? Antes de sair, espia uma última vez: Rafael estava deitado na cama olhando para o teto enquanto Theotonia tenta se aconchegar ao lado dele. Deveria ter perguntado de outro modo, mas com a surpresa da reação violenta, a bandeira jogada em seu rosto, talvez melhor fosse é ter esquecido tudo.

Na rua, ao se deparar com os poemas escritos no beco, teve a certeza de que se tivesse deixado a curiosidade para amanhã a conversa seria de outra forma. Caminha para casa – espanta-se consigo mesma, estou em casa? – e torce para que Rafael não ficasse chateado. Pode me falar mais de você?... E sua família?... Tem alguém que você conhece e que vive na Nova Democracy?... Tantas outras formas e possibilidades de ter iniciado a conversa e escolheu a pior: *você está me manipulando*, e o tom agressivo. Ainda assim, se Rafael tinha algum filho sequestrado, fazia ainda mais sentido sua preocupação com a Revolução Ampliada. O que não entendia ainda era por que Raduan havia fofocado isso. Sobre o tal Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, apenas lembrava de algumas falas da professora sobre os atos terroristas desse e outros movimentos; na verdade, isso parecia até outra vida. Poderia pesquisar mais sobre o assunto amanhã.

Onde você estava? Tá tudo bem, irmã?

Estou bem sim, respondeu à Thiara. Cadê Talassi?

Ainda não apareceu. Vem. Senta aqui. Merecemos sussavovar.

Merecemos o quê?

Descansar. Um descanso após o trabalho. Nunca ouviu?

Escuta, Cibele se senta ao lado de Thiara, quando estávamos em missão, você me perguntou como era viver na Nova Democracy. Mas não consegui te perguntar como foi crescer aqui com os Acotirenes.

Que você quer saber?

Sei lá. Cadê seu pai e sua mãe?

Minha mãe foi uma das vítimas do segundo ataque. Meu pai trabalha no Sindicato dos Médicos.

E por que não mora com ele? Eu gostaria de morar com meu pai.

A gente não se deu muito bem depois da morte de mamãe. Daí até poderia morar na escola. Mas eu já tinha decidido que queria participar das Guerrilhas quando tivesse a idade adulta. Então fui morar com Theo, que é uma das trabalhadoras mais antigas de lá.

Theo? Você diz a Theotonia?

Sim. Sou filha dela agora.

Ela estava na casa de Rafael quando eu fiquei por lá em meus primeiros dias aqui.

São bem próximos mesmo.

Escute, e sobre essas duas revoluções aí, que você acha?

Sobre a Revolução Ampliada ou Unificada?

Arrãm.

Se deu certo para você, acho que devemos tentar, sabe?

Sei. E o pessoal daqui?

Para de firula, Cibele, pergunta logo o que quer saber.

O Raduan, que pensa ele?

Ele é da Revolução Unificada, um dos fundadores, não sabia?

Não, pior que não... Mas faz sentido.

É?

Sim-sim.

Vai me contar o que houve ou não?

Rafael nos convidou para participar da missão na Torre Ouranós.

Sério?!... Eu pensei, porra, jurei que ficaríamos na defesa.

Eu também.

Responsabilidade do caralho, Cibele... Qual a graça?

Nada, nada.

E o que acha? Devemos?

Melhor decidirmos amanhã, não? Em seguida, pega um pedaço da pizza sobre a mesa e dá uma mordida; pizza de cogumelos, Thiara explica, Talassi adora, mas hoje pelo visto não tá muito a fim de papo, nem saiu do quarto. Quando se senta ao lado da nova companheira, a paisagem ao redor começa a ganhar um ar de familiaridade. Mas logo tudo se acaba.

Do que ri?

Não sei se você entenderia, Thiara.

O barco sai à meia-noite e vai te levar ao ponto de encontro no mar; no momento certo, nossos infiltrados no navio dão um sinal e vocês embarcam, não leve nada, apenas a roupa do corpo – já embarcada, você deve permanecer escondida entre as cargas de trigo e milho. Deixe que Rafael e Theotonia lidem com os curiosos, já conversei com Thiara sobre isso. O caminho em *U* parte da encosta de nossa praia, embarca no navio em alto mar e desembarca no porto de Santos. Deixa ver, deve durar uns três dias. Lá, um carro os aguarda e Rafael tomará a direção até a cidade de São Paulo; aconselho aproveitar a uma hora e meia de viagem para repassar a história: uma família do Espírito Santo, entusiasta da Nova Democracy e que pagou o pacote vip para participar da celebração do aniversário da revolução – espero que, de fato, seus conhecimentos façam a diferença, mais seguro seria mandar Talassi em seu lugar; enfim, respeito a decisão da Assembleia Popular Suprema. Aliás, não preciso dizer que o fundamento do disfarce é evitar o confronto direto e a análise de nossos chips, certo? Com o grande fluxo de pessoas para o evento, a vigilância falhará e, nessa oportunidade, você deve ajudar Thiara a alcançar o último andar da Torre Ouranós para hackear o sistema. Acha mesmo que consegue, ex-magote do djanho?

Quando ouvi o plano não sei se me incomodou mais o desdém de Leôncio ou a confiança na facilidade de entrar em São Paulo pelo mar, agora, enquanto Rafael dirige, olho pela janela e repasso minha história: estou no primeiro período de direito, sou viciada em Cidadania Game e apaixonada pelo olhar do Presidente Moro, meu pai, o senhor Albuquerque, trabalha como operador na logística portuária e minha mãe é dona de casa, já minha Ester ainda estuda para o vestibular mas pode ser que se case antes; moramos em Santos e faz dois anos que saímos do Espírito Santo por conta do trabalho de papai, ainda sentimos falta das praias de Guarapari embora eu prefira viver aqui onde há mais oportunidades de trabalhar para a Nova Democracy. Sou uma filha da puta de baba ovo, nas palavras de Thiara. Depois de repassar a história, Rafael nos pede para pensar em detalhes, coisas minuciosas que só a gente saiba, diz que isso cria mais veracidade. Que segredos poderia ter?... Minha intenção é cursar direito e entrar na Nova Democracy mas o que eu realmente quero é sair de casa porque não suporto meus pais e a burrice da Ester, que pensa mais em homens do que em servir ao país – pronto,

já tenho algo aí. Depois de uma hora conversando, meu olhar se perde na paisagem: a placa indica que estamos na Rodovia dos Imigrantes, que ironia miserável, Thiara resmunga.

Quando voltarmos, precisamos chamar Talassi para fazer alguma coisa.

Estamos devendo mesmo...

Que que foi, Thiara?

Esquece.

Sabemos como entrar, mas sair é no improviso, Leôncio explicou enquanto penteava o bigode com a ponta dos dedos. Na prática, era mais sorte do que improviso: no momento do discurso de abertura do presidente para o evento, quando todos os olhares estarão mirados nas projeções de telas dos GH's, um pequeno helicóptero passará no terraço da Torre – a janela de oportunidade para fugir é de cinco minutos, é isso que posso garantir, explico melhor, é comum que pessoas do governo, ainda mais em grandes eventos como esse, usem de helicópteros para se locomover, é isso que faremos ou, melhor, fingiremos fazer; nesse intervalo de cinco minutos, vocês podem embarcar – você ainda quer participar da missão? Eu topo, respondeu Cibele para o olhar incisivo das palavras de Leôncio. Sentiu-se contra a parede quando ele insistiu: você estará no vigésimo andar e no momento em que Thiara começar a hackear, ficaremos por sua conta, você entende, Cibele? Entende que poderá ser sua primeira e última missão? Eu entendo! Insistiu uma última vez até que ele sondou: e você não tem medo de morrer, menina?

Leôncio também me deixou pensativa, Thiara.

Ele sabe como nos pressionar...

Reconhecer os riscos faz parte de qualquer missão acotirena, interrompe Theotonia virando-se para trás, não é comum usarmos de jovens como vocês duas, por isso essa pressão toda, porque se vacilarem nas ações que devem tomar, todos ficamos em perigo. E a missão fracassa.

Vimos até aqui e vamos botar pra foder, certo, Cibele?

E levamos Talassi para comemorar quando voltarmos.

Ele gosta de pizza. A gente pode fazer uma noite de pizza pra ele. Pizza de cogumelos.

Vamos sussavonar juntos. Você pode ir também, Rafael? E você, Theo? Virando-se para frente e conferindo se o cinto de segurança está firme, ela responde: a partir daqui, me chamem apenas de mãe. A cicatriz do lado esquerdo de seu rosto desapareceu após os procedimentos estéticos de renovação fácil: uma última coisa que precisamos fazer, Cibele, é mudar as coordenadas de seu rosto, esclareceu Leôncio. Uma vez que você pisa na Nova Democracy, os aparelhos de vigilância conseguem encontrá-la a qualquer momento com a leitura facial de suas câmeras especializadas antes mesmo que você conseguisse dizer *morte aos nossos senhores*; já que deseja manter a monocelha, esticaremos um pouco a amplitude de seus olhos e achataremos a distância entre seus lábios e o nariz. Rafael também mudara: já não usava óculos, seu cabelo era quase tão curto quanto o de Theo e, entre o cavanhaque que alongava seu rosto e a testa cheia de rugas, o nariz empinado quase pulava à frente das bochechas.

É o último pedágio até chegar à cidade, meninas, falem apenas se o guarda perguntar alguma coisa; os riscos começam agora, decreta o chefe da família enquanto começa a pisar no freio para entrar na fila de carros a passeio. A confiança dele é tão distante daquele Rafael que chora a ausência da filha; desde então, não falamos mais sobre isso. Um guarda armado com uma metralhadora se aproxima: motivo da vinda? Iremos prestigiar o aniversário da revolução, eu e minha família, Rafael responde, pagamos o pacote Vip. Para entrar na cidade, os vips devem ir na fila preferencial ao lado. Sério? Desculpe, acabei me distraíndo. Preciso checar seu passaporte vip, senhor?... Albuquerque, somos a família Albuquerque, o passaporte está instalado na pasta de acesso livre nomeada Eventos em meu GH. Senhor Albuquerque, esposa, e duas filhas, tudo parece em ordem, lembre-se que se o senhor paga o Vip, além de se livrar das propagandas inclusas em nossos serviços, há sempre preferência nas filas. Certo, obrigado.

Boa viagem, mocinha.

Obrigada.

Quê?

Eu disse obrigada, retruca Cibele.

Esperem um momento, não consta gagueira em sua ficha, consta?

É só um nervosismo, nunca estive tão perto do presidente. Um carro buzina atrás e a fila de carros cresce. Certo, vão logo, mas lembrem-se que a falta de registros de saúde atualizado gera multas. Rafael agradece enquanto dá a partida no carro; obrigada, meu querido, Theotonia complementa com uma voz suave. O carro da família passa pelo pedágio e prossegue rumo à cidade.

Porra, fiquei com o cu na mão agora.

Desculpem, fiquei nervosa.

Respire como te ensinei, lembra-se?

Sim, sim; não me esqueço, Rafael.

Daqui é possível ver a Torre Ouranós hastear-se sobre a linha do horizonte. O sinal vermelho do semáforo. Nesse momento, um silêncio desce pela janela do carro como se tantas outras conversas tivessem chegado a uma mesma pausa. Um anjo passou por aqui, Thiara brinca, mas o olhar de Cibele se prende às placas de ferro-velho dos dentes do homem cuja voracidade engole os restos de hambúrguer da lixeira em frente ao McDonald's. É isso que acontece com o despatriado que perde estrelas de seu GH. Como nunca os vi antes, Theotonia? Você até os via só que seu cérebro não os processava, mas isso é apenas um detalhe do Brasil rumabreado com as políticas da Nova Democracy. Quando o semáforo anuncia o verde e o pé de Rafael pisa no acelerador, o susto desamparado do rosto daquele homem lança um afago tímido que Cibele pega no ar e responde com um aceno – algo dentro de mim se comunica com alguma coisa dele, esse sangue, a pressão no peito, a ausência de saliva com sede. Olhos sem retina disparam apressados da saída das fábricas. Uma névoa de cigarro reflete as cores das propagandas dos outdoors do outro lado da rua. Cheiro de mijo. Uma saia curta se despede de seu último cliente e o abandona em um beco escuro. Hologramas dançam sob o anúncio de uma nova marca de bebida. Um neon azulado ergue-se sobre a cabeça de uma criança que pede esmola na esquina. A projeção da parede do desfiladeiro de um arranha-céu é o presidente: bem-vindos ao aniversário da Revolução de 2030, em seguida, dá um gole em uma latinha de Coca-Cola. Estamos chegando, Rafael afirma depois de parar em mais um sinal vermelho, não falem nada, meninas, deixem por nossa conta, dentro da Torre Ouranós vocês já sabem o que fazer.

O estacionamento está lotado de carros com a logo da Nova Democracy em seus capôs. Há uma vaga reservada em nome de Wladimir Albuquerque onde Rafael estaciona. Do carro ao lado, uma mulher de vestido longo de frente única acompanha um homem de gravata com a sigla ND estampada em letras pretas. Saio do carro e sigo Wladimir, repito, Wladimir Albuquerque é meu pai e eu não suporto essa família. O barulho da pisada do salto alto da minha mãe chama a atenção da mulher que caminha em nossa frente. Ignore-os, Rafael solicita, encontraremos gente desse tipo a noite toda. A torre vista de tão perto parece um abacaxi sem coroa. Entre um olhar curioso e outro de aviso, chegamos à entrada de tapete azul e somos recebidos por rapaz de terninho preto: senhor Albuquerque, só preciso confirmar os dados e os levarei à mesa reservada para sua família. O passaporte está na pasta Eventos em meu GH. É por aqui, senhor. A iluminação amarela nos acolhe, mas o vigiar da fome daqueles do lado de fora calcula nossos passos enquanto desfilamos no tapete que leva às mesas reservadas para os Vips; é tudo como Leôncio esclareceu: no salão principal, após transitar pelos funcionários de classe média, vocês sentarão à mesa com outra família, a previsão é de chegar no pronunciamento do Cidadania Game, depois, se a regularidade da programação dos anos anteriores se mantiver, haverá uma apresentação musical ou alguma fala dos alunos que passaram no ENAE. Durante alguma dessas etapas que antecedem o pronunciamento do presidente, um garçom perguntará se as jovens desejam experimentar a nova coquinha light, esse é o sinal, coquinha, no diminutivo, pois quando isso acontecer, observe bem qual caminho ele segue, conte até dez, e o siga.

Um grampo de cabelo da minha cabeça se solta e Ester o pega no chão, porra, que grampo afiado é esse? E coloca o dedo à boca. A pequena lâmina, disfarçada de grampo, foi um presente de Leôncio: disse que daria sorte. O casal a nossa frente nos encara com nojo; somos a família Albuquerque, do Espírito Santo, prazer, Rafael informa e oferece um apertar de mãos. Os olhos encrustados em rugas de carne do velho a nossa frente parecem imóveis: me chamo Fagundes Maringoni, viemos de Brasília, ainda não conhecemos o Espírito Santo, mas já ouvi falar bem das praias. Lugar que só tem eucalipto e filha da puta, respondeu baixinho Ester ao meu ouvido, é de um outro livro que li, explica. A Maringoni sorri com os dentes de ouro: que bênção essas duas filhas, temos um menino que odeia essas cerimônias, acreditam? Não temos do que reclamar, Theotonia arremata, e o Fagundes dá de ombros como se insatisfeito com a resposta. Um vaso circular de madeira portando flores de plástico estampa as siglas ND

no centro de nossa mesa, há outras cinquenta iguais desse lado do tapete azul e mais um outro tanto do outro. O perfume dessa perua me dá vontade de dar dois tapas na cara dela. Fica quieta, Ester, que ela vai ouvir. Depois do holograma da loja Havani, um homem de calça branca e terno listrado de azul e vermelho sobe ao palco, seu longo chapéu bordado em dourado compensa sua baixa estatura: Abdul é menor do que pensei, digo sem querer em voz alta.

Pensei a mesma coisa quando o vi pessoalmente pela primeira vez.

Acho que ele emagreceu.

Talvez, reitera a senhora Maringoni depois de mais um gole de champanhe. Não lembro de vocês aqui no ano passado.

Também não lembramos de vocês, Rafael se intromete, mas me lembro bem da apresentação de Abdul, foi a primeira vez que usaram as câmeras NI-D725.

É verdade, mas o que me marcou mesmo foi o bordão, vocês se lembram como era o antigo?... Não respondem, e continuo: pois é, se não fosse pela espontaneidade do Abdul, ainda estaríamos repetindo Cidadania Game Show ao invés de Cidadania The Battle Royale Game.

Eu tinha me esquecido disso, diz o Maringoni antes de me encarar uma última vez, levantar-se e pedir licença para ir ao banheiro.

No palco, entre um salto ridículo e o charme cafona de uma pirueta, Abdul deixa o chapéu cair e revela a elegância de sua careca; após o sobressalto de risadas, o apresentador se alegra: com o sucesso da última temporada de Cidadania The Battle Royale Game, vocês esperam mais tragédias, mais mortes e uma competição ainda mais acirrada; sabemos disso! A fidelidade de nossa audiência, o carinho que recebemos, tudo nos move a uma direção: criar o entretenimento dos entretenimentos, um programa que não só faça o público participar, mas surpreenda a cada nova temporada! Chamo um de nossos principais patrocinadores, que suba ao palco o homem que sobreviveu ao ataque dos Acotirenes, Erdefim Forscher! Um ziguezague de palmas começa do lado de fora do salão e nos obriga a também aplaudir para receber o homem manco que sai de trás das cortinas do palco. Arrasta-se devagar apoiado em sua bengala e os aplausos ainda se mantêm durante alguns minutos. Quando fica ao lado de Abdul, começa agradecendo a oportunidade de anunciar as novidades do programa que fui um dos

primeiros patrocinadores, era desejo de minha falecida esposa, Martine, que pudéssemos compartilhar de novas paixões, que nascesse disso um novo sentimento de solidariedade fundado em nossos valores e nos da nossa empresa, que fundamos juntos, e é em nome dela que preparamos um show especial e, se me permitem, inesquecível – a cortina azul se abre e descobre um enorme painel de realidade aumentada – vocês me escutam? Sim, nós os escutamos, senhor Forscher, responde o homem no holograma de imagem projetada: um par de botas pisando na areia.

As jovens desejam a nova coquinha light?

Shiiii faz a perua Maringoni com os lábios depois de retocá-los com um batom vermelho. O garçom enche meu copo, passa em frente ao palco e entra pela última porta aos fundos do salão de festa. Olho para Thiara e começo a contar até dez – o holograma revela ser a câmera integrada no GH de um homem armado: estamos prontos, chefe, só dar a ordem, e vemos uma enorme duna de areia em sua frente. Dois. No aniversário de nossa revolução, transmitiremos o último ataque à comunidade dos Acotirenes, dessa vez, não restará nada! Celebra Erdefim. Três. Aplausos. O casal Maringoni fica de pé. Quatro. Matem todos! Acabem com eles! Liberdade! Cinco. Rafael levanta. Em seguida, Theo faz o mesmo. Seis. Thiara me encara com um olhar tinido. Sete. Nós duas levantamos, e também aplaudimos... Oito. Comecem! Erdefim ordena. Nove. Rafael continua de costas e aplaude, tento me aproximar dele, mas Thiara me puxa pelo braço: temos que ir, agora! A empolgação do casal Maringoni é tanta que sequer nos nota saindo quietinhas. As famílias se abraçam ao redor das mesas enquanto nos espreitamos entre elas. Uma mulher chora: pensei que não fosse viver para ver isso! O estouro da garrafa de champanhe é abafado pelo barulho de tiros do holograma sobre nossas cabeças – o erro de olhar para o palco: Erdefim com seu encarar de cobra parece envolver meu pescoço enquanto o ar decepa minha garganta e um gosto de sangue sobe pela língua. Tento achar Rafael e Theo entre a multidão de gritos, tiros e ecos de explosões, mas a porta se fecha.

Alguém as seguiu?

Thiara acena que não com a cabeça para o garçom de cavanhaque: subam essa escada, vocês têm dez minutos para entrar na sala de controle, ele oferece uma pequena pistola para Thiara, matem todos que estiverem lá e tentem sair o mais rápido possível, eu

segurarei por aqui enquanto puder, vão logo! Enquanto subimos, um outro grupo já teria garantido que a zona de vigilância e controle das câmeras fosse tomado.

O que está acontecendo, Thiara?

O plano está funcionando, vamos, vamos!

Mas e a comunidade?... Vocês sabiam disso?...

Ela sobe as escadas cada vez mais rápido e preciso me concentrar para conseguir acompanhar. Erdefim me reconheceu? Ativo minha arma e deixo a pele falsa pelos degraus; estou num tempo impensável, a ressonância do barulho de nossos sapatos me lança para o *você é a última de nós* e vejo nossa casa, a rede na varanda, pai limpando o peixe do jantar na cozinha enquanto mãe termina de preparar a mandioca, pisco, e a casa está vazia, ando por essa paisagem como uma estranha, queima a boca do fogão e queima a panela de arroz, sozinho o peixe na pia, e queima o teto e queimam as janelas, as paredes queimam e queima a terra que acoberta meus pés, chamo mãe, o som do nome tem o ruído verde de sua presença, imploro pai, mas a sombra pesa sobre a palavra, a desmesura dos nomes prolonga a existência até torná-la insuportável.

É agora, Cibele, mortoxe!

Ela abre a porta, apenas dois homens no corredor – devemos seguir até a última porta – e meu corpo se move sozinho: atiro na cabeça daquele que está de costas, Thiara continua meu movimento e dispara no pescoço de outro, preciso recarregar, corro para trás de uma coluna. Se tudo deu certo, Rafael e Theo já iniciaram o ataque ao presidente durante seu pronunciamento, assim, enquanto as tropas se ocupavam em protegê-lo, nós terminaríamos a missão. E ainda havia todo o potencial de força dispensado no ataque à comunidade. O sangue ensopado na parede faz com que eu me surpreenda: continua calma, efeito do treinamento? É ali! Entramos com tudo, vamos, Cibele! Recarrego o potencial de 42% e atiro contra a porta de metal. É por isso que você está aqui, porra! Ela complementa o xingamento e dispara contra os três homens que estavam em frente à enorme tela da parede ao lado esquerdo. Dois deles desabam. O terceiro se protege entre a fileira de máquinas e fios, passa agachado rente à janela central e escapa pela entrada do outro lado. Recarrego a arma.

Não, deixa ele, não temos tempo. Venha. Vou me conectar.

Olho pela janela e vejo o conjunto de prédios logo à frente das cabeças hipnotizadas pelo show transmitido em tempo real nos outdoors: outro muro de flores cai e os gritos se espalham, onde estão as nossas defesas? Thiara me dá um peteleco na testa, acorda! Com o alfinete de prender cabelo, ela faz um risco no dorso metálico da minha mão de prótese: um *p* de pizza para você não esquecer da nossa promessa. Fico sem reação enquanto ela se deita no chão. Seus olhos em branco. Nada acontece. Devo protegê-la até que consiga transmitir o vírus para o sistema computacional da Torre. Retenho o poder da minha arma em 10%, suficiente para mais alguns tiros. Fecho a porta pela qual o homem fugiu e vigio o buraco na parede que fiz. Puxo as máquinas para o centro da sala, há também uma mesa que, mesmo pequena, me serve de proteção. Depois, empurro os dois corpos para ganhar mais espaço caso precise me locomover. Se entrarem pela frente, há três metros impedidos pelo conjunto de máquinas e fios que nos separam. Se vierem pelo lado, me pegam desprotegida, embora seja muito mais fácil de acertá-los daqui – e duvido muito que desejariam isso após ver o poder de explosão da minha mão. O silêncio me deixa ainda mais nervosa e respiro como Rafael me ensinou: um, dois, três, quatro, sete, oito, de novo, inspira, prende em sete, expira em oito. Barulho de passos. Alguém se aproxima. Não parece ter pressa.

– Você se tornou ainda mais rara, minha filha.

Eu me escondo atrás das máquinas e dos fios. Logo agora, sozinho, é louco? E se eu atirasse?

– Venha, seu futuro fortune ainda não se perdeu.

Guardas de capacetes fecham todo o corredor com seus escudos de proteção – são tantos que não conseguiria exterminá-los mesmo usando de toda a potência de meu tiro.

– Como você sabia?

– Seus olhos à sombra de sua monocelha não mente para mim. Tão rara!

Olho para Thiara deitada aos meus pés. Não sei quanto tempo falta. Escuto o barulho de comemoração das pessoas lá embaixo.

– Está perdendo a festa, Erdefim.

– Você não gagueja mais?... Venha, entregue-se, prometo que ninguém vai atirar.

Rafael está de joelhos. Sangue mancha o terno e metade de seu rosto parece derreter. Desculpe, Cibele, Erdefim continua, mas só assim conseguimos parar este daqui, você se importa? Ele saca uma arma e aponta para a cabeça sangrenta de Rafael. Devo atirar nele também, Cibele? – Rafael está tão machucado que sequer consegue dizer alguma coisa: sua boca parece um pedaço único de carne queimada. Thiara ainda permanece imóvel.

– Se eu me entregar você não mata mais ninguém?

– Por que eu mentiria para você? Venha, não sei o que fizeram com você, mas tem o meu perdão. O nosso perdão.

– Rafael!?... Você consegue falar?...

– Esse é o seu verdadeiro nome, Rafael? Erdefim chuta as costelas daquele resto de gente.

O verdadeiro nome?... A boca da mãe se mexendo. Não! Agora não. Rafael precisa de mim. De repente, a mão de Thiara treme, depois seu peito, seguido do borbulhar de sua boca de saliva em um ataque epilético.

– Cibele?... Você vem?... Ou posso atirar?

Ajoelho-me em direção à Thiara: acorde! Que está acontecendo? O corpo descontrolado. A saliva. O branco dos olhos. Ninguém me disse que isso poderia acontecer. Um tiro. E o corpo de Rafael cai de lado sobre a própria barriga.

– Eu não suporto que me ignorem, já não conversamos sobre isso?

Carrego minha arma até o limite: o incolor dos lábios me chama, *Cibele*, o fedor que repete o desprezo do som, *Cibele*? O hediondo amargo de suas pálpebras, *Cibele*?! A náusea da palavra que me invoca. Foda-se! Com o ricochetear do disparo, voo contra a janela atrás de mim: impacto na nuca e nas costas, cacos de vidro perfuram meu braço esquerdo e o direito é desligado pela falta de energia com um peso que me faz tombar para o lado, a minha frente, enquanto alguns guardas se levantam, outros arrastam os feridos: entre eles, os olhos de Rafael desabam da cova de seu rosto, não matem! Eu quero viva! Não matem! A janela escancarada sobre minha cabeça. Dos cotovelos fincados no chão me apoio sobre a mão esquerda e a dor do corte atravessa a palma – previamente ao primeiro tiro, ainda antes que o segundo grupo arrombe a porta,

enquanto Erdefim grita e as armas se levantam, a última força de meus joelhos cansados abandona o salivar de bolhas de Thiara, a barriga dobrada para fora de Rafael,

Miãgua

as letras de meu nome são o limo das pedras em meus pés onde me vejo pintada de vermelho contra o relevo de pele esmagada do corpo de meu pai, não luto mais porque a pele é uma doença de sinais, verrugas, cicatrizes do rosto do homem *mulheres e crianças primeiro* mas a voz de mãe é um som longínquo, um verde áspero de afago contido em perdão, meu corpo está separado da decisão de minha mente, à janela o mesmo céu de sucata contra meu peito – a porta caí ao lado, meus pés me erguem – e os gritos de euforia lá debaixo são substituídos pela dor e bafos de arrepender, uns se jogam no chão, outros correm imitando o movimento de colisão dos carros ao som de um zunido interminável que me desequilibra; a transmissão do ataque à comunidade se encerra e os outdoors se contaminam em luto ao mesmo tempo em que a chuva de ondas sonoras caí e a cada pingo um novo renascer do meu povo – meu nome é a gota d'água prestes a se desprender – e me puxam pelo cabelo, estou no chão, o teto é uma pretura espinhosa, o câncer do rosto de Erdefim: depois de tudo que investi em você? Seus olhos são o movimento da água batendo na pedra em uma moldura de morte.

Bato o calcanhar de couro da minha bota na calçada da rua, o sangue sujo desses inúteis em mais um sapato arruinado. Acabei, pai, que faço agora? Retorne à base, precisamos de você no Nordeste. Encerro a comunicação e fecho a transmissão de meu GH. Depois que perdemos o Sudeste, não tive mais um dia de folga.

Disseram que novas comunidades surgem com armas ainda piores na Bahia. Só espero voar de primeira classe dessa vez. Quase fiquei sem munição, já pedi para aumentarem o limite dessa merda e sequer conseguem renovar o braço para um mais atual sem me deixar sequelas. De qualquer forma, o público gosta, meu chefe disse.

Curiosos são detidos na fronteira de batalha, Miãgua, Miãgua, Miãgua! Levo minha calma em direção contrária aos seus gritos. A inicial traçada no dorso de minha arma: protestos? Palavra? Não sei, mas continuo me movendo mesmo que a dor de meus calos seja insuportável, até que, sobre eles, caia o último dos Acotirenes, o último a lutar.

2. ENSAIO SOBRE A CRIAÇÃO

Este romance está muito distante daquilo que escrevi antes pois a minha experiência com a escrita de contos, tendo publicado dois livros de narrativas curtas, colaborou em alguns momentos, especialmente na elaboração de cenas particulares. No entanto, os processos de escrita, de um livro de contos para um romance, são totalmente diferentes.

Explico melhor: com *Yanni* (2014), publiquei, por meio do extinto edital “Bolsa Cultura Jovem”, da Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo (SECULT-ES), alguns contos produzidos na adolescência – a pressa soa como imaturidade no tratamento da linguagem da maioria dessas narrativas. Três anos mais tarde, ganhei outro edital para publicação de obras literárias da mesma secretaria de governo e lancei *Nós de sangue* (2017). Considero esse segundo livro muito mais maduro enquanto projeto: uma coletânea de contos cujo tema central é a violência familiar. Lembro-me de estudar dissertações, teses, pesquisar outras narrativas que poderiam me inspirar. A pesquisa – ora na internet, ora na vida real – baseada nas pessoas em minha volta, foi essencial. No primeiro conto, por exemplo, encontrei uma matéria publicada na internet sobre um pai que ensinava uma filha a roubar com uma boneca, gesticulando o que ela deveria fazer, gritando “dá uma coronhada nela, filha, uma coronhada”. Esse conto do livro é totalmente centrado no vídeo da matéria que assisti.

De todo modo, nessas narrativas, meu método era de rascunhar em pequenas linhas essas histórias e me concentrar em planejá-las em seus detalhes ainda antes de escrevê-las. Assim, o retrato das personagens era breve, saltando-lhes algumas particularidades que poderiam criar um indivíduo único. Podia até retornar, revisar, mudar algo em seus detalhes, mas o personagem permanecia, em essência, o mesmo. E, depois, podia já pensar em outra narrativa independente ainda que em torno do mesmo tema.

No romance, entretanto, eu precisaria carregar essa existência de linguagem de forma ainda mais persuasiva. Assim, conviver tanto tempo com esses seres foi algo totalmente novo pois era necessário conhecê-los melhor, desenhá-los, de fato, até que eles fossem convincentes em sua existência de linguagem. Esse é o poder da persuasão que precisava alcançar – e isso foi desafiador, e ainda é. Mario Vargas Llosa quem me

ensinou isto: é preciso tornar independente a ilusão de autonomia com relação ao mundo real. Os grandes romances, diz o escritor peruano, não passam a impressão de contar uma história, mas de vivê-la (LLOSA, 2006, p. 36).

Em 2017, no mesmo ano em que publiquei *Nós de sangue*, comecei a esboçar a ideia de um romance. Já tinha tentado alguns projetos anteriores, mas os abandonei. Sequer restaram os arquivos no computador. De toda forma, ainda em 2016, já tinha em mente que escreveria uma distopia. Não sei dizer ao certo por que decidi isso, mas comecei a esboçar algumas ideias, e aquilo fixou-se em mim. Naquela época, lendo as notícias, senti-me impulsionado a escrever sobre os imigrantes, partindo desse pressuposto para escrever uma distopia. O debate era amplo porque, no decorrer dos anos, em diferentes partes do mundo, na América Latina, com seus refugiados venezuelanos; na América do Norte, com o debate acalorado sobre a construção do muro que separaria Estados Unidos do México, muito defendido como pauta legitimada pelo ex-presidente Donald Trump ou, ainda; na trágica situação dos sírios, que têm o país devastado pela guerra – em todas essas situações, a questão humana do direito de migrar é tensionada. Embora a Organização das Nações Unidas considere legítimo esse direito, e recentemente tenha sido realizado o Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular, os governos que recebem esses imigrantes se veem no dilema de que essas pessoas necessitam de cuidados médicos, emprego, moradia – cuidados básicos e essenciais que poderiam inchar a máquina pública. Isso me serviu como primeiro impulso: era possível, e factível, uma distopia sobre os imigrantes.

Nos primeiros esboços do romance pensei, então, em um mundo entre guerras e em um país que resolvesse a questão da seguinte forma: apesar da burocracia, regulamentando cada passo de seus novos habitantes, “facilidades” seriam oferecidas para receber refugiados. Em troca de cuidados básicos, alimentação e moradia, esses imigrantes se tornam novos escravos – e o processo de *uberização* da vida se propagaria em larga escala. Sem alternativas viáveis, muitos aceitariam essas condições. Ainda não era o suficiente porque eu ainda não tinha as personagens. Foi quando li, em 2017, a peça *Antígona*, na versão clássica de Sófocles, que realmente a ideia se concretizou: em um futuro arruinado pela guerra, uma personagem enfrenta um governo autoritário que a proíbe de enterrar o irmão. Esse foi o argumento para começar a escrever o livro.

Em meus projetos iniciais, e até durante os primeiros anos de escrita, somente pensei na versão distópica sobre a imigração. O lado utópico dessa obra, concentrado em narrar a comunidade dos Acotirenes, surge depois e a partir de minhas pesquisas. Dessa maneira, acredito ser fundamental começar por elas. De fato, seja nos contos, seja neste romance, pesquisar é um ponto fundamental, incontornável, em meu processo de escrita. Dito isso, posso explicar como este ensaio está organizado.

Baseado na proposta de Raimundo Carrero, em *A preparação do escritor* (2009), no primeiro bloco está descrita a pesquisa relativa ao conteúdo material, que são todos os elementos não literários utilizados, como livros de filosofia, história, teses e dissertações acadêmicas. No segundo, está o conteúdo literário: “narrador, cenas, silêncios, elipses, ambiguidades, rapidez, duração, jogo de diálogos” (CARRERO, 2009, p. 20). Neste bloco está o conteúdo referente à técnica literária, enquanto naquele estão inclusos materiais fora desse campo. Admito que minha organização peque um pouco, porque incluo no primeiro bloco a leitura de obras literárias, e isso pode provocar uma confusão em minha tentativa de sistematização. Ainda assim, minha ideia é de apresentar, primeiro, as diversas pesquisas que realizei e, em seguida, dirigir o olhar às questões específicas de minha escrita. Penso, portanto, em uma divisão pragmática e usual. Dessa maneira, no conteúdo literário e seus tópicos particulares exponho melhor o processo de escrita (linguagem, criação de personagens, foco e ponto de vista narrativo etc.), enquanto no conteúdo material enfoco em pesquisas de assuntos mais diversos, como a que fiz sobre os pataxós.

2.2. Conteúdo material: “Escreva sobre o que você conhece”

Durante esse período de gestação, tomo notas e mais notas, leio as coisas mais extravagantes, às vezes livros que nada têm a ver com literatura. [...] Faço gráficos e esquemas, sinopses, monto desenhos, armo quadrados, retângulos e círculos, como se fosse um arquiteto, a régua, compasso e transferidor. Nada entendo de arquitetura e de artes exatas, sou “um homem sem profissão”, um escritor, para usar do título feliz de Oswald de Andrade (DOURADO, 2000, p. 166).

“Que tipo de experiência é essa?”, questiona Henry James (2011, p. 22), onde começa e termina? Escrever sobre aquilo que conhece é uma das máximas mais repetidas em oficinas literárias e cursos de escrita. A premissa, de fato, é válida, entretanto, pode ser mal compreendida. Afinal, que experiência pessoal Kafka poderia ter utilizado para

escrever *A metamorfose*? Partindo dessa premissa, é necessário vivenciar a guerra para ser capaz de descrevê-la? O acúmulo de experiências pode, e deve, nutrir a escrita de literatura; se sou um especialista em física quântica, é muito mais fácil criar um personagem que assim o seja. Contudo, se for escrever sobre um personagem que é um coveiro, e não tendo a mínima ideia de por onde começar, o primeiro passo é a investigação: como alguém se torna um? Quanto ganha? Qual seu poder de compra? Como essa profissão pode impactar na personalidade? Com que tipo de pessoas se convive? Quais são as situações particulares de seu cotidiano? Nesse exercício, assim como Dourado no trecho citado acima, tomei notas, fiz esboços, e li coisas dos mais variados tipos de coisas que estão além do domínio da literatura. Isso é o exercício da pesquisa que quero comentar aqui.

Umberto Eco admite que demorou apenas dois anos para escrever *O nome da rosa* porque sua pesquisa de doutorado fora sobre a estética medieval. Ele esclarece: “(...) quando decidi escrever o romance, foi como se abrisse um grande armário no qual, durante décadas, vinha depositando meus arquivos medievais” (ECO, 2013, p. 15). Assim, se a experiência pessoal é distante, a pesquisa – e, com ela, a imaginação – deve capacitar e preencher essas eventuais lacunas. Escrever partindo do que conhece não significa, portanto, limitar-se aos frutos de sua experiência pessoal, ou fazer da literatura uma espécie de autobiografia disfarçada, mas, penso eu, escrever sobre aquilo que conhece designa a importância da pesquisa para consolidar o poder de persuasão da literatura.

Desse modo, precisava primeiro pesquisar mais sobre as distopias para aprofundar aquele argumento inicial: “em um futuro arruinado pela guerra, uma personagem enfrenta um governo autoritário que a proíbe de enterrar o irmão”. A pesquisa inicial se concentrou em estudar romances distópicos e, como aprimoramento desses estudos, também examinar as utopias. Além disso, para criação de personagens, tive que fazer uma pesquisa específica sobre a cultura pataxó. Falarei, então, um pouco desses dois assuntos e de como eles se relacionam com meu romance.

2.2.1. Distopias

A primeira utilização do termo distopia, segundo Richard Trahair em *Utopias and Utopians: an historical dictionary* (1999, p. 110), foi realizada por John Stuart Mill durante um discurso ao Parlamento Britânico em 1868. Em um debate sobre a questão irlandesa, acerca do domínio britânico dessas terras, Mill teria atacado seus adversários políticos dizendo que as ideias defendidas por eles seriam ilusórias – e demasiadamente ruins para serem praticadas. O vocábulo, nos séculos seguintes, seria utilizado para descrever as narrativas literárias substitutas das utopias. Chamada também de antiutopia ou utopia negativa, a distopia situa-se em um lugar, geralmente futurista, que extrapola, de maneira negativa, o *status quo* (FERREIRA, 2015, p. 68).

Apesar dessa diferenciação, utopia e distopia não são, necessariamente, contrárias, pois não se trata igualmente de realidades futuristas (FERREIRA, 2015, p. 71). E a etimologia auxilia nessa compreensão: o termo grego “topia” significa “lugar”, enquanto o “u” é uma negação. Portanto, o vocábulo *utopia* significa o “não lugar”. Partindo também de “topos”, referente a um lugar comum, a distopia é um lugar de dor e sofrimento – e o termo “dis” abarcaria esse significado. Segundo Julio Bentivoglio (2019, p. 326), esse prefixo também remete à dualidade, ao afastamento, ou à negação. Ou seja, ao menos etimologicamente, um “não lugar” não poderia ser o oposto de um “lugar ruim”. A distopia seria, na verdade, o contrário de *eutopia*: o “eu”, também em grego, significaria “bom”, belo”. Assim, neste caso, tratar-se-ia de um “lugar bom”. Enquanto este realizaria as aspirações locais, a distopia se caracteriza negativamente como um “lugar ruim”. Entretanto, apesar da divergência postulada pela etimologia dos termos, tornou-se de uso corrente a dualidade entre utopia e distopia. A primeira é representante de uma visão positiva frente à superação da realidade, por outro lado, a última revela uma desesperança em relação ao futuro. Ainda assim, há um princípio comum: ambas partem de visões maniqueístas de mundo. A realidade é sempre homogênea: ou totalmente boa, ou totalmente má (SZACHI, 1972, p. 119).

No posfácio de *1984* escrito por Erich Fromm, publicado em 1961, é demarcada a seguinte trilogia clássica de utopias negativas: *Nós*, de Zamyatin, *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, e *1984*, de George Orwell. Em comum, a expressão do sentimento de impotência e desesperança do mundo moderno em contraste com a autoconfiança e a esperança do homem pós-medieval das utopias clássicas. Para Fromm

(1961, p. 369), essa mudança representa um paradoxo: quando, no início da era industrial, o homem não possuía os recursos e os equipamentos para que todos pudessem comer igualmente e para que a fome fosse minimizada a partir da produção e da distribuição adequada de recursos, a esperança de dias melhores ainda existia. Entretanto, no momento em que as antigas esperanças poderiam se concretizar já que pudemos superar a necessidade da guerra com o desenvolvimento da tecnologia, o homem começou a perdê-las. De modo diferentes, cada obra tentaria responder a esse paradoxo.

Além disso, na visão de Fromm (1961, p. 369), o que os livros dessa trilogia apresentam em comum é questionar se a natureza do homem³ pode ser modificada a tal ponto que sejam esquecidos ideais como liberdade, dignidade, integridade ou sentimentos como o amor e a compaixão. Em *Nós*, uma cirurgia cerebral é realizada para esse fim; na obra de Huxley se conta com condicionamentos psicológicos, drogas e reprodução artificial de seres humanos; em *1984* encontramos a vigilância, a tortura e a lavagem cerebral. A conclusão é, portanto, que reinventar o homem é possível de modo a desumanizá-lo por completo e que, ainda assim, a vida continua – mas os meios para isso são sempre invasivos (FROMM, 1961, p. 377). Dessa forma, as distopias clássicas representam, de distintas formas, a escalada de ditaduras e a implantação de um regime de total controle dos membros de sua sociedade.

A postura “antitotalitária” dessas distopias ao denunciar o *total controle* sobre a vida dos indivíduos diverge da expressão da *totalidade positiva* das utopias clássicas. Como disserta Evanir Pavloski (2005, p. 49), há uma constante problemática na criação de universos utópicos: a estrutura modelar de sociedade costuma acarretar um rígido controle das ações individuais com o objetivo de alcançar a estabilidade social. Como exemplos, o autor descreve como, em *República*, Platão detalha o controle das roupas, dos cortes de cabelo e até das formas de entretenimento por guardas do regime. Francis Bacon, em *A Nova Atlântica*, também expõe como a vida dos cidadãos é vigiada por uma instituição chamada Casa de Salomão. Dessa maneira, com a necessidade de homogeneização dos indivíduos, “a perda da individualidade seria o preço a ser pago pela concretização da utopia e pelo benefício do grupo” (PAVLOSKI, 2005, p. 49). Este foi um ponto que me incomodou: se meu desejo era fazer uma utopia no segundo

³ O autor não oferece justificção do que compreende como “natureza humana”, assim, compreende-se aqui uma concepção genérica do termo.

capítulo do livro, não poderia cair no erro de reivindicar o total controle de seus membros – isso deveria recair em meu capítulo Nova Democracy e, em contraste, a utopia dos Acotirenes representaria a outra face da liberdade. De todo modo, criei o ambiente distópico da primeira parte do romance baseado em algumas dessas leituras e discussões. A partir delas, foram estas as características principais que listei em meu planejamento:

a) Distopia do neoliberalismo: a distopia opera no sentido contrário ao da utopia pois se esta acredita em sua visão particular de mundo e tenta apresentá-la como viável, aquela se ocupa com os ideais dos adversários com o objetivo de corrompê-los e, como consequência, desacreditá-los (SZACHI, 1972, p. 118). No entanto, a questão não pode ser encerrada de forma tão simplória quando analisadas as narrativas literárias. Pode-se questionar, por exemplo, como esse argumento se encaixaria em *Admirável mundo novo*, de Huxley? Que visão de mundo estaria deturpada? Ou, ainda, que inimigo se deseja desvirtuar? Nessa obra, uma conclusão possível é o perigo do uso da tecnologia como ferramenta de controle social. A distopia, em vista disso, desmascara as possíveis consequências do contexto histórico em que é inserida quando amplia o mal de sua realidade e, de forma paradoxal, busca a valorização de seu oposto (SZACHI, 1972, p.120).

Se Huxley realiza uma crítica ao controle e à ausência de liberdade e de escolha dos indivíduos, infere-se que uma situação antagônica a essa seja desejável. Contudo, como não está explícita a visão do que seja essa *realidade melhorada*, nem como escapar da situação deplorável vivida pelos personagens, outra característica das utopias negativas se revela: a falta de soluções para os problemas apresentados. Ressalta-se um radicalismo do perigo iminente, entretanto, não são oferecidos ideais contrários aos criticados (SZACHI, 1972, p. 122). Manifesta-se a necessidade de um mundo melhor, embora imaginado por aqueles incapazes de descobrir como concebê-lo (SZACHI, 1972, p. 123). Com essa característica, a função de uma utopia negativa é uma diagnose do tempo presente e dos caminhos tomados pela humanidade. Funcionaria como um alerta, em forma muitas vezes caricatural, de rumos temerários da realidade. Nesse sentido, aproximam-se utopia e distopia pois a “consciência do mal abre o caminho do sonho” (SZACHI, 1972, p. 123). Ou seja, assim como a utopia revelaria possibilidades de uma vida melhor e justa, a distopia, em sua denúncia, despertaria a necessidade de repensar e construir novos caminhos – apesar de não anunciar quais seriam estes.

A luta de ideias políticas que podem surgir do *alerta do perigo iminente* de uma narrativa distópica se resume na frase: a utopia de alguns é a desgraça de outros. E disso resulta outra possibilidade para a luta ideológica que

pode ser feita tanto pela oposição dos próprios ideais aos ideais alheios, como pela apresentação dos ideais adversários deturpados de tal maneira que apareçam como repulsivos: uma apresentação que expõe tudo aquilo que, no contexto de uma certa cultura, torna aquelas ideias inaceitáveis. Esta é a operação básica das assim chamadas utopias negativas ou, pelo menos, de um bom número delas (SZACHI, 1972, p. 116).

Se, por exemplo, há uma utopia comunista que ameaça a propriedade privada, a distopia afirmará “que no comunismo ninguém terá sequer uma escova de dentes particular” (SZACHI, 1972, p. 116). Em *A revolta de Atlas*, publicado em 1957, Ayn Rand apresenta uma obra que serve de exemplo. O livro apresenta um Estados Unidos tomado por um governo progressista e corrupto, além de extremamente controlador e regulamentador das empresas e de suas relações comerciais e financeiras. Nesse futuro indeterminado, a situação econômica do país está em colapso. Em nome do bem em comum, o governo confisca empresas lucrativas; como consequência, a crise se agrava. Os grupos bem-sucedidos, na escassa liberdade econômica que lhes resta, ainda são sobretaxados em nome dos mais pobres e pouco conseguem produzir. Assim, em nome da coletividade, o Estado é levado à própria ruína. Com essas posturas, é visível a crítica aos sistemas socialistas e o alerta de perigo econômico e financeiro dos países que assumiriam tais métodos. Em nome dos mais pobres, como a autora descreve em seu romance, o Estado – em atitude altruísta – age de forma imoral contra a propriedade dos mais afortunados. As consequências econômicas disso resultariam em uma situação apocalíptica e sem salvação. Assim, Rand, em sua narrativa ficcional, deturpa os ideais marxistas para, em forma caricatural, renegá-los.

Em *A Nova Ordem*, Bernardo Kucinski consegue um efeito semelhante: estamos em 2019 e o Brasil é dominado pela Nova Ordem, denominação de um regime que tem como marca a eliminação dos adversários, chamados de utopistas, e emprega privatizações em larga escala, bem como explora ao máximo os trabalhadores enquanto elimina benefícios sociais como o Bolsa Família. O leitor toma conhecimento dessas políticas a partir da leitura das notas de rodapé que sintetizam os editos, leis que sentenciam o desmantelamento de estado de bem-estar social e a perseguição de utopistas e demais opositores. Logo na primeira nota, tomamos conhecimento da Economia Neoliberal Coercitiva (ECONEC), implantada pelo Edito 2/2019, que

estabelece uma série de medidas como, por exemplo, a extinção do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), privatização de banco e autarquias, além de extinção o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) e de todos os benefícios sociais ao idoso pobre e ao deficiente físico (KUCINSKI, 2019, p. 10).

Ora, o encolhimento do estado e o clamor pela individualidade e pela soberania do livre mercado é a utopia dos liberais. Friedrich Hayek é, talvez, um dos economistas mais famosos da escola austríaca de pensamento econômico responsável pela defesa dessas ideias. Em *O caminho da servidão*, publicado em 1944 e, portanto, datado dos fins da Segunda Guerra Mundial, o filósofo aproxima comunismo e fascismo no que diz respeito ao planejamento estatal e à criação de um *estado totalitário* – aqui, a suposta liberdade dos socialistas se demonstra como, na verdade, o caminho da servidão (HAYEK, 2010, p. 49). Nessa visão, o planejamento estatal impõe um coletivismo que sufoca o indivíduo e, como consequência, acarreta a perda do controle da vida privada, determinando nossos prazeres e necessidades, além de controlar e prescrever o que e como consumir (HAYEK, 2010, p. 100). Em oposição a esses regimes totalitários, a doutrina liberal reconhece que “onde exista a concorrência efetiva, ela sempre se revelará a melhor maneira de orientar os esforços individuais” (HAYEK, 2010, p. 58). Em síntese, Hayek (2010, p. 107) critica as ideias defensoras do bem comum e, com isso, as políticas de bem-estar social, porque a interferência estatal se aproxima do coletivismo, que dialoga com o totalitarismo e, por fim, restringe a liberdade econômica e sufoca o livre mercado.

A novela de Kucinski funciona como uma distopia que combate às ideias do neoliberalismo ao revelar o lado mais podre da realidade brasileira: o desmantelamento do estado serve – ainda que justificado em nome da eficiência e da liberdade como preconizam seus defensores, tais como Hayek – aos poderosos enquanto se maximiza a exploração da classe trabalhadora em nome do lucro. Por outro lado, um liberal é capaz de argumentar: “isso não é liberalismo, é deturpação” do mesmo modo como comentei o romance de Rand, “isso não é comunismo, é deturpação”. Novamente, a utopia de alguns é a desgraça de outros e, no caso de *A Nova Ordem*, converte-se essa visão promissora da liberdade econômica em sofrimento. Então, há deturpação das ideias liberais ou apenas é revelada sua verdadeira essência? Como o leitor pode pressupor após ler o romance desta tese, defendendo a segunda opção, mas sei que o debate político avança ainda mais em sua complexidade teórica, afinal, pode-se argumentar que sequer

o modelo visado pelo neoliberalismo desejaria esse estado caótico, entretanto, ainda que tais políticas pavimentassem a possibilidade da catástrofe na ascensão de regimes autocráticos e de figuras notáveis como representantes da extrema direita, seria esta sua criação frankensteiniana, tal como defende Wendy Brown (2019, p. 19). De todo modo, e retomando ao que realmente interessa, a maneira como essas leituras estão presentes em meu processo criativo é o que quero expor aqui.

Meu romance dialoga com *A nova ordem* enquanto possibilidade crítica do modelo neoliberal, sendo inegável a aproximação devido ao tema e ao momento histórico, ainda que com notáveis diferenças em sua elaboração, como, por exemplo, a narração mais próxima aos dominadores no mundo ficcional de Kucinski. Concordando com Brown (2019, 32), penso o neoliberalismo como o conjunto de políticas que privatiza os serviços públicos e reduz o Estado social, a exemplo do que fez Augusto Pinochet no Chile, mas também penso na maneira como a ideologia do livre mercado faz coabitarem princípios de governo e transforma os indivíduos em *sujeitos da competição*. Se na primeira abordagem prevalece uma leitura marxista focada nas instituições e relações econômicas, na segunda, dada a partir da reprogramação do liberalismo de Michel Foucault, privilegia-se a mudança de valores e da produção de subjetividades. Na apreciação de Brown (2019, p. 31-32), as duas leituras são complementares. A partir disso, sustento que o neoliberalismo não é só um modelo socioeconômico porque acarreta também uma mudança na subjetividade: o corpo social é desmantelado e os indivíduos, que não mais se enxergam enquanto trabalhadores, são “empreendedores” de si mesmos; o que reforça as palavras da *queridinha* dos liberais, Margareth Thatcher, “Economia é método. O objetivo é mudar o coração e a alma” (SAFATLE, 2020, p. 17).

De fato, a linguagem de mercado, as trocas comerciais e a busca hedionda do lucro corroem nossas relações interpessoais: a relação de Cibele com Erdefim é centrada no jogo de interesses – *o que eu ganho com isso? O que você tem a oferecer?* Nas cenas finais, a pergunta “depois de tudo que investi em você?” ganha peso na elaboração da subjetividade neoliberal que pretendi esmiuçar, ainda mais com a familiaridade do verbo “investir” no cenário da bolsa de valores. Além disso, a individualização da responsabilidade pelo fracasso social, gerido em nome da suposta liberdade econômica e tanto pelo apagamento dos compromissos do Estado quanto pelo disfarce dos interesses de uma pequena burguesia, como se residisse apenas no indivíduo – ou seja, na classe trabalhadora – a culpa pelas impossibilidades de saciar as próprias

necessidades, também aparecem nas falas de Cibele durante o primeiro capítulo. A personagem assimila a competição como fator natural e é por isso que estranha que não haja um eleito o melhor aluno da turma na escola dos Acotirenes. Somado a isso, o sonho de ser uma empreendedora nada mais é do que o breve saciar da própria exploração, a demagogia barata de que todos podem “vencer na vida” caso se esforcem o suficiente; ademais, a fantasia de futuro dela em sua vivência na Nova Democracy é uma catalogação de mercadorias cujo objetivo é reforçar a redução da vida ao consumo. Por fim, a corrupção dos conceitos de liberdade, igualdade, propriedade e família – palavras caras que reforçam os mecanismos de controle – formam os alicerces dessa sociedade e, por extensão, nomeiam os subcapítulos de Nova Democracy.

b) Linguagem e controle do passado: “a língua é a arma para a estrutura distópica do poder reinante” (MOYLAN, 2016, p. 82). Um exemplo disso é a Novafala de 1984 que restringe o vocabulário até que o próprio conceito seja impensável, como evidencia o seguinte trecho da fala da personagem Syme para o protagonista Winston:

Depois que acabarmos, pessoas como você serão obrigadas a aprender tudo de novo. Tenho a impressão de que você acha que nossa principal missão é inventar palavras novas. Nada disso! Estamos destruindo palavras – dezenas de palavras, centenas de palavras todos os dias. Estamos reduzindo a língua ao osso. (ORWELL, 2009, p. 67).

Tal como o poder que a Novafala exerce no controle dos pensamentos, pensei em elaborar uma linguagem que manifestasse esse domínio. E daí veio a ideia de inserir os termos em inglês. Além de algumas falas de Erdefim, as palavras “liberdade”, “igualdade”, “propriedade” e “família” também estão nesse idioma pois performatizam a submissão e importação desses conceitos do dominador EUA.

Na obra de Orwell, é por meio dessa nova língua que o passado é reescrito a mando do poder e quantas vezes forem necessárias. Contudo, quando os sujeitos distópicos recuperam a linguagem, retomam também a capacidade de questionar a realidade e, como consequência, podem também indagar o poder hegemônico e se apoiar em verdades alternativas para compreender o passado (MOYLAN, 2016, p. 83). Inspirando-me nessa leitura, em meu romance, é quando Cibele recupera a memória, mas principalmente a linguagem pataxó, que ela consegue questionar a realidade que a Nova Democracy lhe apresentava.

c) Chip para controle populacional: a ideia pode não ser inovadora, mas a realidade me motivou a ir por este caminho. O chip é inspirado na empresa Neuralink, projeto financiado por Elon Musk, um dos homens mais ricos do mundo. Segundo o site oficial, este seria um ponto de partida para um novo tipo de interface cerebral, responsável por aumentar os canais de comunicação com o cérebro. O objetivo inicial seria o de recuperar a independência de pessoas com paralisia por meio do controle de computadores e dispositivos móveis; e isso aparece também no romance.

d) Uberização do trabalho, individualismo e meritocracia: como não são cidadãos, e não usufruem dos direitos como os demais, os refugiados – brasileiros desterrados no próprio país – são a maximização do trabalho precarizado. Além disso, valores individuais e meritocráticos são fortemente expostos na obra por meios de seus produtos culturais – aqui, o programa *Reality Cidadania Show* ganha destaque. A cada semana, sete imigrantes são convidados a *entrar na casa mais vigiada do país*, e apenas um deles, o que reforça o individualismo, e através de seu mérito, torna-se o vencedor. Outros produtos culturais, como as músicas, compõem essa indústria cultural.

e) Acotirenismo cultural baseado no marxismo cultural: para o marxismo cultural, a Escola de Frankfurt se dedicou a destruir a cultura judaico-cristã. Nessa visão conspiratória, a mídia e a cultura são controladas por agentes marxistas e, como consequência disso, a base cultural e religiosa da dita cultura ocidental estaria em ruína (METEORO BRASIL, 2019, p. 75-77). No romance, o termo acotirenismo cultural é baseado nessa teoria da conspiração da extrema direita que esteve tão em voga nos últimos anos e serviu como justificativa para os constantes ataques às universidades e à imprensa, pois essas estariam cheias de comunistas.

Olavo de Carvalho (2014, p. 162), um dos divulgadores mais famosos dessa teoria, defende que o marxismo cultural é predominante nas universidades, nos livros, nos filmes, enfim, em toda a produção cultural brasileira. Essa hegemonia objetiva doutrinar o povo para possibilitar a tomada de poder pelos socialistas; por isso, é tão importante perseguir os intelectuais, os artistas e qualquer um divulgador dessas ideias. De acordo com Michel Goulart da Silva (2020, p. 3), ainda que essas visões tenham chegado ao poder de forma mais contundente com a eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018, outros autores como Jorge Boaventura, colaborador da Escola Superior de Guerra e do Ministério da Educação durante a ditadura, em seu livro *Ocidente traído* (1980) já

anunciava sobre os perigos da mudança tática dos comunistas que não mais concentravam apenas na luta armada, mas adentravam os meios de comunicação. Por outro lado, poderíamos ir muito mais longe na história: na Alemanha dos anos de 1930, o termo “bolchevismo cultural” era usado pelo partido nazista para perseguir intelectuais e artistas. Essa semelhança, portanto, não pode ser ignorada. De todo modo, o fantasma do marxismo cultural parece ter sua própria história, e dado a importância de uma justificativa plausível para suprimir as liberdades individuais e perseguir o inimigo interno, considere como um traço que deveria inserir na distopia.

Com esse objetivo, criei o professor Ernesto Vélez, uma mistura de dois nomes: Ernesto Araújo e Ricardo Vélez Rodríguez, ambos ministros de governo durante a presidência de Jair Messias Bolsonaro. Em comum, representam a influência de Olavo de Carvalho, escritor cujas ideias, a respeito do Marxismo Cultural e o Multiculturalismo, inspiram o ambiente conspiratório e o medo contra os Acotirenes presentes neste romance. No blog pessoal do ministro das relações exteriores, segue-se este exemplo sobre o assunto:

Quero ajudar o Brasil e o mundo a se libertarem da ideologia globalista. Globalismo é a globalização econômica que passou a ser pilotada pelo marxismo cultural. Essencialmente é um sistema anti-humano e anti-cristão. A fé em Cristo significa, hoje, lutar contra o globalismo, cujo objetivo último é romper a conexão entre Deus e o homem, tornando o homem escravo e Deus irrelevante (ARAÚJO, s.d).

Outra fonte inesgotável para a criação da retórica conspiratória do romance é o site do Instituto Mises Brasil. A matéria “O marxismo cultural e o politicamente correto contra o povo – quem vence?”, de autoria de Antony Mueller, é um exemplo no qual me inspirei. Vale citar um trecho:

Os socialistas de hoje praticamente abandonaram a velha retórica da "luta de classes", a qual envolvia uma batalha entre as classes capitalistas e proletárias. Há agora uma nova batalha, a qual opõe "opressores" a "oprimidos". As classes oprimidas incluem os grupos LGBT, os negros, as feministas, os imigrantes, os "não-assimilados culturalmente" e várias outras categorias consideradas mascotes. Já a classe opressora é formada majoritariamente por homens e mulheres cristãos, brancos e heterossexuais, de qualquer profissão (empregado ou empregador), que não sejam ideologicamente simpáticos ao socialismo. A criação desta nova luta de classes é o cerne do "marxismo cultural" (MUELLER, 2018).

Então, na primeira parte do romance, os Acotirenes representam esse inimigo, são minha versão literária do marxismo cultural. Na segunda parte do romance, tal imagem

será tensionada. Os Acotirenes são, sim, um grupo revolucionário, mas fora dos adjetivos criados pela Nova Democracy, como a de serem pedófilos e perigosos.

2.2.2. Utopias

O termo utopia é criado com a obra *Libellus vere aureus, nec minus salutaris quam festivus, de optimo rei publicae statu deque nova insula Utopia*, ou, em tradução livre do latim: *Livreto deveras precioso e não menos útil do que agradável sobre o melhor dos regimes de Estado e a ilha da Utopia até hoje conhecida*, publicado em 1516, de Thomas Morus. Do longo e emblemático título, restou o neologismo baseado em termos gregos. Como explica Vitor Vieira Ferreira (2015, p. 66), esse novo vocábulo significaria um duplo movimento de afirmação e de negação: a existência paradoxal de um território e não-lugar – ou seja, de um lugar inexistente. Nessa obra de Morus, tida como uma narrativa de viagem, a personagem Rafael Hitlodeu descreve um lugar de organização sócio-política exemplar. Realiza-se, então, a utopia como “a negação do lugar, o lugar da negação: lugar-outro” (LIMA, 2008, p. 16).

Porém, como explica Marilena Chauí (2008, p. 7), a palavra utopia “passou a ser empregada para designar narrativas e discursos muito anteriores, como, por exemplo, a cidade ideal na República de Platão”; nesse caso, há uma cidade dividida em classes sociais que desempenham diferentes funções e, coesamente, mantêm a ordem social. A discussão filosófica se manifestaria em outros pensadores no decorrer da história, como Thomas Munzer, teólogo alemão do século XVI. O interessante desse autor é a sua visão do campesinato como uma força capaz de transformar a sociedade contra a opressão dos príncipes da época, visando, a partir disso, uma ação efetiva de transformação da realidade em um contexto utópico de liberdade. Outro pensador importante no pensamento utópico seria Jean-Jacques Rousseau, autor da famosa obra *Do contrato social* publicada no século XVIII. Como afirma Jerzy Szachi (1972, p. 120), o filósofo suíço “formulou por um lado uma utopia positiva da vida rural, e, por outro, articulou uma utopia negativa sob a forma da cidade como um grande deserto que aniquila os sentimentos humanos autênticos”. Desse modo, percebe-se como o termo utopia passou a compreender obras não só literárias – o livro *A cidade do sol* de Tommaso Campanella seria outro exemplo – mas também se proliferou no discurso

filosófico, a partir de Platão, e até mesmo político, com base em algumas leituras das obras de Rousseau. De todo modo, em comum a esses diferentes projetos, uma visão idealizadora da superação dos distúrbios e disfunções que condena leva a mesma conclusão: outra sociedade melhorada é possível. Ou seja, “só pode haver utopia quando se considera possível uma sociedade totalmente nova e cuja diferença a faz ser absolutamente outra” (CHAUÍ, 2008, p. 7).

No estudo de Carlos Lima, em seu *Genealogia dialética da utopia* (2008), são propostos três paradigmas de estudo da utopia: primeiro, a cidade dos sábios em Platão e Aristóteles; segundo, a utopia associada à literatura em Thomas Morus e sua concretização em Thomas Munzer; e, em terceiro, a utopia do cidadão de Jean-Jacques Rousseau e sua relação com a utopia revolucionária de Karl Marx. Assim, seus três recortes são dicotômicos. Após uma síntese não-conclusiva, o autor propõe o paradigma de uma poética da utopia que começaria, na modernidade europeia, com Jean-Arthur Rimbaud e, na América Latina, teria como expoentes o poeta peruano César Vallejo e o brasileiro Mário de Andrade.

Esse livro de Lima (2008) me auxiliou a organizar as investigações. No entanto, em meu estudo e sistematização, fui bem mais pragmático e considerei apenas Platão, Morus, Rousseau e Marx. Dessa maneira, formulei quatro paradigmas: a utopia da cidade governada por filósofos na Antiguidade Clássica por meio do estudo do diálogo platônico da obra *A República*; o paradigma da ilha utópica inaugurada na produção literária de Thomas Morus na época do Renascimento inglês; a utopia da vontade geral fundada na obra política de Rousseau; e, enfim, o paradigma da revolução de Marx. Em comum, tentei compreender como cada obra manifesta o utopismo. Assim, ao compreender como diferentes épocas recriaram seus próprios paradigmas de uma sociedade melhor – e, dentro dela, quais são e como funcionariam os seus “possíveis essenciais” –, sistematizei minhas leituras a partir da dialética do movimento do conceito em perspectiva histórica (LIMA, 2008, p. 21). A partir disso, construí a comunidade dos Acotirenes a partir das seguintes características gerais e inspirações:

a) A utopia do fim do capitalismo: a comunidade se organiza de modo que o produto do trabalho de seus membros seja socializado e, com isso, dá-se o fim da propriedade privada dos meios de produção. Assim, com referência imediata às ideias de Karl Marx, ao permitir que as necessidades básicas de todos sejam saciadas, seus membros são

livres para exercer quais funções forem próprias a sua personalidade. Para tanto, pensei em um processo de escolarização cujo currículo fosse atrelado às necessidades da comunidade – por isso os estudos de soberania hídrica e alimentar, por exemplo – bem como na liberdade de escola individual em qual caminho fosse ser seguido, sendo que todos são livres e iguais para o escolher; embora Rafael manipule, de certa forma, Cibele, para tal fim e o leitor possa questionar os limites e pressupostos de tal liberdade de escolha para os demais membros da comunidade.

Não imagino, portanto, a comunidade dos Acotirenes como o lugar perfeito e solucionador de todos os problemas, proposta essa que seria até inverossímil dada a conjuntura de ser uma comunidade que resiste a ataques bélicos e sobrevive isolada, mas dentro de uma ditadura. Apesar disso, desejava uma comunidade que contrastasse com a ditadura do primeiro capítulo e que, tal como no funcionamento das utopias do passado, superasse, em certa medida, os problemas discutidos em sua elaboração, que, no meu caso, reside, por exemplo, na subjetividade neoliberal.

Assim, de modo a esmiuçar os detalhes de como organizar modelos diferenciados de governo, baseei-me na dissertação de mestrado *Revolução e democracia: o poder popular em Cuba* de Hélio Marcos Prates Doyle, naquilo que diz respeito à organização do Partido Comunista Cubano. Ademais, a forma particular de organização democrática fora baseada em várias publicações do site organizado pelo *Centro de Estudos da Política Songun* – Brasil, organização responsável pelo estudo da política de valorização dos aspectos militares adotada pela República Popular Democrática da Coreia, como o texto “Entenda como funcionam as eleições na Coreia do Norte” (2019) e “A Coreia do Norte é uma ditadura?” (2020). Meu foco nesses textos se deu nas eleições de caráter indireto e na forma de organização de uma Assembleia Popular Suprema desse país para a manutenção de uma Sindicância Unipartidária.

Para Brown (2019, p. 66), “é um sinal do triunfo da razão neoliberal o fato de que, nas décadas recentes, a gramática do social, incluindo sua importância para a democracia, tenha desaparecido largamente das visões da esquerda”. Para consolidar essa afirmação, a autora chama a atenção para a capacidade de imaginar futuros arruinados, fascistas e autoritários, contudo, parece impossível inventar novas possibilidades de governos democráticos para o século XXI (BROWN, 2019, p. 65). A máxima “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo”, subtítulo do livro *Realismo*

capitalista de Mark Fisher, ecoa pelas palavras de Brown. De fato, com o debate teórico acerca do totalitarismo e de sua aproximação com o utopismo, como o fez Karl Popper em *A sociedade aberta e seus inimigos*, as atrocidades às quais se reduziram o stalinismo e a queda da união soviética, parte da esquerda, amparada no discurso do fim da história, considerou como intransponível a criação de uma nova realidade que não seja aquela dentro do próprio capitalismo (JACOBY, 2001, p. 29-30). A esquerda radical recuou e aqueles que falavam de libertação do trabalho ou de sua abolição, falam, hoje, de pleno emprego e recapacitação para o mercado (JACOBY, 2001, p. 39). O problema em questão, evidentemente, é muito mais complexo, mas torna uma constatação possível: o empobrecimento no que pode ser chamado de imaginação ocidental (JACOBY, 2007, p. 30-31).

Com essas leituras, notei a possibilidade de acrescentar, de algum modo, que outra forma de sociedade é possível: uma que seja autogerida pelos trabalhadores na satisfação das próprias necessidades e que não seja ditada por um pequeno grupo de acionistas. Uma vida para além da forma mercadoria e que transforme o uso da tecnologia em benefício de todos. Nela, não se trabalha para enriquecer, sequer ilusões do consumo estão presentes, mas o trabalho é visto como uma forma de contribuir na qualidade de vida da comunidade – e, evidentemente, na própria preservação frente aos desafios e ataques da Nova Democracy. Para isso, uma nova concepção de humanidade é necessária e, com ela, uma nova linguagem que torne obscuro o latifúndio e insira a revolução como o fundamento de uma nova subjetividade.

b) Fim do conceito mononuclear de família: as famílias são organizadas de modo privativo e é comum o casamento grupal, ou seja, pode-se compartilhar a vida com mais de duas pessoas, conforme o desejado. Há, portanto, famílias centradas em um casal, mas não apenas formações desse tipo, porque nem a monogamia, muito menos a heterossexualidade, são regras. Afinal, não existe herança, tampouco propriedade privada a ser preservada e transmitida para gerações futuras. Como explica Engels (2019, p. 67),

a monogamia foi a primeira forma de família que não se fundou em condições naturais, mas em condições econômicas, a saber, sobre a vitória da propriedade privada sobre a propriedade comum primitiva, de origem natural. Soberania do homem na família e geração de filhos que só podiam ser dele próprio e estavam destinados a ser herdeiros de suas riquezas – estes eram os fins exclusivos do casamento monogâmico, declarados abertamente como tais pelos gregos.

Ninguém na comunidade compartilha da ideia de enriquecer, muito menos do sentimento de consumo como sinônimo de felicidade, como é o modo de vida na Nova Democracy, e isso também interfere na organização familiar. Assim, a ideia de relação familiar também é algo novo: é comum que um filho vá morar com diferentes pessoas que não foram suas genitoras, porque pode, por exemplo, nutrir um interesse especial em tornar-se um artista e deseja morar com alguém que o seja. Desse modo, a ideia de pai e filhos é expandida: diferentes gerações se chamam dessa mesma nomenclatura, sendo, desta maneira, aplicado um conceito mais geracional do que puramente biológico. Isto é, os filhos sabem quem são seus pais biológicos, e convivem com eles em sua primeira infância, entretanto, o conceito de família se expande por toda a sociedade. Uma criança convive com outras que lhe são iguais e todas se tratam comumente como se fossem irmãos do mesmo modo que pode chamar de pai ou mãe diferentes pessoas mais velhas. No romance, pretendo desenvolver a ideia da naturalidade dessa nova formatação familiar: com os primeiros ataques da Nova Democracy, muitas crianças tornaram-se órfãs, sendo criadas totalmente na escola. Cada vez mais, era comum que novos responsáveis substituíssem os pais biológicos mortos em batalha.

c) Fim do marcador social de gênero e de etnia/raça: seus membros não se distinguem por esses critérios. Com isso, não quero dizer que ocorre a negação das diferenças intrínsecas entre um homem e uma mulher, contudo, os papéis sociais marcados pelo patriarcalismo, em suas manifestações androcáticas e androcêntricas, é que são descartados.

d) Organização social pautada na vontade geral: pretendi que essa comunidade tivesse uma organização social inspirada em Rousseau, nas obras *O contrato social* e *A origem da desigualdade entre os homens*, em que o bem social prevalece sobre as individualidades, as necessidades e os anseios particulares de certos grupos. Isso se dá pela manutenção da *vontade geral* que é considerada como “sempre reta e tende sempre à utilidade pública” (ROUSSEAU, 2018, p. 43), dito de outra maneira, seria a encarnação do bem público com o direcionamento para as melhores decisões para todos. O povo, desse modo, sempre desejaria o bem comum – e teria condições para o diferenciar de outros males. Com essas considerações, Rousseau (2018, p. 43) constata que “nunca se corrompe o povo, mas o engana muitas vezes e é somente então que ele

parece desejar o mal”. Nesse ponto, é necessário diferenciar a “vontade de todos” da “vontade geral” pois, enquanto esta se particulariza pelo interesse comum e visa ao bem de toda a comunidade, aquela considera o interesse privado e é caracterizada, portanto, como a soma dessas vontades particulares. Rousseau (2018, p. 43) complementa: se o povo for informado de maneira suficientemente clara acerca de suas decisões, e apesar do grande número de pequenas diferenças discrepantes de opiniões dadas pelas vontades de todos, o resultado é sempre a vontade geral.

e) A crítica do existente: como argumenta Max Horkheimer (1971, p. 91), as grandes obras utópicas do Renascimento são expressões das camadas submissas da sociedade que suportaram o caos da transição dos séculos XV e XVI entre formas econômicas distintas. A título de exemplo, na Inglaterra desse período viveram camponeses expulsos de suas terras, as quais seriam transformadas em grandes campos destinados ao pasto de ovelhas; sem alternativa, muitos deles se organizaram para roubar, e foram punidos com pena de morte. Esse quadro é minuciosamente descrito e fortemente questionado por Morus que, em contrapartida, desenvolve a sociedade em *Utopia* como alternativa para aquele caos. Para Horkheimer (1971, p. 97), quando estuda sobre a *Utopia*, entre a crítica do existente (a crítica à Inglaterra) e a proposta daquela que deveria existir (a sociedade imaginada por Morus), a mais importante é a primeira. Partindo disso, não pretendo que a sociedade utópica criada, como já o disse antes, apresente um paradigma de resolução para todos os problemas atuais. Afinal, se essa comunidade se prepara para uma revolução, admite-se que, por um lado, há limites para aquele modo de vida; por outro, uma coletividade isolada não pode sobreviver muito tempo devido às intervenções estrangeiras. Dado esse perigo iminente, somente a libertação total dos oprimidos daquele país poderia ser significativa.

f) A estrutura narrativa: optei por organizar alguns capítulos de “Acotirenes” em forma de diálogo tal como a obra de Morus – e com uma referência mais evidente, talvez, à *República* de Platão. Essas influências ficaram mais nítidas em algumas passagens, principalmente, nas conversas entre Rafael e Cibele. Em meu estudo, baseei-me no artigo “Entre a oralidade e escritura: a forma dialógica em Platão” de Deivid Junio Moraes, para traçar algumas das características que poderiam me inspirar. Considerei a maneira como Platão, segundo Moraes (2016, p. 122-123), não comunica a teoria acabada diretamente, mas constituiu os passos, chama atenção para os equívocos e

limites por meio do estímulo à reflexão; a atividade de pensar também não resulta da coerção do conhecimento exibido pelo mestre (2016, p. 127), mas é dada a partir de uma abertura para o diálogo que parte das primeiras impressões e das opiniões rasas para questioná-las (2016, p. 119). Em síntese, “o verdadeiro ataque da politeia platônica é contra a *doxa*” (LIMA, 2008, p. 25), isto é, a opinião comum, e é essa opinião que Cibele apresenta nos debates com Rafael.

2.2.3. Pataxós

Para elaborar as duas personagens centrais (Josefá e Miãgua), o livro *Lições de Baheté*, resultado de uma pesquisa da Comissão Pró-índio de São Paulo realizada em 1982 com a última falante da língua na época, foi consultado – há referência de uma personagem com o mesmo nome, Baheté. Além disso, a pesquisa *Cantos Tradicionais Pataxó na Língua Patxôhã*, de Cleidiane Ponçada Santana, desenvolvida pela Universidade Federal de Minas Gerais, serviu como base para os cantos entoados pelas personagens. Quanto aos aspectos culturais, como organização de casamentos, alimentação e moradia, usei *O povo pataxó e sua história* (1997), escrito pelos professores indígenas Angthichay, Arariby, Jassanã, Manguadã e Kanátyo; e o *Inventário Cultural Pataxó: tradições do povo pataxó extremo sul da Bahia* (2011), do Instituto Tribos Jovens. Minha pretensão era de visitar uma aldeia e participar, no ano de 2020, do evento Festival Intergalático dos Povos Originários, da aldeia indígena pataxó do Porto do Boi, em Caraíva, na Bahia. Contudo, com a pandemia, a visita não se tornou possível. Assim, minha pesquisa se deu com os livros e as pesquisas disponíveis na internet. Por exemplo, o irmão assassinado de Miãgua foi nomeado de Galdino, indígena pataxó-hã-hã-hã que foi brutalmente assassinado em 20 de abril de 1997, sendo queimado vivo enquanto dormia em um ponto de ônibus. No romance, a personagem também morre carbonizada.

O livro *Txopai e Itôhã* (1997) foi um marco para o desenvolvimento da história. Nele, Kanátyo Pataxó escreve e ilustra a história contada por Apinhaera Pataxó sobre o mito da criação do mundo e do primeiro pataxó. Narra-se que, no azul do céu, formou-se uma nuvem que precedeu a chuva. Quando o último pingo de água cai, transforma-se em um indígena. Sabedor das coisas da natureza, conhecia a época boa para plantar e pescar,

tudo em harmonia com o meio ambiente. Então, após um ritual, mais um dia de chuva – dessa vez, novos indígenas surgiram a partir dela, espalhando-se pela terra. Nesse momento, o primeiro a chegar diz que deveria partir e ir morar lá em cima no Itôhã, porque deveria proteger os outros. Ainda antes de partir, ensinou toda sua sabedoria aos demais, e disse seu nome: Txopai. Dos outros indígenas, surgiu o povo pataxó. Na página final dessa obra, a citação “Pataxó é a água da chuva batendo na terra, nas pedras, e indo embora para o rio e o mar” (Pataxó, 1997, p.23) ilustra o significado do termo, que representaria o barulho da água do mar batendo na terra lentamente: *pa – ta – xó*, funcionando, assim, como uma onomatopeia.

Foi quando li *Txopai e Itôhã* que tive a ideia para a cena final do romance: quando a revolução dos Acotirenes triunfa, e esse grupo consegue subir no ponto mais alto da Torre de Comunicação, as novas ondas emitidas caem como chuva, fazendo referência ao mito criador do primeiro pataxó. Aqui, a personagem Miãgua se reconecta com sua ancestralidade e se lembra do verdadeiro nome, aquele que lhe foi dado pela mãe quando vivia entre os povos indígenas: Miãga, termo para “água”. O leitor só descobrirá isto no final da narrativa: durante a maior parte da narração, a personagem será nomeada de Cibele, porque esse é nome que lhe foi concedido para viver na Nova Democracy. A personagem se esquece, contudo, de seu verdadeiro nome, o que denota também a perda da própria identidade.

Sobre esse termo, vale o registro da variação linguística para a palavra “água”, que pode ser encontrada em outras formas, como

unaã (no vocabulário conhecido pelos mais velhos), txonãg (no vocabulário usado pelo Pataxó de Minas, da lista de Kanatyó), txiäng (no vocabulário de Nimuendaju) também encontrado em Martius (1867) e Loukotka (1939); e nahã (no vocabulário coletado por Antônio Medeiro em 1936 entre os Pataxó Hã hã hãe). [...] A palavra miãga já era falada pelos mais velhos há muito tempo e todas as três já estavam sendo ensinadas nas escolas pataxó, (miãga, unaã) entre os Pataxó da Bahia e (txonãg) entre os Pataxó de Minas. Em alguns casos, as palavras foram ressignificadas, mas sem perder a essência do significado anterior. Ex: txiäng - água ficou como txiäng – água da chuva. Essa foi uma maneira encontrada pelo grupo de pesquisadores de poder aproveitar algumas palavras e ampliar o vocabulário (BONFIM, 2012, p. 75-76).

2.3. A escrita como um gesto inacabado

A experimentação é um espaço de possibilidades (Fortuna, 1995), em que diferentes formas ocupam este mesmo espaço por um tempo. Muitos escritores, por exemplo, relatam casos em que diferentes fins de seus romances coexistiram por algum tempo. Atores e atrizes retêm em suas memórias expressões faciais, modulações de voz ou gestos diversos para uma mesma fala, que serão testados durante os ensaios. São os momentos em que se convive com muitas possibilidades, mas alguns caminhos são escolhidos em detrimento de outros (SALLES, 2013, p. 151).

Cecília Almeida Salles, no livro *Gesto inacabado: processo de criação artística* (2013), investiga a criação artística em suas diferentes manifestações, como na literatura, no teatro e na música. Nesse estudo, citando o coreógrafo e dançarino francês Maurice Béjart, concebe que “o trabalho de criação não passa da perseguição a uma miragem” (SALLES, 2013, p. 36). Ou seja, embora planos sejam realizados, hipóteses são testadas e constantemente abandonadas – e outras miragens são perseguidas. Dessa forma, a criação é um estado de “contínua metamorfose: um percurso feito de formas de caráter precário, porque hipotético” (SALLES, 2013, p. 33). De fato, por vezes, sentia-me da mesma forma; perseguindo uma miragem, esboçando personagens e descartando hipóteses no desenvolvimento do enredo. Preciso falar um pouco sobre isso antes de dissertar sobre a técnica literária.

Em meus primeiros planos, considerei três personagens principais: Cibele, que se manteve, Kym e Oscar. No entanto, as duas últimas narrativas, centradas nesses dois personagens masculinos, foram cortadas de modo que aprofundi a relação entre Cibele e sua mãe, Hadassa. Nas primeiras versões do romance, era Oscar, um médico apresentado na metade da narrativa, quem adentraria a comunidade dos Acotirenes. Minha pretensão era a seguinte: um médico que salvava vidas iria sofrer uma transformação quando percebesse que, para realmente salvar alguém, outros deveriam morrer. Isso aconteceria quando ele abandonasse a vida na Nova Democracy e fosse participar da revolução dos Acotirenes. Cibele herda parte da narrativa de Oscar, visto que é ela quem adentra a segunda parte do romance.

Kym é uma ideia que abandonei: tinha a pretensão de narrar o desenvolvimento da ditadura – apresentando o espaço e as condições sociais antes da Nova Democracy existir – a partir do conceito de guerra híbrida desenvolvido por Andrew Korybko. Contudo, sobre esse personagem apenas consegui esboçar a narrativa, e acabei por

considerá-la irrelevante, excluindo-a totalmente. Isso ocorreu porque me concentrei no desenvolvimento das personagens pataxós e percebi que era esse o melhor caminho a trilhar. Antes, com tantas diferentes histórias, pretendia intercalar e alterar o ponto de vista e, também, o foco narrativo. Hoje, vejo isso como herança do olhar de contista, acostumado a contar histórias breves – inutilmente, tentei conectá-las, e desisti disso no meio do caminho. O desenvolvimento e o aprofundamento de minhas personagens centrais foi, na verdade, a decisão que motivou tantos cortes. Vale também apontar que abandonei esse plano no fim de 2020, ou seja, que sua duração foi de três anos. De fato, reescrevi todo o livro depois disso. E continuei a perseguir novas miragens.

Outro aspecto importante também foi me concentrar em uma distopia em território nacional e construída a partir da intervenção dos EUA. Isso não aparecia em momento algum nas primeiras versões do livro; todavia, pensar sobre a possibilidade de intervenção estrangeira, dada a atual conjuntura caótica de pandemia de Covid-19 a partir de 2020, pareceu-me muito mais sensato e, até mesmo, verossímil. Talvez, tenha sido também influenciado pelas leituras sobre neoliberalismo que realizei nos últimos anos, como o livro *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*, de Wendy Brown; ou o escrito *Balas de Washington – uma história da CIA, golpes e assassinatos*, de Vijay Prashad. Ademais, os subcapítulos da primeira parte do romance, ambientada na Nova Democracy, levam em consideração conceitos liberais: liberdade, igualdade e propriedade privada. Inseri, nessa tríade, a família, por considerá-la, em sua versão patriarcal e monogâmica, essencial na manutenção do modo de produção capitalista. Muito do que é dito no romance sobre esses conceitos é retirado de textos de Olavo de Carvalho, ou de publicações, novamente, do Instituto Mises Brasil.

2.4. Conteúdo literário: questões de Escrita Criativa

2.4.1. O método Assis Brasil

Durante o primeiro semestre de 2021, pude cursar, pela PUC-RS, a disciplina “Oficina literária I”, ministrada pelo escritor Luiz Antonio de Assis Brasil. Nela, fomos estimulados a planejar um romance em seus pormenores e, para isso, é proposta uma

metodologia de três etapas: a sinopse, o resumo e o resumo expandido – em meu caso, optei por chamar de resumo escalonado pois me pareceu mais fidedigno à proposta, como explicarei a seguir. Nesse método, consegui organizar melhor o romance e, de fato, replanejei tudo a partir dele. Acredito ser interessante utilizar os materiais que produzi para essa disciplina e, tendo isso exposto, passarei a discutir questões mais específicas da técnica literária.

Na sinopse, os alunos teriam que produzir uma síntese geral do enredo e resumi-lo em um breve parágrafo. Isso deveria ser feito a partir de uma lista de cinco perguntas, que são: quem é a personagem central? Como ela é interiormente? Qual a situação crítica? Qual é o conflito? E como termina? Assim, além de apontar aspectos essenciais da personalidade da personagem, poderíamos também apresentar aspectos de seus conflitos internos e dilemas, como pretendem a segunda e terceiras perguntas. Em seu livro *Escrever ficção*, é assim que Brasil (2019, p. 176) define esta etapa: “Sinopse é um enunciado instrumental de uma única frase, em que o ficcionista define o tema da narrativa, com a identificação da questão essencial da personagem e do conflito da história.”

Na segunda etapa, o resumo, deveríamos produzir um texto corrido detalhando melhor os acontecimentos do romance. Isso deveria ser feito em ordem cronológica, isto é, embora a narrativa possa manipular o elemento temporal, produzir narrações simultâneas, ou ser totalmente narrado em flashbacks, esse resumo deveria contar com os episódios postos em ordem de causalidade. Em síntese, “expandir uma sinopse significa transformar em eventos aquilo que está expresso de maneira abstrata na sinopse” (BRASIL, 2019, p. 178).

Enfim, na última etapa, o resumo escalonado deve apresentar um planejamento geral das cenas e sumários do livro. Desse modo, se o escritor dividiu o livro em capítulos, quais cenas devem ter no primeiro capítulo? E no segundo? Qual é a ordem em que esses acontecimentos devem ser narrados? Se no resumo o aluno-escritor deveria registrar o acontecimento em ordem cronológica, aqui, já deve pensar em como escreverá o livro a partir de cenas e sumários – e dispô-los, um a um, de forma *escalonada*. Enquanto no primeiro caso é narrado minuciosamente o momento da história com o objetivo de que o leitor tenha a sensação de vivenciar o relato, no sumário, produz-se uma síntese, citando elementos essenciais e gerais que capturem um

período temporal maior. Ou seja, a cena é uma ação falada e, geralmente, as personagens se apresentam, falam e pensam diretamente por meio dela. Já o sumário é panorâmico e tem o objetivo de condensar o tempo transcorrido; assim, pode ser narrado o que acontece em semanas, ou até mesmo anos, acentuando apenas as ações principais em poucas linhas (KOHAN, 2011, p. 37-38). Dito ainda de outra maneira, a cena mostra as ações e usualmente é escrita no presente do indicativo ou no pretérito perfeito (BRASIL, 2019, p. 180) e o sumário é a síntese de várias cenas (BRASIL, 2019, p. 185).

Segue, então, todo o material de planejamento que produzi. Acrescentei a essa organização uma lista de personagens mais importantes e aproveitei para comentar um pouco sobre a nomeação de alguns deles. Também dissertei acerca das diferenças entre a Nova Democracy e os Acotirenes. Esses arranjos – novamente, feitos como etapa de organização que antecede a escrita – foram cruciais pois os consultava enquanto escrevia o romance; dessa maneira, não poderiam deixar de constar aqui. Construí essas etapas e parti delas para guiar a escrita, mas há sempre espaços de liberdade para novas cenas e sumários no sentido de salientar o conflito – digo isso porque é fácil notar as diferenças se o leitor comparar o resumo escalonado com o romance finalizado. Por conta disso, inseri notas de rodapé comentando sobre as mudanças realizadas nesse texto de planejamento.

2.4.1.1. A sinopse

Cibele, cujo nome verdadeiro é Miãgua, é uma adolescente egoísta, refugiada e indígena pataxó que vive no ambiente distópico governado pela tirania tecnológica da Nova Democracy; depois do assassinato de seus familiares, a jovem entra para um grupo revolucionário (denominado de Acotirenes) que abalará as estruturas da ditadura imperialista no desfecho da narrativa – nessa jornada, a personagem muda seu modo de ver o mundo.

2.4.1.2. Lista de personagens

- a) Acotirena: uma liderança importante no Quilombo dos Palmares;
- b) Cibele (nome pataxó: Miãgua): filha de Josefá, irmã de Galdino. Ela é a protagonista do romance. Miãgua significa água, e isso é importante como ponto de construção da personagem a ser desenvolvido em tópico à frente sobre as personagens centrais;
- c) Hadassa (nome pataxó: Josefá): mãe de Miãgua. Josefá Pataxó foi uma liderança importante na resistência e na luta pela demarcação do território indígena na aldeia de Barra Velha, no sul da Bahia;
- d) Conrado (nome pataxó: Galdino): irmão de Cibele. Ele é dado como morto logo no começo do romance. Galdino Jesus dos Santos, indígena pataxó hã hã hães, foi uma importante liderança indígena. Infelizmente, ele foi assassinado e brutalmente queimado vivo, enquanto dormia em um ponto de ônibus;
- e) Ferraz (nome nos Acotirenes: Rafael): trabalhador da Funerária Ferraz; ele é o responsável por guiar a protagonista dentro da comunidade dos Acotirenes. O nome Rafael é inspirado em Rafael Hitlodeu, personagem da *Utopia*, de Morus, que é o responsável por narrar sobre a sociedade utópica;
- f) Família Forscher: família de origem alemã e, por isso, o sobrenome apresenta um termo dessa língua (Forscher significa explorador). O chefe da casa é o Erdefim, combinação da palavra “Erde”, que, também do alemão, significa terra, portanto, fim da terra – ressoando também com o sobrenome Forscher: exploração da terra. A esposa dele é nomeada de Martine: há o vocábulo “mar” dentro do nome, remetendo à “exploradora do mar”, então, das águas. Há também uma semelhança fonética com a bebida martini, já que a personagem bebe constantemente. Trata-se de uma família rica cuja fortuna é oriunda do agronegócio. Hadassa trabalha para eles;
- g) Pastor Lancellotti: é quem mostrará para Hadassa o que aconteceu com Galdino e a convidará para contribuir para a revolução. A inspiração vem de uma pessoa real: Padre Júlio Renato Lancellotti, pároco da paróquia de São Miguel Arcanjo no bairro da Mooca, na cidade de São Paulo. O padre ganhou notoriedade na mídia pelo trabalho com a população de rua;

h) Lázaro Moro: é o presidente-ditador da Nova Democracy. Seu primeiro nome significa “Deus ajudou”, e o segundo nome foi em *homenagem* ao ex-juiz Sergio Moro. Uma nomeação irônica, portanto;

i) Professor Ernesto Vélez: concretização no romance do Marxismo Cultural e da influência de Olavo de Carvalho. Nasce da junção entre os nomes de Ernesto Araújo e do Ricardo Vélez Rodríguez, ambos ex-ministros do governo de Jair Messias Bolsonaro, atual presidente do país.

2.4.1.3. Glossário de termos Acotirenes

Nesta lista, sistematizo os neologismos em ordem alfabética. Coloco em parênteses o significado do termo e, quando necessário, a região brasileira que o utiliza, no entanto, é possível que a utilização deles não se limite aos estados brasileiros citados.

1. Antebah: trata-se do prefixo “ante” (anterioridade, como em “antebraço”) e a expressão de surpresa “bah”, mais conhecida no sul do país. Indica as precauções para evitar quaisquer surpresas e mortes desnecessárias durante a ação guerrilheira.
2. Caômaceta: combinação de caô (mentira, Rio de Janeiro) e maceta (grande, Manaus), *uma grande mentira*. São caômacetas as mentiras e manipulações da Nova Democracy.
3. Exbrocadume: junção de brocado (fome, Rondônia) com o prefixo “ex” (movimento para fora, como “exportar” ou “extrair”) e o sufixo “ume” (noção coletiva, a exemplo de “cardume” ou “negrume”); *um grande empurrar para fora a fome*. É uma grande comemoração, um evento em que as pessoas cozinham e dividem a comida.
4. Magote do djanho: combinação de magote (bando ou grupo, Ceará) com djanho (coisa ruim, Paraná), *bando de coisas ruins*. Termo pejorativo para os funcionários, portadores do chip e subalternos à Nova Democracy.

5. Mortoxe: junção do radical “mort” com a expressão de espanto “oxe”, popularmente usada no Nordeste. Indica um ataque surpresa, o ato de eliminar o inimigo em uma emboscada.
6. Pocaistepô, Pocadjanho: as armas dos Acotirenes decorrem da junção de pocar (estourar ou bater com força, Espírito Santo) e outros termos como istepô (aquele que atrapalha, Santa Catarina) e djanho (coisa ruim, Paraná).
7. Rumabreado: junção de ruma (amontoadado, Acre) com breado (sujo, Ceará), *um amontoadado de sujeira*. É usado para indicar os lugares devastados pela ação da Nova Democracy.
8. Sussavovar: junção de sussa (suave ou tranquilo, São Paulo) e o verbo avoar; trata-se da ação de descanso após o dever cumprido.

2.4.1.4. Nova Democracy e Acotirenes

No futuro, a pandemia do coronavírus já fora controlada em parte considerável do mundo. Contudo, o Brasil não consegue conter a disseminação do vírus e chama a atenção de outros países enquanto possibilidade de surgimento de variantes e de suas novas transmissões pelo continente. Com isso, o país sofre, com a aprovação da Organização das Nações Unidas, uma intervenção política dos Estados Unidos da América (EUA)⁴. Lázaro Moro é o interventor estadunidense enviado para gerir a crise. Com sua gestão, uma ampla vacinação em todo o território nacional é iniciada e as fronteiras do país são fechadas. Após dois anos, a crise sanitária é solucionada e, apesar do número excessivo de mortes, o país retoma o crescimento econômico. Contudo, falta mão de obra *barata* para alavancar de vez o desenvolvimento – um processo de uberização do trabalho, cujo objetivo é aumentar o lucro e reduzir o custo, é iniciado; além disso, novos imigrantes são aceitos a partir de um processo burocrático e kafkiano no qual são subjugados às condições sub-humanas.

Após a intervenção e o adiamento de novas eleições presidenciais, os EUA prometem retomar a democracia no país. Contando com o apoio de amplo campo democrático, e conseguindo abafar as vozes de uma minoria de esquerda, Moro é eleito como

⁴ Tinha a ideia de construir cenas para demonstrar isso, coisa que não fiz já que não trabalhei com o processo de implantação da ditadura, apenas mostrei seus efeitos já em funcionamento.

presidente – após mudar a constituição e permitir que estrangeiros concorram ao cargo. Ele governa por meio de decretos, iniciando o que ficou conhecido como a Nova Democracy. Concomitantemente, privatizações são iniciadas e os reais interesses são revelados: a Eletrobras e a Petrobras são vendidas e a água cai em mãos de uma pequena elite, a do agronegócio, que a superexplora para vender seus produtos no comércio internacional enquanto o povo passa fome e sede. O golpe ocorre, portanto, com participação da burguesia nacional. Nesse contexto, uma pequena região compreendida entre Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia se rebela – e busca a revolução. São os Acotirenes. Fortemente organizados, criam uma comunidade própria e buscam o retorno da soberania nacional.⁵

A empresa criadora do GH é o *Musk Institute for Evolutionary Transhumanism*. O propósito inicial dela foi o de ajudar àqueles com algum tipo de paralisia a recuperar seus movimentos perdidos: assim, um paraplégico que volta a andar seria o ponto máximo de sucesso na integração entre homem e tecnologia. Entretanto, novas gerações de Chip surgem e oferecem localização precisa do portador e relatórios imediatos sobre a saúde e o rendimento do imigrante em seu ambiente de trabalho. Em paralelo, as atualizações do GH trazem inovações tecnológicas que tornam obsoletos os celulares pela utilização de realidade virtual projetada perante os olhos. Isso permite ao usuário o acesso de páginas da internet, por exemplo, sem qualquer outro meio físico para tanto.

De modo a me organizar, cada nova geração do Chip traz inovações tecnológicas específicas: primeira, ajuda aos portadores de necessidades especiais; segunda, implementação de dispositivos para abrir portas e cofres; terceira, revolucionária inovação, permite ao usuário se conectar com a internet; quarta, feita sob demanda para a Nova Democracy, permite não só o controle, mas, em detrimento da saúde de seus utilizadores, o funcionário perfeito. Aqui, minha inspiração é a Soma, do livro *Admirável mundo novo*, droga feita para diminuir estados de estresse e ansiedade, injetando “felicidade” na mente de seus usuários. Isso faz com que haja um exército de trabalhadores incansáveis, que pouco dormem e que também com pouco se alimentam – assim, imigrantes são facilmente descartados e substituídos.

O dispositivo GH de quarta geração é o responsável pelo total controle de seus usuários, como relatórios de produção e de saúde, dados de forma imediata a partir de comandos

⁵ Minha ideia inicial era de fazer uma grande comunidade entre territórios.

de voz. Ele também altera estados mentais, permitindo que, se necessário for, os refugiados trabalhem em longas jornadas de trabalho, sem descansar; impedindo sequer que percebam o cansaço mental e físico em que se encontram. Entretanto, de forma alguma os usuários sabem disso, pois acreditam que o aparelho serve apenas para se conectar à internet e usufruir de seus mecanismos, como é o Chip daqueles outros habitantes da Nova Democracy. Repetindo: todos usam o Chip, pois é o aparelho que substituiu os celulares, e até as portas de casa. Contudo, o dispositivo para os refugiados recebe funções específicas, descritas brevemente acima. É a Ilusodeologia entrando em ação.

Para os adultos, o Chip de quarta geração trabalha para torná-los funcionários incansáveis. Por outro lado, para os jovens, é comum que ocorra a testagem da próxima geração. No caso de Cibele, seu Chip é um desses experimentos – é a promessa da quinta geração do GH. Basicamente, o Chip, nesse caso, busca eliminar o livre-arbítrio, buscando o extermínio de qualquer resquício ou possibilidade de individualidade. Assim, entre uma possibilidade de obedecer a ordens ou negá-las, ou de seguir os parâmetros morais e intelectuais ditados pela Nova Democracy ou qualquer ímpeto revolucionário, o sujeito sempre escolheria a primeira opção: a conversadora do *status quo* em que está inserido. Para isso acontecer, o Instituto Musk testa novas possibilidades e alia o funcionamento do Chip com filmes e músicas que possam ensinar as normas desejadas, como o respeito à meritocracia e à obediência. Ou seja, há uma indústria cultural fortemente programada para reforçar os comportamentos desejados de forma que esses valores sejam constantemente repetidos e atualizados pelo Chip. Isso é importante, porque será esse o fator responsável por levar Cibele a trair a própria mãe. Então, em síntese, enquanto Hadassa possui o dispositivo cuja funcionalidade é criar o funcionário perfeito, em sua filha é testada uma nova geração: aquela que eliminará, de uma vez, o livre-arbítrio.

Em resumo, se, por um lado, há uma burocracia disfarçada, por outro, há aparelhos tecnológicos que contribuem para o aniquilamento das vontades individuais e das possibilidades de sentimento de revolta. A ditadura também se mantém a partir do medo: uma pequena comunidade, chamada de Acotirenes, é taxada como o inimigo interno, com agentes infiltrados em toda a comunidade, o que torna necessária a vigilância permanente de seus membros. Em suma, é esse o ambiente distópico do romance.

A organização social dos Acotirenes funciona de modo contrastante com aquela da Nova Democracy. Se no regime político imposto pelos EUA a tecnologia é usada para implantar uma ditadura, nos Acotirenes, o povo organizado usa dos aparelhos tecnológicos para melhorar sua qualidade de vida. Por exemplo, a comida é produzida em larga escala em cabines tecnológicas que reproduzem o clima e a terra necessária para diferentes tipos de alimentos. Dessa maneira, ninguém passa fome. As escolas também facilitam e medeiam o aprendizado com a realidade aumentada e os jogos eletrônicos. É diferente, portanto, da Nova Democracy, na qual as escolas ainda usam livros didáticos. Além disso, as tomadas de decisões são longamente discutidas por meio de assembleias e não de forma vertical, como as decisões autoritárias do presidente, por meio de seus Decretos Presidenciais.

Inspirado em meu estudo sobre o utopismo e, em especial, na minha leitura de *A república*, de Platão, na *Utopia*, de Thomas Morus, nos debates sobre a *vontade geral*, feitos por Jean-Jacques Rousseau, e na revolução socialista dos estudos, de Karl Marx, organizei essa sociedade pautada no fim da propriedade privada, na socialização de seus meios de produção e na superação dos marcadores sociais e dos estigmas pautados na supremacia do homem e na superioridade racial do branco. Nessa sociedade, há moradia, saúde e educação de acesso gratuito, geridas pelos próprios moradores da comunidade, em um processo de autogestão, como descreverei a seguir.

O primeiro aspecto de organização dessa sociedade é a verticalidade de seu sistema político, nomeado de Sindicracia Unipartidária. Nela, cada setor produtivo, que optei por chamar apenas de Sindicato, possui o direito de escolher três representantes de sua categoria. Esses três representantes formam a Assembleia Popular Suprema (APS), composta então por 27 membros de diferentes setores, que é convocada para sessões ordinárias e extraordinárias. Por meio desses encontros, as leis são discutidas e aprovadas. Entre os três eleitos, um assume o cargo de ministro de seu setor; assim, aquele eleito como representante máximo do Sindicato dos Professores torna-se o Ministro da Educação. Os ministros podem convocar outros trabalhadores de seu setor para compor seu gabinete e atender às demandas. Cada Sindicato pode, a qualquer momento, solicitar a troca de seus representantes, bem como de seu ministro, e pedir uma nova eleição – respeitada a aprovação da maioria de dois terços dos trabalhadores do respectivo setor.

O conjunto de ministros forma o Comitê Central da APS, responsável por convocá-la quando necessário. Os eleitos continuam a trabalhar e não ganham por isso, contudo, são dispensados de sua jornada de trabalho quando necessário para exercer o papel político que lhes foi incumbido. Uma vez por semana, todos os ministros se reúnem, e relatam a produção semanal e os eventuais problemas. Ademais, por diversas vezes é necessário que esses eleitos se reúnam com sua categoria para decidirem o voto na APS; por exemplo, caso se discuta um projeto de lei, é crucial que os representantes eleitos retornem a sua base para discutir o tema e decidir, em conjunto, como o Sindicato votará a respeito dele.

São nove os sindicatos:

- Sindicato dos Trabalhadores do Setor Alimentício, responsável pela produção e distribuição da comida e pelo manejo dos recursos hídricos (Ministério da Segurança e da Soberania Alimentar);
- Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil e da Infraestrutura, responsável pela construção e manutenção dos prédios, dos condomínios e das estradas (Ministério da Moradia Popular e Infraestrutura Urbana);
- Sindicato dos Trabalhadores da Energia, responsável pela geração de energia para a comunidade (Ministério da Energia);
- Sindicato dos Pesquisadores da Tecnologia Avançada, responsável pela criação dos dispositivos tecnológicos e por sua manutenção (Ministério da Ciência e da Tecnologia);
- Sindicato dos Professores e Pesquisadores da Educação, responsável pelo ensino e aprendizagem dos alunos (Ministério da Educação);
- Sindicato das Guerrilhas Organizadas, responsável pelo treinamento militar, vigilância das fronteiras e defesa interna (Ministério da Defesa);
- Sindicato das Relações Exteriores, responsável pela comunicação com outros países, pela mediação de conflitos e pelo comércio (Ministério das Relações Exteriores);
- Sindicato dos Artistas, responsável pela organização das pautas dos pintores, escritores, músicos, dançarinos, atores, entre outros (Ministério da Cultura).
- Sindicato dos Médicos, responsável por gerir o Hospital dos Acotirenes (Ministério da Saúde).

Cada setor é livre para se autogerir, assim, podem ser realizadas eleições dentro dos próprios sindicatos, além de haver liberdade de escolha da duração dos mandatos ou hierarquias próprias. As jornadas de trabalho são comuns e estipuladas em cinco horas⁶. Uma hora diária também deve ser destinada à atividade física ou ao treinamento militar do Sindicato das Guerrilhas: é importante, afinal, que toda a comunidade esteja pronta para resistir às ameaças da Nova Democracy. O restante do dia pode ser ocupado com atividades recreativas e grupos de estudo, ou da forma como cada um preferir. Uma vez por semana, há uma formação política organizada pelo Partido Acotirene, formado pelos segundos e terceiros lugares dos eleitos de cada Sindicato (lembrando que o primeiro lugar ocupa o cargo de Ministro). Esse partido não disputa as eleições, nem sequer partidos desse tipo são necessários, mas segue o papel de educador e condutor dos ideais revolucionários. Por vezes, faz-se o estudo de livros ou de filmes e um debate. O papel do Partido, portanto, é inteiramente voltado para a formação intelectual e o debate das diretrizes da revolução. Além de o Partido ser formado pelos segundo e terceiros lugares daqueles três representantes eleitos dos Sindicatos, qualquer um pode se candidatar a participar dele ou sugerir formações políticas e discussões.

Os Acotirenes são vegetarianos. A produção de alimentos é centralizada e o Sindicato do setor a distribui semanalmente para os prédios da Moradia Popular. As praças e os demais espaços públicos são responsabilidade de todos e não há trabalhadores destinados a cuidar disso. Máquinas autônomas recolhem os resíduos diariamente. Além da jornada de trabalho semanal, um dia é reservado à folga, e outro à formação política do Partido Acotirene. Desse modo, não se dá o fim do trabalho, mas há uma socialização do que é produzido a partir dele. A ideia de trabalho, portanto, é vinculada à colaboração com o modo de vida em sociedade, visa ao bem comum, a sua autonomia e à autogestão dos recursos.

Na comunidade dos Acotirenes é livre a criação de comitês e de demais associações. Duas, no entanto, são as mais importantes: o Comitê da Revolução Ampliada e o Comitê da Revolução Unificada. O primeiro reconhece o perigo da tecnologia da Nova Democracy se espalhar para todos os países do continente e tem como propósito que a revolução deva abranger outros países da região, mas de modo pacífico – na medida do possível. Já o segundo comitê prioriza a independência da comunidade dos Acotirenes

⁶ Não estipulei a quantidade de horas trabalhadas porque achei mais sensato que cada setor se autogerisse e determinasse o tempo de trabalho necessário para as demandas. Além disso, tais determinações aproximariam a comunidade dos Acotirenes das teorias do totalitarismo, coisa que abomino.

para alcançar a condição e o estatuto de um novo país o que pretende por meio de uma revolução armada. Assim, enquanto a Revolução Ampliada prioriza exportar a revolução, integrando os Acotirenes a outros grupos oprimidos, a Revolução Unificada pretende explodir de vez os aparelhos opressores da Nova Democracy, custe o que custar, e tornar independente a comunidade.

Apesar do consenso revolucionário, a diferença está no método: a Revolução Ampliada planeja derrubar a Nova Democracy por meio do hackeamento de seu sistema tecnológico de modo a preservar a vida de todos aqueles oprimidos pelo GH. Com isso, exportar-se-iam os mecanismos e os procedimentos utilizados para outros países da América Latina. Por outro lado, a Revolução Unificada pretende realizar um atentado terrorista e explodir a Torre Ouranós de modo a garantir a queda da tecnologia da Nova Democracy, mas colocando a vida de todos em risco, afinal, não se sabe o que pode acontecer se as ondas sonoras que atualizam os chips forem interrompidas de forma tão abrupta.

Além do descrito acima, elaborei um pequeno quadro geral das características que pretendo contrastar dessas duas sociedades. Segue o quadro:

Nova Democracy	Acotirenes
<ul style="list-style-type: none"> • Decisões verticais a partir de decretos presidenciais; • Forte influência cultural dos EUA; • Consumismo como sinônimo de felicidade; • Burocracia; • Meritocracia; • Individualismo; • Ideologia conservadora; • Indústria cultural massificada; • Tecnologia como mecanismo para opressão; • Apoio da elite financeira (agronegócio); • Superexploração do meio ambiente; • Família patriarcal e monogâmica; • Defesa da propriedade privada e corrupção da ideia de igualdade. • Marxismo cultural. 	<ul style="list-style-type: none"> • Decisões horizontes com amplas organizações de assembleias; • Os eleitos da assembleia de cada setor produtivo formam a Assembleia Popular Suprema; • Coletivismo; • Socialização da propriedade privada; • Tecnologia para liberdade do trabalho alienado; • Vontade geral (Rousseau); • Sustentabilidade ambiental (uso da tecnologia para produção de alimentos saudáveis); • Possibilidade de casamento grupal e alargamento do conceito de pai/filho; • Superação do marcador social (estereótipo) de gênero e raça/etnia.

2.4.1.5. O resumo

Uma aldeia pataxó é devastada pelas milícias financiadas pela elite do agronegócio no Brasil. Josefá e seus dois filhos, Miãgua e Galdino, sobrevivem a esse ataque e são levados para a Nova Democracy; afinal, os sobreviventes tornam-se mão de obra barata. Basicamente, a entrada deles é a mesma de um refugiado de outro país: a Nova Democracy compromete-se a saciar as necessidades básicas, como moradia e alimentação, até que o processo de cidadania se efetive. A promessa é: quando o refugiado receber a Cidadania Plena (CP2), posto que apenas possua a Cidadania Provisória (CP1), conseguirá também os direitos de um cidadão comum, como poder votar e usufruir de férias e de outros direitos trabalhistas. Para isso acontecer, o candidato deve adquirir cinquenta pontos de *CivitasCoin*, criptomoeda própria utilizada pelos imigrantes. Entretanto, e aqui reside o ambiente distópico, tal cenário é falso e um processo amplo de burocratização impede qualquer um a obter a CP2. Por exemplo, qualquer desvio, como desrespeito ao chefe ou atraso para chegar ao trabalho, ocasiona, como punição, perda de pontos para que seja obtida a cidadania. Além disso, para serem aceitos no país, todos os refugiados devem ter implantado em seus cérebros o *God Hand* (GH), um chip de tecnologia importada dos EUA e testado no Brasil.

Josefá é renomeada de Hadassa porque, na Nova Democracy, os refugiados recebem outro nome, assim, denotando também a perda de suas individualidades. Após um período trabalhando na lavoura de soja, ela passa a ser funcionária particular e trabalhar incansavelmente para os Forscher, uma família rica e também financiadora de alguns projetos da Nova Democracy. O patrão imediato de Hadassa é o Erdefim, um dos responsáveis pelo financiamento e manutenção da Torre de Ouranós: edifício de onde saem as ondas sonoras que atualizam os chips dos refugiados e que corrigem bugs ou realizam as atualizações necessárias. Enquanto Hadassa trabalha, seus filhos (Miãgua é renomeada de Cibele e Galdino de Conrado) estudam na escola de imigrantes e consomem os produtos da indústria cultural, ficando hipnotizados e perdendo horas de seus dias com reality shows, séries e outros programas de televisão.

Sete anos se passam da família convivendo nessa sociedade. Cibele, que quando fora sequestrada era apenas uma criança, agora é uma jovem que está quase terminando os estudos na escola de imigrantes – e, em tese, poderia adentrar a vida adulta, formar-se em alguma faculdade, trabalhar, etc. Um fato, então, muda os rumos dessa família: o

sumiço de Galdino. Nessa situação, Hadassa, quando faz as compras⁷ para casa onde trabalha, é interpelada pelo pastor Lancelotti que lhe oferece ajuda e diz saber onde está seu filho. Como ela não acredita e também receia que o padre seja um Acotirene, ou até mesmo alguém da Nova Democracy, ele a convida para uma cerimônia em sua igreja. Nela, um culto macabro celebra o assassinato de vários refugiados, julgados como imorais, pervertidos, pedófilos e perigosos. Um dos rostos é Galdino, julgado como imoral. Agora, Hadassa sabe que seu filho foi assassinado, mas ainda não tem conhecimento de quais motivos e circunstâncias levaram a isso. Após amparar Hadassa e retirá-la do culto, o padre a orienta a procurar, na Funerária Ferraz, pelo agente Rafael, e informa ser ele um homem de confiança. Totalmente frustrada, ela volta para casa, e conta para a filha o que aconteceu. Hadassa responde de modo estranho, e questiona: será que Galdino se envolveu com os Acotirenes? Elas discutem. O chip, na filha, começa a surtir efeito. Contudo, até o momento, o leitor não saberá que o chip é determinante para a personalidade da personagem e pode ficar surpreso pelos questionamentos da menina. Após a discussão, elas se voltam para a preocupação em comum de enterrar o parente dentro dos rituais de sua cultura pataxó. Essa é a situação crítica inicial: tentar enterrar o ente querido.

No dia seguinte, antes que Hadassa consiga ir à funerária, ela recebe uma chamada informando que a filha, Cibele, recebeu advertências na escola. Hadassa se dirige até lá. Elas, novamente, discutem: Hadassa não quer chamar atenção de ninguém neste momento e, logo agora, Cibele faz algo do tipo. Com isso, ambas perdem CivitasCoins. Assim, ela ordena sua filha ir para casa e vai até a funerária, seguindo o conselho do padre Lancelotti. Sem saber, Hadassa está sendo seguida por sua filha durante esse caminho. Ali, após dialogar com o dono da funerária, Hadassa toma uma Amós, droga que consegue barrar, por alguns momentos, o domínio mental do Chip. Ela consegue, nesse meio tempo, sentir o cansaço mental e físico de seu corpo e se assusta. Rafael, o agente funerário, então, faz uma proposta: convida-a para participar da revolução dos Acotirenes.

Em troca de sua colaboração, Hadassa poderia realizar o enterro de seu filho. Para isso, ela deve envenenar seu chefe, fazendo-o dormir profundamente para que seja raptado pelos revolucionários. A intenção deles é de raptar o membro da família Forscher – lembrando que ele é um alto funcionário da Nova Democracy – para que possam obter

⁷ No romance, Hadassa encontra o pastor enquanto procurava o filho em uma loja de jogos eletrônicos.

seu chip e fazer o download de informações que possam ser úteis para derrubar o sistema de informação da Torre Ouranós. A indígena aceita, mas com uma condição: se lhe acontecer alguma coisa, não importasse o que, eles deveriam salvar sua filha. Cibele, do lado de fora da funerária, escondendo-se, escuta metade dessa conversa e foge. Em seguida, encara a dúvida do que aconteceu, do que deve fazer; isso será narrado por meio de um fluxo de consciência: devo relevar as contradições internas, os dilemas existenciais e a influência do Chip que interfere em sua tomada de decisões.

Hadassa tem em mãos o veneno e aceita participar da revolução: ela faz qualquer coisa pelos seus filhos. Enquanto ela se dirige para a casa da família Forscher, Cibele volta para a casa perdida em seus pensamentos. A filha se depara com um casal em uma cafeteria (pensa que poderia ser ela no futuro, quando conseguir a Cidadania Plena), assiste ao pronunciamento do presidente (aqui, reforço a paranoia e o medo com os Acotirenes) e, enfim em casa, vê uma propaganda do reality show de que tanto gosta. Esse programa se reinicia a cada semana com sete novos imigrantes – que, na verdade, são refugiados, mas a Nova Democracy, em seus produtos de massa, prefere os chamar assim – e somente um ganha o direito de tornar-se um cidadão. A cada nova etapa, um participante é eliminado. Nesse dia, a propaganda informa sobre a fase final: um dos integrantes é um Acotirene e quem o descobrisse primeiro e o eliminasse, seria o grande ganhador. São três participantes, e teria apenas um vencedor. Caso o prazo terminasse e o Acotirene não fosse descoberto, todos perderiam. Poucas chances de vencer. Hadassa começa a pensar como os Acotirenes conseguem se infiltrar, como escondem seus crimes – e repete todo o medo que aprendeu na escola de imigrantes. Então, nesse momento, uma vontade incontrolável de denunciar a mãe, de expor toda aquela conversa na funerária, de dizer para a Nova Democracy o perigo que ocorre e de tudo o que está acontecendo a faz esquecer o carinho que tinha por sua família. E Cibele denuncia sua mãe. A denúncia é feita de forma imediata pelo canal de comunicação internalizado por seu Chip (essa tecnologia permite acessar internet, é bom lembrar).

Concomitante a isso, Hadassa, que já retornou à casa onde trabalha, consegue envenenar seu chefe. Mas, quando os Acotirenes entram na casa, os agentes da Nova Democracy também se dirigem para lá – uma cena de guerra se inicia. Nela, Hadassa vê sua filha de longe chegando até a casa da família Forscher. Cibele se aproxima da casa. Após o confronto, um dos Acotirenes consegue adormecer Cibele e a leva para fora da Nova Democracy – cumprindo, portanto, a promessa de salvá-la, sendo feita qualquer coisa

para isso conforme o combinado na conversa de Hadassa com Rafael. Apesar das mortes, os Acotirenes conseguem baixar informações, através do acesso ao Chip de Erdefim. Cibele é levada, desmaiada, pelos Acotirenes.

Inicia-se o segundo capítulo: Acotirenes. Cibele acorda em um quarto de hospital. Não compreende bem o que acontece. Alguém diz: você acabou com o meu disfarce, garota. Ele explica para Cibele sobre a promessa que fez para Hadassa (quando Hadassa se dirige à funerária, explico que ela só aceita participar da revolução se a vida de sua filha fosse salva). Essa personagem, então, diz seu verdadeiro nome: Rafael. Em seguida, ele questiona qual é o verdadeiro nome de Cibele (lembrando que, quando chegam à Nova Democracy, os refugiados são renomeados). Contudo, a menina não se lembra – durante toda a parte primeira da narrativa em nenhum momento ela é chamada pelo nome em pataxó: Miãgua. Isso é importante no final do romance.

Cibele é informada de que participará de um julgamento que decidirá se ela será aceita pela comunidade ou se deve ser julgada como uma ameaça. Dadas as circunstâncias em que ela fora presa, informa Rafael, pode ser difícil que ela saia da prisão. Ainda assim, há uma possibilidade: que ela sirva de cobaia para testar um novo mecanismo chamado Reversão, experimento produzido pelo Comitê da Revolução Ampliada. Vendo essa discussão, e também sem outra alternativa, Cibele aceita participar desse experimento. Antes disso, passeia pela comunidade dos Acotirenes com Rafael que a leva para conhecer alguns pontos, em especial, a escola, onde foi um dos primeiros professores (ele conversa com ex-alunos que, agora, são os professores do local). Aqui, o leitor conhece melhor sobre o ambiente local. De toda forma, tudo ocorre bem e parece que o experimento de Reversão é um sucesso. A jovem indígena, aos poucos, lembra-se da vida na aldeia. Percebe como aquela vida era melhor, mais calma, e justa. Lembra-se, principalmente, da figura do pai – e da situação em que sua família fora capturada na cena de abertura do livro. O sentimento de vingança se espalha pelo seu corpo. Aos poucos, ganha a confiança de Rafael e se integra melhor com a comunidade.

O Comitê da Revolução Unificada não reconhece, contudo, esse sucesso, e invade a casa de Rafael para o ameaçar⁸. Há um debate mais acalorado sobre isso. Nesse jogo,

⁸ Abandonei essa ideia porque percebi que a unidade dessa comunidade após um assunto tão crucial seria mais verossímil, afinal, como eles sobreviveriam tanto tempo se, depois de uma tomada de decisão dessa magnitude, houvesse autossabotagens desse nível? A discussão se faz de forma calorosa, contudo, após a decisão ser tomada, ela é aceita e preservada.

uma nova assembleia é feita para decidir os rumos finais da revolução: a Assembleia Popular Suprema é convocada. Após uma votação apertada decide-se que a Revolução Ampliada deve ser prioridade. Afinal, acredita-se que é possível que o experimento de Reversão, testado na Cibele, possa ser amplificado, corrompendo os dados disponíveis na Torre Ouranós. Então, todos começam a se preparar para invadir essa torre de comunicação e hackear todo o seu aparelho tecnológico. Assim como fizeram com Cibele, a aposta é de que a Reversão seja ampliada, de modo que torne possível a participação daquelas pessoas no processo revolucionário.

A invasão ocorre. Cibele, agora sem a influência do GH, vê o lugar em que passou tanto tempo, durante os anos de opressão da Nova Democracy, com outros olhos; e percebe como a pobreza está presente nas ruas e toda a desgraça do sistema. No desfecho do romance, a revolução triunfa: as ondas sonoras conseguem ser revertidas, desativando os Chips de todos. A cena final do romance remete ao mito de criação do mundo da cultura pataxó: na versão escrita por Kanátyo Pataxó, no livro *Txopai e Itôhã*, as gotas de chuva caem na terra e, desse encontro, nascem os primeiros pataxós, que convivem em harmonia com a natureza. Da mesma forma, as novas ondas emitidas de Ouranós caem como chuva, e um novo ciclo se inicia – novas pessoas surgem a partir dela. Com isso, Miãgua completa sua jornada e se reconecta com sua ancestralidade pataxó: ela consegue resgatar a memória do pai (assassinado no início do livro) e sente, nessa cena final, que obteve o perdão da mãe. Pode, então, uma nova sociedade nascer após a revolução? O romance termina. E a pergunta – entre tantas outras – fica por conta de o leitor imaginar a resposta.⁹

2.4.1.6. O resumo escalonado

Capítulo 1: Nova Democracy

- Limite é liberdade.¹⁰

⁹ A ideia do subcapítulo “Caça” surgiu durante a escrita da parte final do romance. Nesse momento, percebi que era mais verossímil apontar que após o ataque dos Acotirenes, a estrutura da Nova Democracy foi abalada, mas que essa ainda resistia, afinal, derrubar um complexo sistema desse tipo com “uma só tacada” em um país de tamanho continental como é o Brasil, ao meu ver, não faria sentido.

¹⁰ A ideia de inserir os termos em inglês veio depois. Nota-se também como a estrutura do romance sofreu alterações durante o processo de escrita.

Cena 1: aldeia indígena pataxó é atacada. Josefá, Galdino e Miãgua são sequestrados. O pai, Tohô, é assassinado.

Cena 2: chegada à Nova Democracy (explicar o subtítulo por meio dos limites que são impostos aos refugiados por meio dessa cena). Nota: Revelar o ambiente de miséria (isso se tornará cada vez mais imperceptível com o desempenho do GH).

Sumário: O trabalho de Hadassa na lavoura de soja.

Cena 3: convivência entre a família (diálogo); saudades de casa. Sumário da rotina dos irmãos.

- Família é capital.

Cena 1: Sete anos depois. Cibele em casa raspa as sobrancelhas. Hadassa nota o sumiço de Conrado.

Cena 2: Trajetória de Hadassa na busca do filho. Fazer flashbacks para contar como a família chegou aí.

Cena 3: Hadassa é interpelada pelo Pastor Lancellotti que afirma saber onde está Galdino.

Cena 4: Hadassa vai até o culto e descobre que seu filho foi morto.

- Igualdade é desigualdade.

Cena 1: Sala de aula. Cibele é advertida porque se distrai cantarolando. Hadassa, mãe de Cibele, vai até a escola e discute com a filha.

Cena 2: Funerária. Hadassa conversa com Rafael e aceita participar da revolução. Ouve um barulho exterior e descobre que sua filha a perseguiu.

Cena 3: Cibele escuta a conversa de sua mãe com o Rafael. Narrar sua reação. Fazer uso do discurso indireto livre. Mostrar dúvidas iniciais da personagem, seus pensamentos e seus dilemas. Aqui, ela vê um casal conversando e pensa que pode ser ela no futuro, quando ganhar a CP2.

Cena 4: Narração em primeira pessoa com Hadassa: mostrar a irritação dela com sua filha.

- Propriedade é comunhão.

Cena 1: Cibele volta para casa e, no caminho, ouve o discurso do Presidente Lázaro Moro. Em seguida, escuta uma música que justifica o lema “igualdade é desigualdade”.

Cena 2: Hadassa chega à casa dos Forscher e prepara o jantar com o veneno.

Cena 3: Cibele, chegando em casa, vê um anúncio do reality show de que tanto gosta. Denuncia a mãe. Em contradição consigo mesma, ela corre para tentar avisar Hadassa pessoalmente do que aconteceu.

Cena 4: Hadassa assiste à família desmaiar: os efeitos do veneno começam. Os Acotirenes invadem a casa. Ela vê sua filha chegando pela janela.

Capítulo 2: Acotirenes

Cena 1: Cibele acorda em um hospital.

Cena 2: Julgamento de Cibele: deve ser aceita como cidadã dos Acotirenes?

Cena 3: Decide-se que Cibele tem duas alternativas: fica presa, ou serve como cobaia no experimento de Reversão do Chip. Antes de decidir, ela passeia pela comunidade acompanhada de Rafael.

Cena 4: Cibele decide ser cobaia. O experimento dá certo. Concomitante a isso, a comunidade é atacada. Cibele tenta ajudar, mas quase morre. Ao ver uma criança morrendo, fica paralisada e se lembra de quando sua aldeia fora atacada.

Cena 5: Cibele decide participar das Guerrilhas Organizadas. Recebe treinamento militar (Sumário).

Cena 6: Assembleia Popular Suprema: quais serão os rumos da revolução? Com a eficácia do experimento com Cibele, discute-se qual caminho a revolução deve seguir. A Revolução Ampliada vence.

Cena 7: Cibele é aceita para participar do ataque. Antes disso, prova seu valor em um assalto à mão armada.

Cena 8: A revolução começa.

2.4.2. Pós-escrito a Eu não queria precisar lutar

Aqui, farei reflexões pertinentes à técnica literária com o objetivo de explicar algumas de minhas escolhas e motivações.

2.4.2.1. O foco narrativo e o ponto de vista

Foco narrativo é a pessoa gramatical — primeira, segunda, ou terceira pessoa; há muito mais ainda — e ponto de vista corresponde ao enfoque, à opinião, à visão do personagem; a visão que o narrador ou o personagem têm dos seus problemas ou do mundo. Portanto, é possível usar vários pontos de vista, para também múltiplos focos narrativos, ou para um só foco narrativo (CARRERO, 2009, p. 106).

Para estruturar a narrativa, considerei a proposta de Raimundo Carrero em *A preparação do escritor*: foco narrativo é a pessoa gramatical, já o ponto de vista corresponde à personagem. Nessa perspectiva, há uma gama de possibilidades considerando as diferentes combinações possíveis. Assim, por exemplo, posso escolher o foco narrativo em primeira pessoa do singular e combiná-lo com o ponto de vista de uma única personagem, mantendo essa combinação em todo o livro, como Machado de Assis fez em *Dom Casmurro*. Ou, se preferir, escolho o da terceira pessoa e “filtro” a narração em diferentes cenas a partir de distintos personagens de modo a alternar o ponto de vista narrativo, mas mantendo a mesma pessoa gramatical, como ocorre nos diferentes capítulos de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.

Optei por combinar diferentes focos narrativos com diferentes pontos de vista. Pensei nisso a partir de *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo. No romance do autor mexicano há uma constante mudança de ponto de vista da narração e até do foco narrativo. Isso se evidencia, em meu caso, durante a narração da trajetória de Cibele e Hadassa no terceiro e no quarto subcapítulos do romance: a cada retomada, conforme necessidade e

interesse em construir a cena, muda também o foco narrativo. Assim, se fosse conveniente, poderia narrar do ponto de vista de Cibele em primeira pessoa, e do de Hadassa em terceira, ou também em primeira, se fosse o caso. Isso foi a primeira coisa que decidi e que se manteve durante todas as diferentes versões do livro. Minha ideia inicial era de que, assim como a vida na distopia é caótica, a estrutura do romance também deveria simular isso. Do mesmo modo como as personagens se sentem confusas, o leitor deveria sentir o mesmo. Já na segunda parte, acerca da utopia, decidi fazer algo semelhante à estrutura do diálogo da obra de Morus, abandonando, então, tal forma desconcertada de narração.

2.4.2.2. A criação de personagens centrais

Para delinear a personagem, um questionamento me parece fundamental: o que ela quer? Qual seu objetivo? São essas as questões essenciais da personagem que movem a trama. Até mesmo Meursault, personagem central de *O estrangeiro*, de Albert Camus, pode ser lido dessa forma. Para Brasil (2019, p. 111), a questão dessa personagem baseia-se “no absurdo da condição humana num mundo sem sentido além do sentido que damos a ele”, ou seja, seu objetivo era o de enxergar algum sentido na vida em um mundo em que sentido não há. A questão essencial dessa personagem baseia-se, portanto, no existencialismo. De qualquer modo, é importante que essa motivação se materialize em objetivos concretos: casar ou não casar, matricular-se num curso ou escolher uma carreira, ter ou não ter filhos – vingar-se ou não pela morte do pai, tal como Hamlet. É importante que as raízes dessa motivação residam, portanto, na *questão essencial* da personagem (BRASIL, 2019, p. 107-108). Essas reflexões foram marcantes para a criação e para o aprofundamento de minhas personagens.

A motivação de Hadassa é de salvar sua família e, em segundo plano, resguardar a tradição da vida de sua aldeia – conservar aqueles valores, e preservar a memória daquele estilo de vida, torna-se um desafio frente à Nova Democracy. Para acentuar essa segunda característica, faço uso de *flashbacks* quando a narração focaliza essa personagem; assim, a técnica literária colabora na criação e no desenvolvimento de sua personalidade. Então se, por um lado, temos os fatores externos – a guerra que destrói a vila, o sistema de opressão da Nova Democracy –, a questão essencial da personagem

revela-se na importância que Hadassa dá à vida de seus descendentes. E isso move a trama em torno do dilema: até onde vai a coragem de uma mãe para proteger seus filhos? Até que ponto ela se arriscará pela mínima possibilidade de salvar algum deles? Em síntese, *é a luta de uma mãe para salvar seus filhos*. A resposta é até a morte; e a consequência é o encerramento da primeira parte do romance. Com isso, temos uma nova personagem central: Cibele.

Diferente de Hadassa, Cibele desfruta da cultura de massa produzida pela Nova Democracy, como *reality shows* e músicas eletrônicas, além de aderir à ideologia liberal e meritocrática. Sua questão essencial, no entanto, move-se apenas a partir do capítulo Acotirenes, quando a personagem, após sofrer a operação que desativa a dominação em seu chip, vê as contradições de sua visão de mundo. Assim, sua questão essencial floresce na dualidade entre a vida dessa nova comunidade e as velhas possibilidades oferecidas pela Nova Democracy. É importante ressaltar, novamente, a oposição dessas duas culturas: enquanto a vida compartilhada nos Acotirenes perpassa a ideia de cooperação em prol da comunidade e uma revolução, o antagonico prevalece na Nova Democracy, onde o individualismo exacerbado e a felicidade dada pelo consumo de bens materiais são regras. A personagem assimila esses valores não só na escola, mas também no consumo de produtos da indústria cultural – esses elementos, portanto, não são gratuitos.

De todo modo, nesse contato com os revolucionários, Cibele entende que é necessário lutar para alterar as injustiças do mundo; aqui nasce a questão essencial, porque lutar significa reconciliar-se com a mãe, buscar seu perdão. Isso se materializa na aceitação da figura materna, bem como na aceitação de participar da revolução e vingar-se pelo assassinato de seus familiares – e isso origina o conflito. Quando o roubo de carga acontece em “Guerrilha”, a personagem presencia que outras famílias são vítimas assim como fora a sua. Dada a impossibilidade de ser alheia às dores do outro, evidencia-se a questão essencial: a necessidade de lutar ou apenas aceitar as coisas tal como elas são. O tema central do romance é a tensão entre simplesmente existir, aceitar o mundo como é, ou aceitar o desafio de mudá-lo. E é por isso que decidi pelo título *Eu não queria precisar lutar*. Afinal, quem não gostaria de viver em um mundo livre de desigualdades? Em que não há fome e opressão? Em que todos possuem conforme suas necessidades? Porém, é necessário lutar porque a violência bate à porta, aniquila sua

casa, corrompe sua filha, faz você odiar sua própria mãe e há outras e outros que podem sofrer o mesmo. É impossível permanecer indiferente.

No aspecto da linguagem, durante a narrativa de Cibele acentuo sempre o pronome pessoal “eu”, repetindo-o até mesmo quando não é necessário; faço isso para ressaltar, por meio da linguagem, a qualidade egocêntrica e individualista da personagem durante a primeira parte da história. Este fator é importante: é a falta de empatia que desencadeia a morte de sua mãe e até mesmo o desinteresse inicial com o desaparecimento com o irmão. Ou seja, é a impossibilidade de se colocar no lugar do outro, no caso, de sua mãe, e de questionar sua própria realidade, que leva Cibele a aderir à Nova Democracy. Claro, é necessário ressaltar a manipulação dos meios de comunicação, ou ainda a importância da escola para a definição de sua personalidade. Além disso, e talvez sobretudo, ela possui o Chip implantado em seu cérebro. Enfim, na segunda parte do romance, na medida em que sua posição quanto ao conflito é alterada, a linguagem da personagem também muda e ela abandona essas repetições do pronome pessoal.

Além do domínio tecnológico e ideológico na mente de Cibele, pensei nessa falta de empatia dado o trauma de presenciar o assassinato de seu pai logo no começo da narrativa e como isso pode causar repercussões e repressões em sua personalidade. A gagueira também seria fruto desse choque e complica ainda mais as relações que ela tinha com a mãe: quando Hadassa veda os olhos dos filhos com as mãos ao tentar impedir que eles assistam ao assassinato do pai, ela não percebe que, na verdade, tapou a boca de Cibele – seria essa a fonte do trauma que causa sua dificuldade de fala, porque, ao tentar gritar, a mãe a impede e, ainda assim, Cibele presencia a violência. Essa memória é revivida no momento que a menina assiste ao assassinato da criança que lhe apresentava a escola, a partir do seguinte trecho: “É impossível respirar. O sol castiga. Cibele tenta estancar a ferida de sua testa com a palma da mão e, depois de secar as vistas, vê a voz da mãe entre os dedos ensopados: não olhem, crianças, não olhem!”. Reconhecendo a origem do trauma, ela consegue dominar a gagueira mesmo que aos poucos. Além disso, penso que a repressão do ato de fala também é uma metáfora para a frustração de falar por si mesma, de manifestar sua própria vontade e sua subjetividade, fora a questão de *ter uma voz*, vinda de uma menina indígena, que pode provocar outros debates, como representação social e autonomia frente ao mundo patriarcal da ND.

Outro aspecto que posso citar desse trecho é a sinestesia em “vê a voz da mãe”. Por diversas vezes, à medida que Cibele se livra do domínio do Chip, essa figura de linguagem é mais comum. Isso também a aproxima da figura materna: nas narrativas em Hadassa, o adjetivo serve a esse propósito, como em “gosto ladeirento” e “branco azedo”.

Ainda quanto à linguagem, durante a narrativa de Hadassa em “Freedom”, além dos flashbacks cujo propósito é acentuar a vivência pataxó e chamar atenção para o processo de manutenção da memória da personagem, faço metáforas que traduzem uma visão de mundo conectada à natureza. Assim, Erdefim é visto como uma cobra, o Seu Gil lembra um gorila, e assim por diante. Contudo, após sete anos, iniciando-se o segundo subcapítulo, essas metáforas e comparações são abandonadas; em seu lugar, há um mundo tecnológico como sugestão imagética. Evidenciei isso quando a personagem descreve a Torre Ouranós como um abacaxi e considera ridícula a comparação ao lembrar-se dela.

Ademais, a imaginação da personagem também é enfraquecida: se no começo da narrativa é possível ver a inventividade de Hadassa agindo em visões de violência em seu desejo de salvar os filhos na cena de implante de chip, ou quando pensa em matar Erdefim, isso deixa de acontecer depois do primeiro subcapítulo. Fiz uso de cenas de violência porque pretendia deixar claro que ela ainda manifestava uma forte vontade de se libertar, mas esse processo de *imaginar outra realidade* deixa de acontecer no segundo momento do livro. Em especial, elaborei duas cenas paralelas que realçam a perda dessa potência criativa; em “Freedom”, Hadassa pisa na terra e consegue ver o povo indígena que morou lá, contudo, já em “Equality”, apesar de anos morando na mesma casa, não consegue fazer o mesmo quando passeia com o pé em um buraquinho no chão de seu quarto.

Além desse aspecto da linguagem, quando o ponto de vista está em Cibele, escrevo em parágrafos de quatro linhas: manter essa estrutura serve para indicar padronização de um modo de ver o mundo, uma clausura; novamente, pretendo que o leitor *sinta* isso (assim como pretendi com a alternância de foco narrativo constante), e achei útil usar desse aspecto visual. A partir do momento que ela se livra do chip, pensando então fora da caixinha, tal padrão é abandonado. Tive essa ideia enquanto lia *Não verás país nenhum*, de Ignácio Loyola Brandão, e a constância de suas cinco linhas por parágrafo,

embora tenha optado por quatro por ter considerado o texto mais fluído dessa forma. Somada a isso, uma mudança física materializa o conflito: a monocelha de Cibele é preservada no desfecho da narrativa. Diferente de sua genitora – que desde o começo mantém a monocelha e a valoriza –, Cibele tem vergonha dessa característica e, paradoxalmente, o que poderia diferenciá-la das demais pessoas, pois é uma sociedade que celebra o individualismo, torna-se motivo de deboche: a aparência possui padrões que as mulheres devem seguir.

No início de “Equality”, são descritos os olhos e as sobrancelhas dela como “as águas do mar azul do olho direito não se misturam com os esverdeados rios do olho esquerdo; sobre esse encontro de águas, o que antes era um oceano, interrompe o ciclo da vida com uma afiada gilete a cada dois dias; a monocelha é insuportável”. Desse modo, a dualidade está presente não só na diferente cor dos olhos, mas também na forma como a negação da monocelha *corta* a ligação com a mãe e com a ancestralidade pataxó, metaforizada no ciclo da vida a partir da imagem do oceano. Como explicado anteriormente, o termo pataxó é originado da quebra das águas na praia, por isso, a simbologia com a água é tão importante. O rosto da personagem é construído de forma simbólica. E o verdadeiro nome da personagem funciona como uma metáfora para o ciclo da água e, por extensão, da vida.

Por fim, além desses aspectos estilísticos para desenvolver as personagens, acrescentei notas de fim e de rodapé no primeiro capítulo de modo a produzir um efeito: o incômodo. Assim como a vida é burocrática na Nova Democracy, a leitura também deve ser.

2.4.2.3. O conflito

O conflito é definido pela oposição de pessoas ou de forças nas obras dramáticas e nas narrativas de ficção, ele é “a matéria-prima com que é tecida a intriga” (SHAW, 1978, p. 116). Segundo Shaw (1978, p. 116-117), esse elemento da narrativa pode ser do tipo homem contra o mundo físico, como os desafios de sobreviver frente à chuva e ao frio; ou a luta do homem contra o homem, acentuando-se um conflito social, por exemplo, de dois personagens que almejam o mesmo cargo em uma empresa ou disputam o amor de um igual. Uma variante dessa categoria é o conflito da personagem contra a sociedade.

Por fim, há ainda um conflito de caráter psicológico quando a luta ocorre no interior do indivíduo e entre desejos opostos. Essa classificação não significa, no entanto, a impossibilidade de existência de diferentes conflitos em uma mesma obra. O conflito é uma categoria móvel e dinâmica, como será exemplificado a seguir.

Para Renata Pallottini, em *Dramaturgia – a construção do personagem*, há duas dinâmicas envolvidas no desenvolvimento de um conflito, dividindo-o, para efeitos de estudo, em interno e externo. O primeiro ocorre dentro da própria personagem, em suas dúvidas e anseios; por exemplo, quando Hamlet, na oportunidade de matar seu tio e vingar-se pela morte do pai, poupa a vida do assassino (PALLOTTINI, 1989, p. 79). Já o conflito externo são os obstáculos encontrados pela personagem no percurso da narrativa, obstruindo a efetivação de seu objetivo – ou, na conceituação de Brasil, de sua questão essencial. Pallottini (1989, p. 81) cita Macbeth e seu ímpeto de tomar o trono de Duncan, e este, concretizando o obstáculo da protagonista, almeja permanecer nele. É o caso do conflito personagem contra personagem – ou, ainda, personagem contra grupos de personagens, visto o conjunto de opositores a serem enfrentados.

Além disso, a pesquisadora desconsidera o conflito enquanto unidade estática. Em *Romeu e Julieta*, famosa tragédia de Shakespeare, o primeiro conflito concentra-se na temática de grupo contra grupo: a família de Julieta Capuleto é inimiga da de Romeu Montecchio. No entanto, quando os protagonistas se apaixonam, as famílias unem-se para impedir o casamento deles. Assim, em resumo, o conflito passa a ser de dois personagens contra um grupo. Isso revelaria que,

além de ser dinâmico, de dever crescer, intensificar-se para, depois, sofrer uma verdadeira mudança, o conflito pode se transformar, pelo acréscimo ou supressão de algum de seus elementos. Um conflito colocado no início de uma peça pode, por importante que seja, desaparecer ou perder lugar, seja pela pura e simples solução, seja pela movimentação, troca de posições ou mudança de intenções de seus participantes (PALLOTTINI, 1989, p. 82).

Embora não esteja escrevendo uma dramaturgia, baseio-me nessa construção do conflito dinâmico. Na primeira seção “Freedom”, o conflito é de personagem contra a sociedade: com o objetivo de sobreviver e de salvar seus filhos, Hadassa enfrenta como pode o mundo da Nova Democracy e seus aparelhos escravagistas. Por outro lado, na segunda parte do romance, o conflito de Cibele concentra-se em um conflito interno (a *questão essencial* já discutida) que cresce ao mesmo tempo em que outro conflito aparece no

decorrer das páginas: o de grupo de personagens (os Acotirenes) contra a sociedade (a Nova Democracy).

Como ensina Brasil (2019, p. 151), o conflito deriva da necessidade de uma escolha em que as alternativas se equivalem em gravidade e em riscos. Essa escolha também pode ser responsável por manifestar a personalidade pois, segundo Robert McKee em *Story: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro* “o verdadeiro personagem é revelado nas escolhas que um ser humano faz sob pressão” (2006, p. 106). O teórico de cinema dá um interessante exemplo acerca da importância das escolhas: uma imigrante ilegal, que trabalha como empregada doméstica por debaixo dos panos para o único sustento de sua família, presencia um acidente em que um ônibus cheio de crianças colide contra um viaduto e pega fogo; nessa situação hipotética, ela é a única que pode chegar a tempo de salvar alguns daqueles jovens – essa situação coloca a personagem sobre forte pressão e alude a um dilema: a imigrante colocará sua própria vida em risco, afinal pode ser reconhecida e exportada, e ajudará as crianças, ou ignorará essa situação trágica? As escolhas que as personagens fazem revelam sua natureza interna (MCKEE, 2006, p. 107), lembrando o velho conhecido lema de EC: *não fale, mostre*. O fundamento da “escolha de Sofia” foi o exercício que usei para pensar minhas personagens: tendo que escolher entre lutar ou deixar as coisas como elas são, escolhem a batalha. E correm os riscos.

Baseado nisso, no romance Cibele altera o modo como vê seu conflito e, após passar a primeira metade da narrativa em negação, reconcilia-se com sua ancestralidade a partir do contato com os revolucionários. Segundo Brasil (2019, p. 116), essa alteração da personagem a respeito do conflito equivale ao que se debate, em outros livros sobre a EC, quanto à transformação da personagem. Para o escritor gaúcho não ocorre necessariamente uma transformação, mas, sim, uma mudança de perspectiva na atitude da personagem frente ao seu conflito. Segui essa proposta e, logo, Cibele nega a Nova Democracy e deseja vingar-se pela morte da mãe. Nisso estaria a concretude da alteração do ponto de vista de minha protagonista e, por extensão, uma mudança na perspectiva em que encara seus conflitos.

2.4.2.4. Linguagem, técnica e o diabo dos detalhes

a) O adjetivo como recurso para o discurso indireto livre:

“Contudo, ao tentar equilibrar-se, e antes que pudesse se virar, o segundo invasor reage: o tiro de sua pistola acerta a coxa esquerda daquele índio desgraçado; agora tu morre, filha da puta.”

Faço uso deliberado do discurso indireto livre, lição aprendida em *Como funciona a ficção*, de James Wood (2012, p. 23), que explica como é possível ver coisas através dos olhos da personagem com essa técnica narrativa. O crítico literário dá o exemplo: “Ted olhava a orquestra por entre lágrimas idiotas”; ora, o adjetivo “idiotas” é da opinião do próprio Ted e aparece no interior da narração sem a utilização de nenhum marcador. Esse poder do adjetivo de orientar para a voz de uma personagem aparece logo na primeira página do romance com “daquele índio *desgraçado*”. Não é o narrador, portanto, que chama o índio de desgraçado, mas a personagem que nomeio de segundo invasor quem o faz para, logo em seguida, soltar um fala – *agora tu morre, filha da puta* – sem necessidades de outras marcações utilizando verbos (ele disse) ou de caráter visual (aspas ou travessões).

b) Aspectos da revisão e o homem coisificado:

“Dentro da carroceria do caminhão, enquanto feridas de pés desterrados denunciam a longa caminhada até aqui, o raspar ainda quente das cabeças confessa a violência das facas e facões. Mãos retêm perto do peito o que restou de suas camisas. Calças encharcadas misturam barro e sangue. O choro dos filhos interrompe o silêncio funério: somos o que restou, Josefá conclui” .

“Dentro da carroceria do caminhão, enquanto as feridas abertas dos pés descalços denunciam a longa caminhada até aqui, algumas cabeças recém-raspadas confessam a violência das facas e dos facões. Outras mãos retêm perto do peito o que restou de suas camisas. Há calças encharcadas com uma mistura de barro e sangue. O choro dos filhos de Josefá interrompe o silêncio fúnebre. Ninguém mais sobreviveu, conclui.”

Esse segundo parágrafo é a primeira versão que escrevi e serve como modelo de comparação para algumas questões de meu processo de revisão. Considero indispensável observar o uso desnecessário de artigos e adjetivos. Na primeira sentença,

o corte do artigo definido em “*as feridas abertas*” traz agilidade e faz a frase soar melhor. Se nesse primeiro caso a simples exclusão resolve, o adjetivo “abertas” é ruim porque pouco original, um lugar-comum. Por outro lado, um pé desterrado me pareceu mais específico – um pé que fora expulso da sua terra, expatriado, informa com melhor qualidade sobre aquelas pessoas e invoca uma sugestão um tanto quanto mais singular, o que me agrada. A supressão de “algumas”, “outras”, “dos” e “há” também segue o mesmo caso do corte de artigos: mais agilidade e força, acredito.

O adjetivo é uma questão que necessita de mais dedicação: deve ser específico, fugir das facilidades do óbvio. Por vezes, os termos podem ficar pesados como “cabeças recém-raspadas”; nesse caso, a imagem desejada até funcionava, mas o modo como fora dito me soava amadora. Então, aboli o adjetivo “raspadas” e substantivei o verbo “raspar” com o artigo definido, em seguida, acrescentei um outro adjetivo que apelava para o tato – *o raspar ainda quente das cabeças* traz a mesma informação, porém, é a ação que está quente e, com isso, a imagem ganha força. Sempre que penso em descrições, mesmo que breves, como a dessa cena, reflito em qual dos cinco sentidos humanos posso trabalhar – quais cheiros? Que cores? E a luminosidade? Algum som inusitado? Um gosto diferente na boca? Há sempre detalhes que podem melhorar pensando nisso. É um bom exercício.

Ainda quanto ao adjetivo, um “silêncio *fúnebre*” funciona para a cena, afinal, todos ali perderam parentes ou pessoas queridas; contudo, na segunda versão, optei por “silêncio *funério*” por conta da sonoridade quando li a frase em voz alta: a vogal aberta (ê), para indicar um silêncio que está sendo quebrado pelo choro das crianças, me pareceu preferível do que a dicção de o silêncio pesado de “fúnebre” – isto é, na própria leitura, quebra-se o silêncio. Logo em seguida a esse adjetivo, também substituí a frase – *Ninguém mais sobreviveu, conclui* – por uma afirmativa que incluía a própria Hadassa – *Somos o que restou, conclui*. – porque queria reforçar a importância da última fala de Hadassa antes de ser assassinada, quando diz que a filha era a última dos pataxós.

Nessa curta descrição, faço uso de algo que aprendi lendo *A orgia perpétua*, de Mario Vargas Llosa. No estudo da obra *Madame Bovary*, o escritor peruano versa acerca da maneira como o narrador humaniza as coisas inanimadas e, em outros momentos, coisifica o homem. Nessa explicação, o exemplo citado por Llosa (1979, p. 163-164) do romance do autor francês é o seguinte:

“Todo o mundo estava tosqueado de fresco, as orelhas afastadas das cabeças, as barbas feitas com cuidado; alguns, porém, apesar de levantados antes do amanhecer, por não enxergarem em se barbeando, apresentavam grandes arranhões diagonais por baixo do nariz [...]”

Percebe-se como essa desumanização acarreta a perda da individualidade porque desaparece o particular e prevalece apenas o geral e o compartilhado quando se descreve uma coletividade (LLOSA, 1979, p. 105). Descrevi a cena das pessoas retidas na carroceria com a mesma intenção de ressaltar seus aspectos compartilhados e, ao fazê-lo, desumanizá-los na medida em que eles perdem sua singularidade e partilham as mesmíssimas qualidades. Uma técnica que me pareceu adequada para salientar a violência que sofreram.

c) Flashbacks e a mesmice do verbo “lembrar”:

Txôpay, o que devo fazer? Se as águas fossem como aquelas de quando se banhava sozinha na cachoeira extasiada pela lua: fechando-se bem os olhos no mergulho, ainda que um pouco de água entrasse pela boca, desligava as preocupações; a calma da água tornava fácil submergir o corpo e sentir a correnteza regar a alma, purificando-a das energias negativas – escorrendo para longe os aborrecimentos e dissabores do dia. Uma vez, notou que Tohõ a espiava, [...] (grifo nosso)

Ainda é cedo e lá estava pedindo mais vinho como daquela vez, no segundo ano de trabalho na cidade, após uma comemoração no espaço de festa da parte de trás da casa. Hadassa chegou mais cedo para limpar o local como já era de costume (grifo nosso).

– Custa trinta CivitasCoins procurar um desaparecido com a CPI.

– Tenho só vinte e cinco.

– Posso adiantar o pagamento.

Previsível, concluía Hadassa enquanto se retirava da sala. Esta era a terceira vez que o SPI fazia isso: na primeira, Cibele havia passado mal na escola e foi preciso uma consulta médica (grifo nosso).

Outra coisa que me preocupava era a constância de utilização de flashbacks porque deveria evitar a facilidade de utilizar o verbo “lembrar” e seus sinônimos. Dada a quantidade de vezes que isso ocorreria, a possibilidade da repetição do recurso me incomodava. Para isso, precisaria criar situações específicas em que as memórias de Hadassa viriam de modo a parecer natural. No primeiro exemplo, utilizei uma reflexão sobre a imundície das águas e um resgate discursivo de como eram as cachoeiras de sua

juventude – daí a expressão “uma vez, notou que Tohō a espiava” viria com fluidez para iniciar o flashback que considerava importante para apresentar melhor Tohō, personagem morto logo no início do romance e pouco explorado; além disso, considerava verossímil uma mulher que perdeu seu marido de forma tão violenta lembrar-se dele e até conversar em seus pensamentos com o morto.

O segundo e terceiro exemplo são do segundo subcapítulo de “Nova Democracy”. Aqui, a narrativa é retomada passados sete anos desde que a família saiu do trabalho na fazenda e eu tinha um problema: deveria apresentar como Hadassa fora trabalhar para a família Forscher, como era sua vida até ali. Queria fazer isso de forma breve, mas também era uma oportunidade de aprofundar a personagem pois, se em “Freedom” suas memórias datam de vida indígena, agora tais lembranças desaparecem. Assim, Hadassa apenas rememora cenas e fatos da vida na distopia: há limites para a própria memória.

Por fim, são essas as questões particulares de meu processo criativo que gostaria de registrar. Nessa experiência, procurei sistematizar não só minhas pesquisas, mas também listar pontos a respeito da técnica literária escolhida e da linguagem. De meu ponto de vista, esses três tópicos – pesquisa, técnica e linguagem – são os fundamentos para escrever literatura. Outros caminhos poderiam ser percorridos? Talvez. No entanto, optei por aqueles que mais me angustiaram durante a escrita, que me fizeram retroceder, replanejar, reescrever – reviver a experiência da angústia da página em branco ou da insônia naquela frase que soa imperfeita. Essas foram, portanto, as questões que me pareceram mais pertinentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs, como objetivo geral, escrever um romance e, além disso, uma reflexão autoral sobre o processo criativo de sua composição. Infelizmente, por conta da pandemia do coronavírus, não pude visitar o povo pataxó. Era um desejo meu que esse texto fosse lido antes por alguns deles. Entretanto, com o atraso da vacinação em território brasileiro, considerei irresponsabilidade fazer esse contato direto de minha parte. Na oportunidade futura de publicar esse romance em formato de livro, penso ser essencial a leitura dele e até mesmo a autorização desses povos que tanto sofreram, ainda mais nos últimos anos com o processo de invasão de seus territórios, a farsa do Marco Temporal em avanço no Supremo Tribunal Federal, os constantes ataques dos poderosos, o genocídio escancarado, mas facilmente esquecido pelos jornais de prestígio.

Neste momento, sinto-me a perseguir novas miragens: o processo criativo ainda está em metamorfose (SALLES, 2013, p. 33). Por exemplo, considero que a história do personagem Rafael merece ser contada, por outro lado, ainda sinto que a personagem Cibele também pode ganhar novas dimensões em sua personalidade. A linguagem de personagens secundários também carece de atenção. Então, o romance está pronto? Quatro anos não foram suficientes para que eu consiga afirmar: publiquem! Acredito que posso torná-lo melhor. A angústia da página em branco é substituída pela ansiedade de fazer um livro que eu mesmo gostaria de ler – e, isso, ainda não alcancei. Penso nos livros que me marcaram: Raduan Nassar teria tido os mesmos problemas? Quando Saramago sabia que havia terminado *Ensaio sobre a cegueira*? E são outras as questões. Por hora, a tese-romance, ou o romance-tese, está pronto. Deixarei o texto dormir alguns meses. Após a defesa desta tese, julgo-me por demais mergulhado em sua história que posso não conseguir enxergar com clareza os seus defeitos. Talvez, com a distância dos meses, possa renovar meu olhar para uma nova leitura crítica e, com o tempo – quanto tempo será? – acredito que a vontade de a publicar em livro possa chegar. No momento, a vontade é de ainda revisar, reescrever – e cortar.

De qualquer modo, é inegável que a Escrita Criativa fornece um espaço de diálogo em que escritores iniciantes – que é meu caso – possam ter seus textos lidos e criticados por professores especialistas em literatura e que, por vezes, também são escritores. Para

quem deseja escrever, o longo caminho é encurtado quando se aprende como os mais experientes organizam seus textos, a maneira como criam e desenvolvem suas personagens ou como tratam a sonoridade de suas frases. E, principalmente, como também falharam. Porque se falha muito até escrever o primeiro romance. Entretanto, nessa troca de experiências, o trabalho de escrever já não é mais tão solitário e os erros, ainda que existam, não nos intimidam com o devorar das lâminas de suas guilhotinas da desistência.

REFERÊNCIAS

A COREIA do Norte é uma ditadura? **Centro de Estudos da Política Songun – Brasil**. 27 de mar. de 2020. Disponível em: < <https://cepsongunbr.com/2020/03/27/a-coreia-do-norte-e-uma-ditadura/>>. Acesso em: 23 jan. 2021.

ARAÚJO, Ernesto. About me. **Metapolítica 17**: contra o globalismo. Disponível em: < <https://www.metapoliticabrasil.com/about>> Acesso em 15 jun. 2021.

BENTIVOGLIO, Julio. **História & Distopia**: a imaginação histórica no alvorecer do século 21. Espírito Santo: Editora Milfontes, 2019.

BONFIM, Anari Braz. **Patxohá, língua de guerreiro**: processo de retomada da língua pataxó. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos) - Universidade Federal da Bahia, 2012. Disponível em <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/23957>> Acesso em: 23 jan. 2021.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Não verás país nenhum**: memorial descritivo. 23^a ed. rev. e atualizada pelo autor. São Paulo: Global, 2000.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. **Escrever ficção**: um manual de criação literária; colaboração de Luís Roberto Amabile. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. Tradução de Mario P. Marino, Eduardo Altheman. São Paulo: Editora Filosófica Politeia. 2019.

CAMPANELLA, Tommaso. **A cidade do sol**. Edição Castigat Moruss. 2001.

CARRERO, Raimundo. **A preparação do escritor**. São Paulo: Iluminuras. 2009.

CARRERO, Raimundo. **Os segredos da ficção**: um guia da arte de escrever narrativas. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

CARVALHO, Olavo de. A Nova Era e a revolução cultural. 4^a edição. São Paulo: Vide Editorial, 2014.

CHAUI, Marilena. **Notas sobre a utopia**. Ciência e Cultura, São Paulo, vol. 60, n. spe. 1, julho 2008. Disponível em <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252008000500003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 3 ago. 2021.

DOURADO, Autran. **Uma poética de romance**: matéria de carpintaria. Ed. revista e ampliada pelo autor. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DOYLE, Hélio Marcos Prates. **Revolução e democracia**: o poder popular em Cuba. 1992. 252 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 1992. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/37739>> Acesso em 21 abr. 2019.

ECO, Umberto. **Confissões de um jovem romacista**. Tradução de Marcelo Pen. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**: em conexão com as pesquisas de Lewis H. Morgan. Tradução de Nélio Scheider. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

ENTENDA como funcionam as eleições na Coreia do Norte. **Centro de Estudos da Política Songun – Brasil**. 9 de mar. de 2019. Disponível em: <<https://cepsongunbr.com/2019/03/09/entenda-como-funcionam-as-eleicoes-na-coreia-do-norte>>. Acesso em: 23 jan. 2021.

FERREIRA, Vítor Vieira. Utopias e distopias no século XXI e pós-modernismo. **Revista Papeis**, Campo Grande (MS), v. 19, nº38, 2015. Disponível em: <<http://seer.ufms.br/index.php/papeis/article/view/2988/0>> Acesso em 21 abr. 2019.

FROMM, Erich. “Posfácio” (1961). In: ORWELL, George. **1984**. Tradução de Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 365-379.

GRÜNHÄUSER, Juliana Teixeira. **Amor à guilhotina e como tudo começou**. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura, eixo Escrita Criativa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul,

Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10923/4071>>. Acesso em: 25 junho 2021.

JAMES, Henry. **A arte da ficção**. Tradução de Daniel Piza. São Paulo: Novo Século Editora, 2011.

JACOBY, Russell. **O fim da utopia**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Imagem imperfeita**: pensamento utópico para uma época antiutópica. Tradução de Carolina de Melo Bonfim Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

HORKHEIMER, Marx. La utopia. In: NEUSUSS, Arnhelm. **Utopía**. Barcelona: Barral, 1971. p. 91-102.

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas**: das revoluções coloridas aos golpes. Tradução de Thyago Antunes. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

KOHAN, Silvia Adela. **Como narrar uma história**: da imaginação à escrita: todos os passos para transformar uma ideia num romance ou conto. Tradução de Gabriel Perissé. Belo Horizonte: Gutenberg Editora, 2011.

LIMA, Carlos. **Genealogia dialética da utopia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

LLOSA, Mario Vargas. **A orgia perpétua**. Tradução de Remy Gorga filho; tradução dos trechos em francês de Piero Angarano. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MCKEE, Robert. **Story**: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro. Tradução de Chico Marés. Curitiba: Arte & Letra, 2006.

METEORO BRASIL. **Tudo o que você precisou desaprender para virar um idiota**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

MORAES, Deivid Junio Moraes. Entre oralidade e escritura: a forma dialógica em Platão. **Revista Ética e Filosofia Política**, v. II, p. 116-134, 2016. Disponível em:

<<https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia/article/view/17627>> Acesso em: 21 abr. 2021.

MUELLER, Antony. O marxismo cultural e o politicamente correto contra o povo – quem vence? **Mises Brasil**, 16, out. 2018. Disponível em: <<https://www.mises.org.br/article/2953/o-marxismo-cultural-e-o-politicamente-correto-contra-o-povo--quem-vence>> Acesso em: 21 abr. 2021.

MORUS, Thomas. **Utopia**. Tradução de Ciro Mioranza. São Paulo: Lafonte, 2017.

MOYLAN, Tom. **Distopia**: fragmentos de um céu límpido. Tradução de Felipe Benício, Pedro Fortunato e Thayrone Ibsen. Maceió: EDUFAL, 2016.

ORWELL, George. **1984**. Tradução de Alexandre Hubner e Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

PAVLOSKI, Evanir. **A distopia do indivíduo sob controle**. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná (PR). 2005. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/2996/A%20Distopia%20do%20Indiv%3Fduo%20Sob%20Controle.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 21 abr. 2019.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia**: construção do personagem. São Paulo: Editora Ática, 1989.

PEREIRA, Moema Vilela. **A morte veio visitar meu avô e esqueceu quem ela era**. Dissertação (Mestrado em Escrita Criativa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2101>>. Acesso em: 25 junho 2021.

PATAXÓ, Kanátio. **Txopai e Itohã**. Belo Horizonte: MEC: UNESCO: SEE, 1997.

PLATÃO. **A república (ou Da justiça)**. Tradução de Edson Bini. 3ª ed. São Paulo: Edipro, 2019.

RAND, Ayn. **A Virtude do Egoísmo**, extraído de Le Livros, disponível em: <<http://lelivros.love/book/baixar-livro-a-virtude-do-egoismo-ayn-rand-em-pdf-epub-e-mobi-ou-leronline/>> Acesso em: 8 jun. 2019.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **A origem da desigualdade entre os homens**. Tradução de Eduardo Brandão. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **O contrato social**: princípios do direito político. Tradução de Ciro Mioranza. São Paulo: Lafonte, 2018.

SANTANA, Cleidiane Ponçada. **Cantos Tradicionais Pataxó na Língua Patxôhã**. Trabalho de conclusão de curso (Formação intercultural para educadores indígenas). Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <<https://www.biblio.fae.ufmg.br/monografias/2016/cleideane%20poncada%20santana.pdf>> Acesso em: 5 jun. 2020.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 6. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

SHAW, Harry. **Dicionário de termos literários**. Tradução e adaptação de Cardigos dos Reis. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.

SILVA, A. L.; PARAÍSO, M. H., URBAN, G.; ORLANDI, E., LUZ, M.; RODRIGUES, M. C. **Lições de Bahetá**: sobre a língua Pataxó-Hãhãhã. Cartilha baseada em gravações feitas com Bahetá: Comissão Pró-Índio de São Paulo. 1984. São Paulo/Campinas: USP/UNICAMP. Disponível em: <https://cpisp.org.br/wp-content/uploads/2019/02/Licoes_de_Baheta.pdf> Acesso em: 5 jun. 2020.

SILVA, Michel Goulart da. Reflexões sobre o “Marxismo Cultural”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 1, n. 3, p. 77–82, 2020. DOI: 10.5281/zenodo.3900667. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/165>. Acesso em: 15 set. 2021.

SIQUEIRA, Yan Patrick Brandenburg. **Nós de sangue**. Espírito Santo: Editora Cousa, 2017.

_____. **Oficina Literária de Escrita Criativa**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo. 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufes.br/handle/10/9237>> Acesso em: 5 jun. 2020.

SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. IN: Safatle, Vladimir; Junior, Nelson da Silva; Dunker, Christian. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. Edição do Kindle. 2020.

SZACHI, Jerzy. **As Utopias ou a Felicidade Imaginada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

WOOD, James. **Como funciona a ficção**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

ZAMIÁTIN, Ievguêni. **Nós**. Tradução de Gabriela Soares. São Paulo: Editora Aleph, 2017.